

# Jornalismo Cultural na Rádio: O Tempo Dedicado às Peças de Cultura na Antena 1

Sara Raquel Fechas dos Santos

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Jornalismo

Orientado pelo Professor Carlos Andrade  
Escola Superior de Comunicação Social  
Instituto Politécnico de Lisboa

Lisboa, outubro de 2016

# DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO

Declaro por minha honra que este relatório de estágio é um trabalho original e da minha autoria para a obtenção de grau de Mestre em Jornalismo.

Todas as fontes citadas no relatório estão devidamente identificadas. Tenho consciência de que o plágio pode levar à anulação do trabalho apresentado.

A candidata:

---

# AGRADECIMENTOS

À minha família, por terem acreditado que eu iria conseguir finalizar este trabalho.

Ao meu namorado, Pedro Raimundo, sem ele, provavelmente teria desistido. Obrigada por todo o apoio, esforço, paciência e horas queimadas em que me ajudaste, para que eu tivesse a “tese perfeita”.

Ao meu orientador, Professor Carlos Andrade, por todos os conselhos ao longo destes meses.

À Ana Cláudia, a Jessica e à Inês, que estiveram sempre presentes desde o início desta caminhada académica. Obrigada por estarem lá nos bons e maus momentos, pelos dias em que fizemos das bibliotecas segunda casa. Mas está feito, miúdas!

À Teresa Lemos, “Tété”, por me dar força nos momentos em que pensei desistir.

À Catarina Dias e ao Miguel Silva pelos: “Então já acabaste o bicho?” e “Então, ‘tá feito?”. Vocês são os maiores! Obrigado por estarem a meu lado, sempre.

À Filipa Ribeiro, por toda a ajuda e companheirismo que tivemos durante estes dois anos de mestrado.

À Sara Gouveia, que acompanhou este processo desde o início e se tornou uma grande ajuda em tantas alturas que é impossível contá-las.

À equipa da Antena 1, que me recebeu como se fosse parte da família.

Obrigada ao Mário Galego, “o boss”, pelos ensinamentos.

Agradecimento especial à fantástica equipa da cultura da Antena 1, por terem sido tão pacientes e me terem ajudado em tudo.

À orientadora de estágio, Maria de São José, obrigada pelas oportunidades dadas e por estar sempre disponível a ouvir.

Gratidão também aos que já não estão comigo, mas que são sempre inspiração para continuar.

# RESUMO

**Palavras-chave:** Jornalismo Cultural; Relatório de Estágio; Antena 1; Cultura; Rádio

Este trabalho surge no âmbito do Mestrado em Jornalismo e resulta de três meses de estágio curricular. O estágio foi realizado entre 4 de janeiro e 1 de abril de 2016, na direção de informação da Antena 1. Neste relatório estão presentes as experiências enquanto estagiária, as tarefas realizadas nos turnos e na editoria de cultura e também a análise do tempo dedicado às peças de cultura durante três semanas de observação. Pretende-se com este relatório mostrar como é feito o jornalismo cultural na Antena 1 e igualmente, perspetivar o futuro deste tipo de jornalismo na rádio.

# ABSTRACT

**Keywords:** Cultural Journalism; Internship Report; Antena 1; Culture; Radio

This essay comes in the framework of the Master of Journalism and within there is the report of three months of the curricular internship. This internship took place between the 4th of January and the 1st of April of 2016, in the direction of information of Antena 1. In this report are present the experiences as a intern, the tasks carried out in the shifts and in the culture editorial office, as well as, the analysis of the time dedicated to the culture reports during three weeks of observation. It is intended with this report to show how cultural journalism is made in Antena 1, and equally, look to the future of this kind of journalism in radio.

# Índice

DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO .....	II
AGRADECIMENTOS .....	III
RESUMO .....	IV
ABSTRACT .....	V
INTRODUÇÃO .....	3
CAPÍTULO I – Metodologia de investigação.....	5
1.1. Análise documental .....	5
1.2. Observação participante e análise de conteúdo .....	6
1.3. Entrevistas semidirectas .....	7
CAPITULO II – RDP/RTP: História e estrutura empresarial .....	9
2.1. Breve história da instituição de acolhimento.....	9
2.2. RTP: A rádio pública atualmente .....	10
2.2.1. Antena 1 .....	10
2.2.2. Antena 2 .....	10
2.2.3. Antena 3 .....	11
2.2.4. Açores e Madeira.....	11
2.2.5. RDP Internacional e RDP África .....	11
2.2.6. O <i>online</i> e os canais temáticos .....	12
2.3. A estrutura da Antena 1 .....	12
2.3.1. Os turnos.....	12
2.3.2. As editorias: A editoria de Cultura.....	13
2.3.3. Os programas: <i>Só Neste País, Visão Global, Portugal em Direto e Antena Aberta</i> ; .....	14
CAPÍTULO III - Estado da Arte .....	16
3.1. Jornalismo Radiofónico.....	16
3.2. “Cultura” – definição de um conceito complexo .....	17
3.2.1. Cultura e as definições clássicas .....	17
3.2.2. Definições contemporâneas.....	18
3.3. Jornalismo cultural: definição do conceito.....	19
3.3.1. As suas características e especificidades.....	19
3.3.2. Aplicabilidade do jornalismo cultural: o caso português .....	21
3.4. O jornalismo cultural na Antena 1.....	22
3.4.1. Análise do tempo dedicado às peças de cultura da Antena 1 .....	25
CAPÍTULO IV - Descrição do Estágio.....	34
4.1. Agendamento e rotatividade.....	34

4.2. A semana de adaptação.....	34
4.3. O trabalho desenvolvido na Antena 1.....	35
4.3.1. Acompanhamento na editoria de Cultura .....	36
4.3.2. Madrugada dos Oscars .....	38
CONCLUSÕES.....	40
BIBLIOGRAFIA.....	43
ANEXOS.....	46
Anexo 1: Declaração de estágio .....	46
Anexo 2: Exemplo de Ficha de Leitura .....	47
Anexo 3: Tabela de contabilização do tempo dedicado às peças de cultura, nos noticiários da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde, durante os dias 15 de fevereiro a 4 de março:.....	52
Anexo 4: Tabelas e gráficos de análise de conteúdo .....	65
4.1. Tabela de contabilização de noticiários da Antena 1 dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde .....	65
4.2. Tabela de contabilização de peças de cultura emitidas nos noticiários dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde da Antena 1 .....	65
4.3. Tabela de peças de cultura repetidas nos noticiários da Antena 1 dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde .....	66
4.4. Percentagem de peças realizadas pela Editoria e pelos Turnos .....	66
4.5. Tabela de temas abordados nas peças de cultura .....	67
4.6. Percentagem do tempo dedicado às peças de cultura na Antena 1 .....	67
Anexo 5: Entrevistas.....	68
5.1. Entrevista Mário Rui Cardoso – coordenador da editoria de Cultura.....	68
5.2. Entrevista Maria de São José – subdiretora da direção de informação da Antena 1 .....	84
5.3. Entrevista Miguel Soares – editor da Manhã 1 .....	90
5.4. Entrevista Daniel Belo – editor da Manhã 2 .....	93
5.5. Entrevista Nuno Rodrigues – editor da Tarde.....	98
5.6. Entrevista Alexandra Sofia Costa - repórter na equipa de Cultura .....	102
5.7. Entrevista Sandy Gageiro – jornalista.....	108

# INTRODUÇÃO

“Cabe hoje ao jornalismo cultural encontrar novos paradigmas, novas formas de atuação, e escapar à ideia clássica de "agenda", cingindo-se ao lançamento de discos, livros ou mostras de artistas consagrados. (...) É preciso arriscar e estabelecer novas relações entre as coisas, porque a realidade está mais complexa.”

(Wilson, *apud* Belanciano, 2008)

Foi em meados de outubro do ano passado que os alunos de Mestrado da Escola Superior de Comunicação Social, eu incluída, tiveram de fazer a escolha do tema para o seu trabalho final. Optando por realizar um relatório de estágio, sabia que teria de escolher um tema que me interessasse e ao qual me conseguisse dedicar durante os meses seguintes. Durante toda a minha vida segui com atenção assuntos relacionados com a cultura, especialmente o cinema e a música – por isso, sabia que juntar o jornalismo a esta área seria a melhor opção. Assim, este relatório de estágio pretende ser um contributo para os estudos de jornalismo cultural na rádio, sendo que a maior do que existe sobre esta especialização recai sobre a imprensa. O peso, a importância, o tempo dedicado e a forma como se faz jornalismo cultural na Antena 1 foram os tópicos que pretendi abordar neste relatório de estágio.

Mesmo não sendo uma escolha diretamente minha, fui colocada na RTP, mais precisamente na direção de informação da Antena 1, onde realizei um estágio com a duração de três meses (de 4 janeiro a 1 de abril de 2016). Com esta experiência consegui ter contacto com as várias secções existentes na rádio pública e aprender com os profissionais como se faz jornalismo e jornalismo cultural.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos: o Capítulo I apresenta as metodologias utilizadas para a concretização da investigação, sendo elas a análise documental, a análise de conteúdo e observação participante e as entrevistas semidirectas; no Capítulo II está presente uma breve história da RDP, assim chamada antes de ficar conhecida como RTP em 2004 - neste capítulo faço também referência à estrutura da rádio pública, definindo cada uma das Antenas (Antena 1, Antena 2, Antena 3, Açores e Madeira), a RDP Internacional e ainda os canais *online*; no Capítulo III, é desenvolvida a parte teórica deste relatório de estágio, onde explico o que é o jornalismo radiofónico e as suas especificidades, defino os conceitos de cultura e jornalismo cultural, evidencio como se faz jornalismo cultural na Antena 1 e analiso as três semanas em que acompanhei a editoria de Cultura. Por fim, no Capítulo IV, é feita uma descrição do que foi o estágio na Antena 1, as tarefas que desenvolvi e o acompanhamento que fiz na editoria de Cultura,

com um pequeno subcapítulo dedicado à oportunidade que me foi dada pela direção da Antena 1 de poder acompanhar a Gala dos Oscars com a equipa da Madrugada.

Uma vez que se trata de um relatório de estágio e que a observação participante é elementar, resolvi que iria analisar o tempo dedicado às peças de cultura na Antena 1. Da análise feita consegui retirar resultados importantes que, juntamente com toda a bibliografia consultada e a ajuda dos profissionais que entrevistei, me levaram a retirar conclusões acerca do Jornalismo Cultural praticado na rádio pública.

# CAPÍTULO I – Metodologia de investigação

Para a realização do presente relatório de estágio, foi necessário utilizar três diferentes metodologias de investigação: análise documental, análise de conteúdo feita lado a lado com a observação participante e entrevistas semidirectas. Este capítulo pretende explicar cada uma destas fases e como elas foram concretizadas.

## 1.1. Análise documental

Na fase inicial de uma investigação é preciso recolher informações acerca do tema a estudar. No caso em particular deste relatório, sabia que teria de começar por esclarecer o que são os conceitos de cultura e jornalismo cultural.

Depois de escolhido este ponto de partida, foram feitas leituras de artigos, livros e estudos de caso que ajudaram a obter conhecimentos sobre o tema e a recolher informação necessária para o desenvolver. A análise documental surge assim como uma metodologia adequada a que o investigador possa interpretar, sintetizar e determinar as tendências e, se possível, fazer inferências sobre o tema em estudo (Sá-Silva, Almeida, & Guindani, 2009, p. 10). No Manual de Investigação em Ciências Sociais, Quivy e Campenhoudt referem-se a esta fase como uma fase exploratória, em que as leituras têm como principal objetivo “retirar ideias para o nosso próprio trabalho”, implicando que sejamos capazes de “fazer surgir essas ideias, de as compreender em profundidade e de as articular entre si de forma coerente” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 57). Contudo, é impossível fazer uma leitura de tudo o que existe acerca do tema, não só devido à natureza deste trabalho, como também ao facto de não haver tempo para tal. Assim, há que fazer uma seleção das obras e textos principais que sejam mais importantes para o estudo (Bell, *apud* Calado & Ferreira, 2004, p.5).

Depois de feito o levantamento e as leituras dos documentos mais importantes, escolhidos de forma equilibrada, procurando ter uma bibliografia com qualidade e não em quantidade (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 52) para este trabalho, optou-se por ter como base o livro de Dora Santos Silva, que ajudou a definir o conceito de jornalismo cultural. Mesmo sendo um estudo mais direccionado para a imprensa, este livro é útil para fixar as especificidades deste tipo de jornalismo especializado – e isso mesmo pôde ser confirmado durante o meu tempo de estágio na Antena 1.

Após a seleção e a leitura, a informação recolhida foi organizada em fichas de leitura, ou seja, uma espécie de resumo. Rubi, no seu trabalho sobre a indexação, refere três fases importantes: a análise, que consiste na leitura para identificar e seleccionar os conceitos; a síntese, relacionada com a elaboração de resumos; e a “representação: por meio de linguagens documentárias” (Rubi, 2009, p. 82). Assim, as duas primeiras fases “sugerem que os textos passem por uma espécie de

«desestruturação»” (Fujita *apud* Rubi, 2009 p. 82). Desta forma foram elaboradas fichas de leitura, estruturadas em quadros<sup>1</sup> (para uma melhor organização e visualização das informações) fazendo uma separação dos conceitos importantes, seguidas de um resumo de todo o texto, “no sentido da produção de um conjunto de frases enunciados sintetizando o documento, como palavras-chave e anotações de classificação” (Rubi, 2009, p. 82). Feitas as fichas de leitura, tornou-se muito mais fácil fazer uma junção das informações conseguindo ligar ideias entre vários autores, e assim, construir o texto.

## **1.2. Observação participante e análise de conteúdo**

Visto que esta investigação se centra no estágio feito na Antena 1, a observação participante foi uma metodologia importantíssima para este relatório. O objetivo seria perceber, não só como se faz Jornalismo Cultural na rádio pública, mas também quanto tempo é dedicado às peças de cultura nos noticiários. Uma vez que a análise documental não permite “vivenciar a realidade dos factos” (Oliveira *apud* Souza, Kantorski & Luis, 2011, p. 223), a observação participante torna-se um elemento importante nesta investigação – devido à dificuldade em encontrar bibliografia sobre jornalismo cultural na rádio, e também pela natureza deste trabalho. Assim, utilizando a observação participante, foi possível colocar-me na posição dos observados, inserindo-me no meio, compreendendo os hábitos e as características de funcionamento do grupo (Proença, 2008, p. 16), neste caso, dos jornalistas da Antena 1.

Na redação, foram registadas num diário as tarefas realizadas, as críticas ou sugestões dos profissionais e um registo de trabalhos do que pôde ser considerado da área de jornalismo cultural na Antena 1. Com a observação participante, foi possível fazer uma recolha de dados e posteriormente uma análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é uma técnica descritiva, objetiva, sistemática e quantitativa cujo objetivo é o de captar as mensagens transmitidas, tornando-se assim possível fazer um inventário de elementos constantes, evidentes e homogêneos (Janeira, 1971, pp. 371-372).

Tal como referido previamente, o principal objetivo seria perceber quanto tempo é dedicado às peças de cultura nos noticiários. A análise presente neste relatório, consistiu em fazer uma recolha durante três semanas (de 15 de fevereiro a 4 de março), período de tempo em que permaneci na editoria de cultura. Pretendia-se assim retirar algumas conclusões, como a totalidade de tempo dedicado à cultura nos noticiários, quem faz Jornalismo Cultural (para além da editoria de Cultura) e o total de peças que passaram em antena. Todas as conclusões são apresentadas no Capítulo III deste relatório.

---

<sup>1</sup>Ver em Anexo: 1. Exemplo de Ficha de Leitura

### 1.3. Entrevistas semidirectas

As entrevistas semidirectas foram um contributo importante para o enriquecimento desta investigação. Uma vez que existe pouca bibliografia sobre o jornalismo cultural na rádio, falar com os profissionais ajuda a esclarecer como é feito, que aspetos há a melhorar, o que se fazia no passado e as diferentes opiniões sobre o tema. Assim, este estilo de entrevista pretende que seja possível “obter dados comparáveis” (Bogdan & Bilken, 1984, p. 135), dados estes que serão confrontados também com os resultados da análise de conteúdo realizada.

A opção de utilizar as entrevistas semidirectas deveu-se ao facto de ser a metodologia mais indicada tendo em conta a natureza deste trabalho. Contudo, é de notar que existem alguns inconvenientes ao realiza-las. Com perguntas abertas, os entrevistados podem expressar “exatamente o que lhes vem à cabeça sem sofrer influências”, mas também, “produzir material informativo extremamente diversificado e de difícil codificação” (Foddy, 1996, p. 142).

Durante as últimas semanas de estágio na Antena 1, foram realizadas um total de sete entrevistas, todas elas semidirectas, suportadas com o uso de um guião, que dispunha de um conjunto de perguntas abertas. Seis entrevistas foram realizadas presencialmente e apenas uma pelo telefone.

Os profissionais foram entrevistados num ambiente descontraído permitindo a cada um poder “falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier” (Quivy & Campenhoudt, 2008, pp. 192-193). Os entrevistados escolhidos foram: três editores, Miguel Soares, Daniel Belo e Nuno Rodrigues; o coordenador da editoria de Cultura, Mário Rui Cardoso; duas jornalistas, Alexandra Sofia Costa, que faz parte da editoria de Cultura e Sandy Gageiro, que trabalhou na área de jornalismo cultural; e, por fim, foi entrevistada a subdiretora da direção de informação da Antena 1, Maria de São José.

O objetivo desta quantidade de entrevistados era recolher o maior número possível de informações acerca do jornalismo cultural na Antena 1. Entrevistar os editores tinha como fim perceber qual a importância dada às peças de cultura em cada um dos turnos: Manhã 1, Manhã 2 e Tarde. A escolha de entrevistar estes editores recaiu no facto de, ao fazer a minha análise de conteúdo, ter optado por analisar estes três turnos. Nas três entrevistas, pretendi também saber como é feita a comunicação entre os turnos e a editoria de Cultura. Ao entrevistar o coordenador da editoria de Cultura, pretendia saber como funcionava a editoria, como se faz jornalismo cultural e a opinião sobre o futuro desta especialização na rádio. As duas jornalistas entrevistadas, ajudaram a perceber as técnicas do jornalismo cultural e quais as diferenças entre este tipo de jornalismo e o jornalismo generalista, assunto também discutido com o coordenador da editoria. Por último, com a entrevista feita à subdiretora, Maria de São José, consegui obter uma visão mais global sobre a importância do jornalismo cultural para a Antena 1, não só nos noticiários, mas também

nos outros programas produzidos pela rádio pública. Consegui juntamente com esta entrevista obter informações sobre o funcionamento da Antena 1, um auxílio para o capítulo que se segue.

## CAPITULO II – RDP/RTP: História e estrutura empresarial

### 2.1. Breve história da instituição de acolhimento

Foi na década de 30 do século 20 que nasceu a Emissora Nacional. As primeiras emissões experimentais foram realizadas em 1933 e “desde o primeiro momento (...) foi também visível a preocupação da EN em acompanhar os momentos importantes da vida do regime” (Ribeiro, 2005, p. 110). Vivia-se os anos do regime salazarista e a rádio era considerada um instrumento “técnico e discursivo ao serviço dos interesses de poder e (...) para a legitimação da ditadura” (Cordeiro, 2003, p. 2).

A Emissora Nacional chegou às colónias em 1934 e mais tarde aos Açores e Madeira. Depois do 25 de Abril de 1974, a Emissora Nacional passou a chamar-se RDP (Rádiodifusão Portuguesa) constituída por apenas um canal, que em 1981 passaria a chamar-se Antena 1. Foi no fim desta década que a RDP iniciou a sua expansão, criando a RDP Internacional em 1988, e no ano seguinte, a Antena 2. Nos anos 90, são criadas as estações RDP África e a Antena 3<sup>2</sup>.

Com a entrada para o novo século e com a aglomeração dos meios de comunicação do Estado, dá-se uma reestruturação da rádio e televisão públicas. Nasce assim, em 2004, aquilo que conhecemos até hoje como RTP – Rádio e Televisão de Portugal, uma junção entre a RDP e a Rádiatelevisão de Portugal. RDP e RTP passaram “a trabalhar aproveitando as sinergias, o que na prática se traduz na partilha da antiga taxa de radiodifusão, dos recursos humanos, de alguns programas (...) e de diversos serviços, como por exemplo a frota de automóveis e o departamento multimédia” (Pacheco, 2010, p. 38).

O Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora celebrado entre o Estado e a Rádiodifusão Sonora, S.A. em 1999<sup>3</sup>, pressupõe que a rádio e a televisão são: “o único ou principal fator de oferta cultural para muitos que não têm acesso a outros meios, sendo, por isso, um bem cultural de primeira necessidade”<sup>4</sup>. Assim, o objetivo do serviço público da RTP é o de “proporcionar à comunidade bens ou serviços que se têm por essenciais e que é suposto não poderem ser prestados através da iniciativa privada e dos mecanismos do mercado”<sup>4</sup>.

Neste contrato é também referido o facto de a rádio pública ter de garantir a produção de “três emissões de âmbito nacional (sendo uma de carácter pluritemático, outra de índole cultural e

---

<sup>2</sup>Dados retirados da Cronologia disponível em: <http://media.rtp.pt/80anosradio/historia/cronologia/> consultado a 18 de agosto de 2016

<sup>3</sup>Informação disponível em: <http://www.gmcs.pt/pt/servico-publico-de-radio>, consultado a 25 de outubro de 2016

<sup>4</sup>Disponível em: <http://www.gmcs.pt/pt/contrato-de-concessao-do-servico-publico-de-radiodifusao-sonora>, consultado a 25 de outubro de 2016

uma terceira vocacionada para o público juvenil); produzir emissões para as comunidades portuguesas residentes no estrangeiro e para os países de língua portuguesa”<sup>5</sup>. Todas estas estações de rádio serão apresentadas no ponto que se segue.

## **2.2. RTP: A rádio pública atualmente**

A rádio pública divide-se essencialmente nas três Antenas (Antena 1, Antena 2 e Antena 3); as Antenas nas regiões autónomas: Antena 1 Açores, Antena 1 Madeira e Antena 3 Madeira; a RDP Internacional; a RDP África; e, por fim, as rádios exclusivas do *online*.

As informações presentes neste ponto foram retiradas de uma pesquisa feita no *site* oficial da RTP, <http://www.rtp.pt/>, consultado em agosto de 2016, cruzadas com algumas referências bibliográficas e as informações recolhidas nas entrevistas feitas a Maria de São José, subdiretora da direção de informação da Antena, e ao coordenador da editoria de cultura, Mário Rui Cardoso.

### **2.2.1. Antena 1**

A rádio pública teve a sua primeira transmissão com a designação de Antena 1 em 1981, como foi referido anteriormente. Caracteriza-se por ser uma rádio de serviço público “com uma abrangência que permite ter todo o tipo de programas” (Cordeiro, 2003, p. 6) – estes programas vão desde a informação ao entretenimento. Atualmente, a programação generalista da Antena 1 inclui noticiários de hora a hora e, em alguns casos, também à meia hora, como acontece no horário da Manhã 1 e no horário da Tarde. Existem várias rubricas, tais como: *Revista de Imprensa*; *Portugalex*; *Se as Canções Falassem*; *Rádio Taxismo*; *O Som das Ideias*; *Grande Reportagem*; *Não Há Duas Sem Três*; *À Volta dos Livros*; *A Fé dos Homens*; *Cinco Minutos de Jazz*<sup>6</sup>, entre outros que serão referidos no ponto 2.3.3 deste capítulo.

### **2.2.2. Antena 2**

A Antena 2, conhecida nos anos 80 como programa 2, tinha uma emissão das 8h à 1h e dedicava-se à “promoção de uma cultura musical erudita” com “apresentações ao vivo das duas orquestras sinfónicas da RDP (Lisboa e Porto)” (Silva, Domingos, & Moreira, 2010, p. 165). Eram também transmitidos óperas ao vivo, programas de jazz, música popular e dramatização de textos.

Nos dias de hoje, mantém o modelo dedicado à música clássica e na sua programação tem uma estrutura que inclui três espaços para o noticiário: às dez da manhã, ao meio-dia e às quatro da tarde. Caracteriza-se por ter programas de autor diariamente e espaços semanais dedicados à música clássica e às artes, por exemplo: *Grande Auditório* e *Roteiro das Artes*, respetivamente<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup>Informação disponível em: <http://www.gmc.pt/pt/servico-publico-de-radio>, consultado a 25 de outubro de 2016

<sup>6</sup>Informação disponível em: <http://www.rtp.pt/antena1/programacao> consultado a 18 de agosto de 2016

<sup>7</sup>Informação disponível em: <http://www.rtp.pt/antena2/programacao> consultado a 18 de agosto de 2016

### 2.2.3. Antena 3

Direcionada para um público mais jovem, a Antena 3, criada em 1994, tinha como objetivo dirigir-se “a um dos mercados mais dinâmicos da rádio portuguesa, a juventude” (Silva, Domingos, & Moreira, 2010, p. 180).

Caracteriza-se por ser uma estação de rádio com uma componente forte de entretenimento, como os programas da manhã *Manhãs da 3* e *As Donas da Casa*. Nestes programas, existem rubricas diárias, como: *Audiogésicos da Dra. Ana Correia*; *Portugalex*; *Não Me Obriguem a Vir para a Rua Gritar* e *Linha Avançada*. E rubricas semanais: *E se o 6 fosse o 9?*; *O Último Livro Que Me Bateu*; *Aleixo FM*; *O Quinteto era de Cordas* e *#quemacreditavai*.<sup>8</sup>

A Antena 3 é centrada na cultura *pop* e emite novidades musicais, divulgando novos artistas, maioritariamente portugueses.

### 2.2.4. Açores e Madeira

As primeiras emissões da Antena 1 nas ilhas aconteceram em 1941, nos Açores, e em 1967, na Madeira (Pacheco, 2010, p. 37). Atualmente, nas regiões autónomas existem três antenas: a Antena 1 Açores, Antena 1 Madeira e Antena 3 Madeira.

Estas Antenas combinam alguns dos programas que passam na emissão da Antena 1 e da Antena 3 com rubricas produzidas nas ilhas.

### 2.2.5. RDP Internacional e RDP África

A RDP Internacional foi criada em 1987 e é a sucessora do antigo serviço de ondas curtas da Emissora Nacional. Desde 1934, no início do período experimental, a “intenção de criar um emissor de onda curta era particularmente significativa, uma vez que se referia expressamente que a EN teria vocação para transmitir para o «vasto império» e para os países de emigração portuguesa, como o Brasil e os Estados Unidos” (Silva, Domingos, & Moreira, 2010, p. 40). A RDP Internacional, é uma rádio generalista e que pretende ser “o grande elo de ligação dos portugueses no mundo”<sup>9</sup> (Saraiva, 2016). As emissões podem ser ouvidas através de satélite, FM ou pelo *site* da RTP.

Em 1995, um ano depois do surgimento da Antena 3, foi criada a RDP África, uma rádio que emite para Portugal e para países do continente africano. As transmissões regulares iniciaram em 1996 representando “uma significativa especialização da programação internacional” assim como, pretendia-se “estimular o desenvolvimento da chamada comunidade lusófona” (Silva, Domingos, & Moreira, 2010, p. 181).

---

<sup>8</sup>Informação disponível em: [http://media.rtp.pt/antena3/ouvir\\_tax/programas/](http://media.rtp.pt/antena3/ouvir_tax/programas/) consultado a 18 de agosto de 2016

<sup>9</sup>Informação disponível em: [http://www.rtp.pt/rdpinternacional/servicos/rdp-internacional-perfil-de-canal\\_9131](http://www.rtp.pt/rdpinternacional/servicos/rdp-internacional-perfil-de-canal_9131) consultado em 18 de agosto de 2016

## **2.2.6. O online e os canais temáticos**

Existem três rádios *online*, que podemos encontrar no site da RTP, cada uma com vertentes diferentes: a rádio Antena 1 Lusitânia foca-se nas músicas portuguesas dos últimos 50 anos; a Antena 1 Fado é exclusivamente dedicada à transmissão de fados; e, por último, a Antena 1 Vida, que tem como foco histórias e comentários.

## **2.3. A estrutura da Antena 1**

Este subcapítulo trata da estrutura da redação da Antena 1, uma vez que foi o local de realização do estágio. Optou-se por fazer uma distinção, neste subcapítulo, entre os turnos, editorias e programas da Antena 1.

### **2.3.1. Os turnos**

Os turnos, assim denominados, funcionam em horários estipulados pela direção. Existem cinco turnos: Manhã 1; Manhã 2; Tarde; Noite e Madrugada. Tipicamente cada um deles é constituído pelo editor e uma equipa de sete ou oito jornalistas<sup>10</sup>. Cada equipa garante os noticiários de hora a hora. Em alguns casos existem também edições à meia hora – por exemplo, no turno da Manhã 1 e da Tarde.

Durante o tempo de estágio, e ainda hoje, estes são os horários praticados pelos turnos na Antena 1: a Manhã 1 trabalha das 5h às 10h, tendo o primeiro noticiário às 7h; a Manhã 2 tem início às 9h e acaba às 15h, com o primeiro noticiário às 11h; o turno da Tarde inicia-se às 14h e termina às 20h, tendo o primeiro noticiário às 16h; a noite inicia o turno às 18h e termina às 00h, com o primeiro noticiário às 21h; e, por último, o turno da Madrugada começa às 23h e termina às 6h do dia seguinte, tendo o primeiro noticiário à 1h. Normalmente são sempre os mesmos editores responsáveis pelos turnos, a não ser em casos de folga, rotatividade de fim-de-semana ou férias. Depois das eleições presidenciais em Portugal, as equipas foram restruturadas e mantiveram os seguintes editores: na Manhã 1, Miguel Soares (que fazia a edição no Porto); na Manhã 2, Daniel Belo; na Tarde, Nuno Rodrigues; na Noite, Luís Soares; e, na Madrugada, Jorge Baeta.

É na “redação avançada” – espaço junto ao estúdio onde se faz a emissão em direto – que está a equipa de serviço. Antes do turno começar, há uma reunião, onde o editor distribui os temas por cada jornalista e onde fica decidido quem faz o quê. Cada reunião tem como objetivo “antecipar o trabalho e evitar o risco de estar dependente dos acontecimentos ocorridos durante a faixa horaria de trabalho de determinada equipa” (Bonixe, 2012, p. 93). Para efetuar a distribuição

---

<sup>10</sup>Nota: este número pode variar conforme a época do ano, folgas, férias e também o turno em questão. No caso da Madrugada, normalmente só está na redação avançada o Editor e os técnicos no estúdio. Aos fins-de-semana, o número de pessoas é também mais reduzido.

de tarefas é feito um levantamento na agenda dos acontecimentos específicos para aquele dia e para as horas em que vai decorrer o turno.

Cada editor tem na sua equipa um jornalista que lhe dá apoio. Ou seja, este jornalista ajuda o editor a fazer o alinhamento dos sons que vão passar no ar e também nos contactos com repórteres em território nacional ou internacional. Também é da responsabilidade deste jornalista fazer a chamada “passagem de serviço”, que consiste numa lista de tudo o que foi tratado durante o turno e a indicação das gravações que foram ou não transmitidas. Todas as informações devem estar atualizadas de modo a que o próximo turno não cometa erros. Esta “passagem de serviço” é sempre reduzida a escrito e enviada para o editor do turno seguinte, antes de ele começar o trabalho.

O objetivo destas equipas é dar as notícias, nacionais e internacionais, cobrindo os temas que estão na agenda do dia e os novos acontecimentos, para manter os ouvintes informados – uma vez que, “a preocupação dos jornalistas da rádio é o de responderem com notícias aos acontecimentos que vão sucedendo num período temporal de 24 horas” (Bonixe, 2012, p. 90).

### **2.3.2. As editorias: A editoria de Cultura**

Como explica, Maria de São José na entrevista realizada a 1 de abril de 2016, existem cinco editorias: a editoria de Desporto; a de Política; a de Cultura; a de Economia; a Sociedade, onde são trabalhadas várias áreas, como a saúde ou a educação - e “é também na editoria de Sociedade que nós incluímos a chamada informação local, que trabalham para o programa *Portugal em Direto*, um dos programas pilares do serviço público que nós temos na Antena 1”<sup>11</sup>.

Para além destas editorias, também existe na redação da Antena 1, a Grande Reportagem, coordenada por Mário Galego, onde são produzidas as “grandes reportagens”, para as quais, e por iniciativa “quer do Mário Galego, quer de nós direção, qualquer repórter pode ser chamado a esse desafio, de fazer uma grande reportagem”<sup>11</sup>.

A editoria de Cultura, na qual estagiei durante três semanas, é constituída por dois elementos: o coordenador Mário Rui Cardoso e a repórter Alexandra Sofia Costa. Ambos são os responsáveis pelos trabalhos desenvolvidos na área da cultura utilizados nos noticiários, sob a forma de peça/reportagem, entrevistas para espaços na programação em geral ou para programas específicos como o *Só Neste País*.

Na editoria de Cultura, são feitas peças, reportagens e entrevistas sobre temas culturais ou que estejam relacionados com a cultura. Durante as semanas de 15 de fevereiro a 4 março, acompanhei o trabalho realizado pelos dois elementos da editoria e, na maioria dos casos, fui com a repórter aos locais agendados. Esta questão é desenvolvida no último capítulo dedicado essencialmente à descrição daquilo que foi o estágio. O importante a referir aqui é que a editoria

---

<sup>11</sup>Ver em Anexo: Entrevista Maria de São José, subdiretora da direção de informação da Antena 1

de Cultura não trabalha só para os turnos. Podem surgir temas ou sugestões que são utilizados para grandes entrevistas, como foi o caso da realizada a Leonor Teles, quando ganhou o Urso de Ouro, e também podem surgir temas que permitam fazer peças mais alargadas para as outras Antenas. Por exemplo, uma peça sobre o tenor português nomeado para os Grammy, feita pela repórter Alexandra Sofia Costa, teve duas versões diferentes: a primeira de apenas um minuto e cinquenta segundos, que foi utilizada nos noticiários da Manhã 1, na Antena 1<sup>12</sup>; e a outra versão, com mais de dois minutos, que emitiu a Antena 2.

Na entrevista realizada ao coordenador da editoria de Cultura, Mário Rui Cardoso, ele explica que o importante é tentar “perceber onde é que aquele trabalho cabe”<sup>13</sup>. Assim, além dos editores dos turnos, também os responsáveis pela programação são avisados pela editoria:

“Se fazemos alguma coisa (...) que achamos que pode caber na Antena 2, então normalmente o que fazemos é ligar ao Paulo Alves Guerra, que é a pessoa que tem a responsabilidade pelo programa da manhã da Antena 2 e perguntar-lhe se ele tem interesse naquilo. Normalmente tem. Então produzimos uma coisa mais alargada para ele, porque ele tem um espaço de emissão de várias horas e portanto pode incluir no programa dele, uma coisa mais alargada”<sup>14</sup>.

Isto evidencia que existe comunicação entre os turnos e a editoria; e igualmente com as outras Antenas. Além dos regulares telefonemas, a comunicação também se concretiza numa reunião plenária, todas as quintas-feiras, onde estão presentes os editores dos turnos e os coordenadores das editorias e a direção de informação. Estas reuniões semanais servem para agendar aquilo que vai ser tratado durante a semana e os temas que tanto as editorias como os editores de turnos sugerem mutuamente.

### **2.3.3. Os programas: *Só Neste País*, *Visão Global*, *Portugal em Direto* e *Antena Aberta*;**

Durante os três meses de estágio, realizei tarefas em todos os turnos, e também pude produzir alguns trabalhos para as editorias e programas de serviço público da Antena 1. Apesar de maioritariamente ter realizado *vox-pops* ou *medleys* (como são designados na redação as recolha, na rua, de opiniões de cidadãos) para o *Só Neste País*, há também neste relatório referência a programas que a subdiretora Maria de São José considera “pilares do serviço público”<sup>15</sup> da Antena 1.

O programa *Só Neste País* é um magazine semanal que vai para o ar todos os sábados ao meio-dia, com duração de 30 minutos aproximadamente. Cada programa conta ”pequenas e

---

<sup>12</sup>Ver em Anexo Tabela de Contabilização

<sup>13</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Mário Rui Cardoso, coordenador da editoria de Cultura

<sup>14</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Mário Rui Cardoso, coordenador da editoria de Cultura

<sup>15</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Maria de São José, subdiretora de informação da Antena 1

grandes histórias (...) que a pressa dos dias nem sempre deixa escutar”<sup>16</sup>. Da autoria de Maria de São José e José Guerreiro, com produção de Rita Roque e Sandra Henriques, *Só Neste País* tem a participação das equipas de todas as Antenas, de norte a sul do país e também nas ilhas, de forma a dar a conhecer aos ouvintes histórias inéditas e desenvolver temas que estão na ordem do dia. Em cada edição existe um espaço para reportagens, entrevistas e *vox pops*.

Tal como foi dito anteriormente, durante o tempo de estágio houve a oportunidade de poder acompanhar e ajudar na produção deste programa. A minha tarefa e também a de outra colega estagiária era ir para a rua recolher opiniões das pessoas acerca de um tema em particular – tema esse que correspondia ao que iria ser tratado no programa daquela semana. Por vezes, era-nos também pedido para colocar questões mais gerais como: “o que é que só acontece neste país?”. Depois de recolhidos os sons, fazíamos uma seleção e edição dos que considerávamos mais interessantes, deixando para o técnico o restante trabalho de sonoplastia.

O *Visão Global* é um programa que tem regularidade bissemanal (terça-feira e domingo) e cada edição dura aproximadamente cinquenta minutos. Conta com a edição de Ricardo Alexandre e a participação de José Guerreiro e os comentários do embaixador José Cutileiro. Com a produção de Alice Vilaça, o *Visão Global* é uma “série semanal” constituída por “histórias que marcam a atualidade, reportagens e o comentário especializado”<sup>17</sup>.

O programa *Portugal em Direto* é diário, de 45 minutos, “com destaque para a informação regional”<sup>18</sup>. Este programa é produzido pelas redações das Antenas de norte a sul do país e ilhas, sob a alçada da editoria de sociedade. O objetivo é o de mostrar “os temas das regiões e o seu desenvolvimento, combinando a tradição e inovação, com a diversidade.”<sup>18</sup>.

Por fim, *Antena Aberta* é um “espaço de informação interativa”<sup>19</sup> em que os ouvintes podem participar e “debater um tema que se destaca na atualidade do dia”<sup>19</sup>. *Antena Aberta* é emitido diariamente às onze horas da manhã, durante cerca de meia hora. A edição tanto cabe a jornalistas que estejam nos turnos como a coordenadores das editorias. Durante o tempo de estágio, *Antena Aberta* era feito por Mário Rui Cardoso ou Mário Galego. Neste programa, os ouvintes e especialistas discutem assuntos sociais, políticos ou económicos. Os participantes ligam antecipadamente e são depois contactados pela Antena 1, aguardando a sua vez para poder falar em direto.

---

<sup>16</sup>Informação disponível em: <http://www.rtp.pt/programa/radio/p6282> consultado a 18 de agosto de 2016

<sup>17</sup>Informação disponível em: <http://www.rtp.pt/programa/radio/p2311> consultado a 18 de agosto de 2016

<sup>18</sup>Informação disponível em: <http://www.rtp.pt/programa/radio/p1043> consultado a 18 de agosto de 2016

<sup>19</sup>Informação disponível em: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p18444> consultado a 18 de agosto de 2016

## CAPÍTULO III - Estado da Arte

### 3.1. Jornalismo Radiofónico

O objetivo principal da rádio como meio de informação é o de transmitir as notícias atuais e “procura, acima de tudo, difundir factos no menor espaço temporal possível desde a sua ocorrência” (Bonixe, 2012, p. 49).

O modo como se trabalha a atualidade é diferente na rádio, uma vez que se trata de um meio obrigado a ter um acompanhamento constante, a estar sempre “em cima do acontecimento” e numa “luta contra o tempo” (*Ibidem*, pp. 157-158). O compromisso com um número exato de noticiários, cada um deles com uma duração específica, leva a que exista “uma seleção rigorosa das informações a tratar” (Lavoinne, 1986, p. 65). São estes fatores e outros, como a mobilidade, instantaneidade e proximidade que levam a caracterizar o jornalismo praticado nas rádios, como um jornalismo de escrita rigorosa.

Tal como foi aprendido nas aulas do curso, a escrita para rádio está ligada ao facto de ser uma escrita para ser ouvida e não lida, por isso, “os jornalistas e animadores de rádio encontram-se submetidos a duas ordens: (...) a da exemplaridade e a da comunicação” (*Ibidem*, p. 200). Isto quer dizer falar seguindo as melhores regras gramaticais e utilizando a linguagem da oralidade. A verdade é que a perceção de uma notícia em rádio é diferente de uma notícia de imprensa. Em rádio, quem ouve não pode “deter-se sobre o enunciado, repetir a leitura ou mesmo determinar a velocidade da enunciação” (Meditich, 1999, p. 177), o que leva ao dever de praticar uma escrita simples, clara, com frases curtas e com uma ideia por frase.

Paul Chantler e Sim Harris, na sua obra sobre Radiojornalismo, listaram um conjunto de regras de escrita para rádio, regras estas também estudadas e aplicadas durante as aulas do curso. Segundo os autores, escrever para rádio é como contar uma história e deve-se “então escrever como se fala, com uma linguagem coloquial” (Chantler & Harris, 1998, pp. 50-51). Chantler e Harris afirmam que as palavras utilizadas devem ser específicas, simples e concretas, evitando “quantidades imprecisas” ou palavras e expressões complexas (*Ibidem*, p. 54).

Por outro lado, o modo como as notícias são lidas pelo editor torna-se decisivo para a compreensão do ouvinte. No conjunto, a escrita clara, e concisa, e a leitura do locutor, condicionam a perceção que o ouvinte terá das notícias.

“o esforço do desvendamento do significado de uma palavra pode desviar o raciocínio do ouvinte de forma irrecuperável para a compreensão do texto da mensagem. A pronúncia do texto implica uma série de questões específicas, como aquelas condicionadas pela respiração do locutor que, se não for levada em conta por quem escreve, pode alterar o ritmo definido pela pontuação e tornar as frases ininteligíveis” (Meditich, 1999, pp. 177-178).

É igualmente essencial que o tom de voz seja firme, natural e informal, com um ritmo correto e dar-lhe “quantidades exatas de «luz» e «sombra» na voz” (Chantler & Harris, 1998, p. 74).

No que se refere à estrutura da notícia, tal como já foi referido, ela deve conter frases simples com uma ideia por frase. A “entrada”, ou seja a primeira frase da notícia, “deve ser breve e simples sem simplificar tanto que a notícia perca interesse e sem ser tão breve que produza um efeito telegráfico” (Prado, 1985, p. 49). O objetivo é que a primeira linha seja forte e que prenda a atenção do ouvinte. No encerramento da notícia, pretende-se que seja recuperado o essencial do que foi dito, ou que se acrescente mais informação, servindo assim para “fixar o que foi transmitido e para deixar interesse ao ouvinte” o que facilita também “a atenção para a informação seguinte” (*Ibidem*, p. 51-52).

### **3.2. “Cultura” – definição de um conceito complexo**

Antes de falar em jornalismo cultural, é preciso perceber primeiro o que se considera cultura. Muitos autores, ao longo dos anos, tentaram definir este conceito e o que encontramos hoje não é uma única definição de cultura, mas sim múltiplas.

Na verdade, definir cultura é uma tarefa complexa e difícil. Neste Estado de Arte, não irei colocar todos os autores e todas as definições, pois a lista seria muito extensa tornando a tarefa impossível. Veja-se que já em 1952, Kroeber e Kluckhohn identificaram mais de 150 definições.

#### **3.2.1. Cultura e as definições clássicas**

Em 1958, Raymond Williams dizia-nos: “Culture is ordinary: that is where we must start” (Williams, 1992, p. 5). Começamos então por esta ideia. A cultura é vulgar, é comum, é tudo o que nos rodeia, os nossos modos de vida e é também as artes e a educação. Williams, que ganhou maior prestígio pelos seus trabalhos na área da cultura, acreditava que esta palavra era uma das mais difíceis da língua inglesa. No seu trabalho de 1976, *Keywords*, Williams apresenta cultura dividindo-a em três categorias: a cultura como um processo intelectual, espiritual e desenvolvimento estético; como um processo de modo de vida; e como trabalhos ou práticas intelectuais e artísticas. (Williams, 1983, p. 90). Também Edward B. Tylor e T.S. Elliot abordaram o conceito de cultura. O primeiro colocava a cultura no meio da sociedade e afirmava que ela era um “complexo que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, as leis e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo membro da sociedade”<sup>20</sup> (Tylor, 1871). O segundo acreditava que “a cultura de um indivíduo não se isola da cultura de um grupo e que a cultura de um grupo não se

---

<sup>20</sup>Disponível em: <http://www.britannica.com/biography/Edward-Burnett-Tylor> consultado a 8 de dezembro de 2015

abstrai de toda a sociedade”<sup>21</sup> (Santos, 2005). Destas ideias retenho a existência de uma rutura com o conceito elitista de cultura – ela está no meio da sociedade como um todo e não pertencente só às elites.

O termo “cultura” foi sendo redefinido ao longo dos tempos, acompanhando o desenvolvimento da sociedade. Com o culminar da segunda revolução industrial, o mundo viu a evolução dos progressos técnicos e tecnológicos e como também foi possível criar uma cultura de massas. A mediatização dos produtos antes só consumidos por elites passou a ser feita pela rádio e televisão, permitindo ao simples operário ou ao idoso menos letrado aceder ao que lhe estava vedado. Assim nasceram as «indústrias culturais».

### **3.2.2. Definições contemporâneas**

Dora Santos Silva, docente e investigadora da FSCH-UNL, publicou uma obra em 2012 que é a base para este Estado de Arte, e que permitiu abrir caminho para as definições de cultura e de jornalismo cultural. Para nos dar uma definição de cultura, Silva mostra uma dupla significação retirada de conclusões em conferências da Unesco. Assim, cultura é: “conjunto de traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e em que se englobam para além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de vida em comum, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (Silva D. S., 2012, p. 42).

A autora brasileira, Isabelle Anchieta de Melo, também especialista no jornalismo cultural mostra a mesma reconfiguração do conceito de cultura, e afirma ainda existir uma grande diferenciação sobre a “Alta” e a “Baixa” cultura, algo que deve ser combatido pelo modo como se faz jornalismo cultural.

Em conjunto, Marisa Torres da Silva e Dora Santos Silva elaboraram um estudo sobre a revista *Visão* e também elas tentaram definir o que é cultura para conseguir explicar o fenómeno das tendências do Jornalismo Cultural naquela publicação: “Ainda hoje o conceito de cultura está a ser transformado continuamente pelos usos dos media, das pessoas e do ambiente tecnológico, fazendo com que se torne coletiva, virtual, convergente e participativa.” (Silva & Silva, 2014, p. 171).

Conclui-se assim, que este conceito é complexo, está em constante mutação e pode tanto englobar traços que definem uma sociedade, como pode estar relacionado com as artes.

---

<sup>21</sup>Disponível em: <http://industrias-culturais.hypotheses.org/10871> consultado a 8 de dezembro de 2015

### **3.3. Jornalismo cultural: definição do conceito**

Definir jornalismo cultural torna-se uma tarefa tão difícil como definir cultura. Dora Santos Silva acaba por definir jornalismo cultural como sendo “aquele que tem na sua essência práticas, bens ou perspectivas culturais.” (Silva D. S., 2012, p. 70). Nas considerações de Silva acerca do jornalismo cultural é importante reter que este se pode considerar semelhante ao jornalismo desportivo: foca-se num tema, mas também ele tem de se reger pelas regras éticas e deontológicas do jornalismo generalista e é influenciado pela economia e política do país. Contudo, não nos podemos esquecer que, devido à sua natureza, este tipo de jornalismo (o cultural) torna-se muito mais opinativo. Já o autor brasileiro Sérgio Gadini que possui trabalhos acerca do jornalismo cultural, analisando tanto o caso brasileiro como o caso português, considera que esta vertente do jornalismo compreende “os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, objetividade, clareza, dinâmica singularidade)” (Gadini, 2004, p. 52).

#### **3.3.1. As suas características e especificidades**

Tanto Dora Santos Silva como Anchieta de Melo falam acerca das especificidades e características que devem existir no jornalismo cultural. A autora brasileira destaca a função social como sendo importante e que faz chegar, de maneira clara e acessível, o que antes só era de certa forma permitido a alguns estratos sociais. A este fator tem de se juntar a formação humanística: uma vez que é preciso “codificar uma realidade complexa” (Melo, 2007, p. 6), o jornalista da área cultural tem de ter um conhecimento vasto dos temas, de modo a conseguir não apenas apresentá-los, mas explicá-los. Seguindo as ideias de Melo, a autora portuguesa apresenta também na sua obra as especificidades do jornalismo cultural. A primeira relaciona-se com o fator mediador de decodificar a mensagem antes de chegar ao leitor; a segunda refere-se à sua dupla função cultural que reproduz e cria. (Silva D. S., 2012, pp. 73-74).

No jornalismo cultural, são utilizados alguns géneros menos cultivados que no jornalismo em geral, como é o caso do perfil, biografia, necrologia e a crítica. A noticiabilidade e os valores-notícia são também importantes nesta área, determinando o interesse informativo e a atualidade. As fontes utilizadas devem partir das instituições e dos participantes, como os artistas. Todos estes fatores juntos tornam o trabalho desenvolvido pelo jornalista cultural mais rico, com mais crítica e profundidade, algo que ambas as autoras consideram estar em falta nos dias de hoje.

Mas o que difere este tipo de jornalismo do jornalismo generalista? Com as entrevistas feitas aos profissionais ligados ao jornalismo cultural na Antena 1, procurou-se saber qual é a diferença. Sandy Gageiro é jornalista na Antena 1, colocada neste momento na equipa do turno da Manhã 1, mas começou a trabalhar para a rádio pública, na área do jornalismo cultural durante dois anos.

Atualmente ainda faz peças de cultura e, na sua opinião, o jornalismo cultural não difere muito do jornalismo generalista. Existe sempre a preocupação de “ser isentos, objetivos, temos de tentar explicar da melhor forma aquilo que vamos dar a ouvir ao público”<sup>22</sup>. No entanto, no jornalismo cultural há a possibilidade de existir algo paralelo a acontecer: “dentro do âmbito da cultura podemos falar de tudo, porque há sempre política, geografia, literatura, há artistas que abordam todos os assuntos que existem”<sup>22</sup>.

Alexandra Sofia Costa, repórter que faz parte da editoria de Cultura, considera que a especificidade deste jornalismo tem muitas diferenças no que diz respeito à elaboração das peças. A junção dos sons e texto permite ao ouvinte imaginar:

“Quando tu tens uma peça de cultura, em rádio, tu podes pôr sons, podes pôr uma peça mais dinâmica do ponto de vista do ouvinte e apelar um bocadinho mais àquela questão que na rádio é tão importante, que é a imaginação a partir do som. E na cultura, tu (...) tens uma paleta de sons muito maiores do que tens por exemplo nas reportagens de política, em que está ali um senhor a falar e tu fazes uma peça simples, em que é a tua voz a voz dele”<sup>23</sup>.

Conforme sublinha, as peças de cultura permitem inovar, usar a criatividade, mas nem sempre é assim:

“Em cultura tu podes inovar um bocadinho, a cultura dá-te autorização, (...) para poderes ser diferente de outras peças, e é aí que eu acho que o jornalismo cultural difere do resto da atualidade. Mas nem sempre precisa de ser assim, há peças de cultura que também podem ser chatas, depende dos temas”<sup>23</sup>.

Na opinião do coordenador da editoria de Cultura, Mário Rui Cardoso, o jornalismo cultural na Antena 1, pode até ser um pouco generalista:

“Até acho que o jornalismo nesta área da cultura, na rádio, Antena 1 neste caso, deve ser um pouquinho generalista, deves falar das coisas de uma forma um pouquinho mais generalista, para abranger mais pessoas. Não deve ser simplista. As coisas devem ser feitas sempre de forma séria, inteligente, não devemos achar que as pessoas são burras, parvas. As coisas devem sempre sempre ser tratadas com respeito que merecem, nunca simplista. Generalista, porque não?”<sup>24</sup>.

Anchieta de Melo e Dora Santos Silva dão a conhecer as características que diferem o jornalismo cultural do jornalismo generalista. A mais importante é o facto de existir uma democratização, ou seja, aproximar os leitores, não publicar apenas para as elites. A função poética é também referida. Para Melo, o jornalista tem de dar conhecer a complexidade que existe nas

---

<sup>22</sup>Ver em Anexo: Entrevista Sandy Gageiro, jornalista

<sup>23</sup>Ver em Anexo: Entrevista Alexandra Sofia Costa, repórter da editoria de Cultura

<sup>24</sup>Ver em Anexo: Entrevista Mário Rui Cardoso, coordenador da editoria de Cultura

obras culturais e de que forma elas comunicam ou que mensagens pretendem transmitir. Para que isso aconteça, um jornalista desta área deve ser sensível, transportar o leitor e fazê-lo viver a obra, torná-lo o mais próximo possível do que está a ler, ouvir ou ver. (Melo, 2007, p. 11)

Posto isto, um jornalista cultural não pode esquecer que a sua primeira função é informar, dar a conhecer, escolher um ângulo e abordá-lo de forma responsável, mas também ter em atenção a sua formação humanística, o seu conhecimento sobre o tema. Silva considera que a característica interpretativa é importante.

### **3.3.2. Aplicabilidade do jornalismo cultural: o caso português**

Dora Santos Silva cita o blogue de Rogério Santos, *Indústrias Culturais*, para recensar quais são as indústrias culturais em Portugal, quanto à cadeia de valor. Elas são “a imprensa, a rádio, o cinema, a televisão, os discos, a publicidade, o turismo, a moda, a organização de espetáculos, os videojogos e a Internet.” (Silva D. S., 2012, p. 54). Apesar de não ser o foco do seu estudo, esta última indústria cultural (a Internet) é considerada pela autora como uma ‘mais-valia’ para o jornalismo cultural, uma vez que acrescenta criatividade e ajuda à redefinição editorial nas redações nos jornais, em tempos de crise decorrentes de críticas pouco fundamentadas. Em Portugal, dá-se bastante visibilidade à música e ao cinema e também cada vez mais ao *design*, à moda e às artes performativas. No entanto, o jornalismo cultural continua a ser muito confundido com divulgação e está subordinado s agenda. Dora Santos Silva considera importante lembrar que cultura não passa só por cobrir o entretenimento. Se cultura é indústria, então é preciso trabalhar o lado económico. Mas só isto não chega. A autora afirma que se pode fazer muito mais pelo jornalismo cultural: “As publicações portuguesas focalizam-se muito na obra do artista. Ora, a cultura tem de começar a ser utilizada num sentido mais lato – aquilo que somos, em constante mudança.” (Silva D. S., 2012, p. 136).

Nem tudo são perspetivas positivas acerca do jornalismo cultural e qual o seu futuro. Apesar de Silva, como temos verificado, considerar que há muito espaço para ampliar esta especialidade, outros autores consideram que ele está em crise, que existe falta de críticos e de capacidade para manter a informação diversificada e democrática. Com a ajuda de profissionais da área do jornalismo cultural e de artistas, Gaspar Garção faz uma análise negativa daquilo que é hoje o jornalismo cultural. Nomes como Clara Caldeira, da RTP, e Cláudia Arsénio, da TSF, acreditam que o futuro do jornalismo cultural já não é brilhante. No entanto, Nuno Catarino do jornal Público, acredita que é possível que ele cresça em Portugal (Garção, 2014).

Os dois autores, Silva e Garção, concordam que a crise do jornalismo cultural se deve à falta de análise crítica; e que um jornalista se deve preocupar com a democratização da informação, lutando contra a diferenciação entre a “Alta” e “Baixa” cultura.

### **3.4. O jornalismo cultural na Antena 1**

Após uma análise mais teórica sobre o jornalismo radiofónico, o conceito de cultura e o jornalismo cultural, este ponto aborda o modo como é feito o jornalismo cultural na Antena 1.

Tal como já foi referido neste relatório, a redação está dividida por turnos, que são responsáveis pelos noticiários de hora a hora; e por várias editorias que desenvolvem trabalhos para os turnos, os vários programas da Antena 1 e ainda para outras Antenas. Na editoria de Cultura, composta por dois elementos, o coordenador Mário Rui Cardoso e a repórter Alexandra Sofia Costa trabalham habitualmente no horário das 14h às 21h. Contudo, podem também trabalhar noutros horários, se tiverem de fazer reportagens que a isso obriguem.

Com a observação participante e as várias entrevistas feitas, é possível abordar vários pontos acerca do jornalismo cultural e o modo como ele é praticado na Antena 1. Primeiramente, é importante referir que existe um plano semanal, elaborado pelo coordenador da editoria. Neste plano, estão as propostas de temas e trabalhos que podem ser feitos durante a semana. Porém, é um plano que nunca está fechado. Segundo o coordenador da editoria, Mário Rui Cardoso, o plano pode sempre vir a sofrer alterações e, consoante aquilo que surja, são feitas escolhas de forma criteriosa. Conforme explicou Mário Rui Cardoso, “há sempre muitas coisas a acontecer, mas porque somos poucos, não podemos fazer tudo, então temos de ser criteriosos, temos de escolher aquilo que vamos fazer”<sup>25</sup>. O plano é discutido num plenário, que se realiza à quinta-feira, com todos os editores e coordenadores – neste plano, podem caber sugestões dadas pelos editores dos turnos. O trabalho desenvolvido pela editoria de Cultura recai essencialmente em pequenas reportagens de cartaz, sejam elas de teatro, cinema, música ou concertos, antecipação de acontecimentos do dia-a-dia e entrevistas.

No período das três semanas de estágio na editoria de Cultura, foi-me possível acompanhar o processo desde a preparação até à montagem das peças, trabalhando lado a lado com a repórter Alexandra Sofia Costa. Em primeiro lugar, um dos elementos da editoria recebe a informação providenciada pelas entidades, por exemplo acerca de uma peça de teatro, filme ou exposição. Depois de analisada esta informação e de ser sublinhado o que tem de mais importante, é feito um questionário com as perguntas a fazer à pessoa que vai ser entrevistada, técnica familiar por ser muito semelhante à que aprendemos no nosso curso. No local, é feita a recolha das respostas dos entrevistados – e também aqui foi possível confirmar a importância do que aprendi sobre a gravação cuidadosa de som ambiente. Quando se trata de uma peça de teatro, recolhe-se parte do som do ensaio, por exemplo. Segundo Alexandra Sofia Costa, os sons têm de “fazer sentido na

---

<sup>25</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Mário Rui Cardoso, coordenador da editoria de Cultura

montagem da peça; se tens ruídos ambientes, se tens sons de peças de teatro, ou sons de pessoas, aquilo tem que entrar na peça de forma a que não seja por acaso, (...) têm de contar uma história”<sup>26</sup>.

No caminho até a redação, normalmente a jornalista já sabe qual o ângulo que vai dar à peça. O ideal é ter no início o mais importante – aquilo que é notícia. Na redação, já com os sons escolhidos e convertidos para o formato utilizado no programa informático de edição, é feita a escuta de todos os sons e inicia-se o processo de montagem da peça. Depois da escolha definitiva dos sons, a jornalista escreve e grava o texto da peça. De seguida, é feita a junção dos dois elementos – texto gravado e sons. Os fatores importantes para ter uma boa peça de cultura, segundo Alexandra Sofia Costa, são: “ter uma forma de chamar a atenção e que tenha de facto um fio condutor, entre os sons o texto [e] o que as pessoas dizem, ter um arranque interessante e ter um final que deixe água na boca”<sup>27</sup>.

Sandy Gageiro confessa que, quando está a fazer a montagem das peças, gosta de usar as pequenas peculiaridades:

“tirar expressões ou um suspiro ou um riso que essa pessoa terá emitido durante a entrevista. Algo que eu gosto às vezes de usar nas peças de cultura, tal como os outros colegas que também fazem cultura, também gostam de aproveitar essas pequenas peculiaridades de cada entrevistado. Ou se aconteceu alguma coisa durante a entrevista, ou sons da peça que fomos ver, normalmente temos de jogar com isso tudo para tentar dar da melhor forma o ambiente que vivemos”<sup>28</sup>

Outra das questões colocadas aos profissionais que trabalham nesta área estava relacionada com a caracterização da editoria de Cultura da Antena 1: é uma editoria de Espetáculos ou uma editoria de Cultura? As respostas variam. Sandy Gageiro afirma que na Antena 1 existe uma editoria de Cultura mas que vive com muitas dificuldades. Devido ao número reduzido de jornalistas, nem sempre é possível cobrir todos os assuntos que estão a acontecer:

“essas duas pessoas tem de conciliar cultura, política cultural e os espetáculos (...) e as coisas que estão a acontecer no país. Portanto realmente, para conseguir acompanhar tudo o ideal era ter alguém que pudesse estar a acompanhar, a fazer telefonemas, a criar fontes etc, para ter notícias de âmbito de política cultural e problemas com que as companhias se debatem de dinheiro e fazer os espetáculos, isto dá tudo muito trabalho”<sup>28</sup>.

A repórter Alexandra Sofia Costa refere também que a existência de poucas pessoas a trabalhar nesta área leva a que as escolhas das peças a elaborar sejam mais criteriosas. Afirma ainda que na editoria de Cultura não existe investigação e que o trabalho produzido está focado no

---

<sup>26</sup>Ver em Anexo: Entrevista Alexandra Sofia Costa, repórter da editoria de Cultura

<sup>27</sup>Ver em Anexo: Entrevista Alexandra Sofia Costa, repórter da editoria de Cultura

<sup>28</sup>Ver em Anexo: Entrevista Sandy Gageiro, jornalista

cartaz. “Há um acontecimento (...) naquele dia que nós achamos que é importante, preparamos uma reportagem e passa nesse dia. Agora, na verdade, nós não andamos aí a escavar grandes histórias, também não temos pessoas nem tempo para isso, somos só dois”<sup>29</sup>.

Por seu turno, o coordenador da editoria considera que, na Antena 1, o que existe é uma editoria de espetáculos, devido à falta de pessoas na equipa. Durante a entrevista para este relatório, Mário Rui Cardoso fez uma distinção entre os dois tipos, considerando que uma editoria de cultura requer reflexão e um lado mais crítico, algo que falta atualmente: “Acho que nos falta o tratamento desta área para além daquilo que acontece no dia. Isso aí nós vamos tendo e eu acho que devemos ter, mas falta-nos mais o lado da reflexão”<sup>30</sup>.

De momento, na Antena 1, não existe qualquer magazine cultural na programação. O último que existiu chamava-se *Casa das Artes*, pelas informações recolhidas nas entrevistas feitas. Este programa de sugestões culturais tinha três edições diárias, de manhã, à tarde e à noite, com a duração de quatro a cinco minutos cada. Mais tarde, o programa *Casa das Artes* passou a ter apenas uma edição diária. Há cerca de dois anos deixou de existir devido à falta de recursos humanos e à “necessidade de colmatar a falta de pessoas nos turnos”<sup>31</sup>, segundo a direção.

As opiniões variam quanto à possibilidade de poder vir a existir de novo um magazine cultural na Antena 1. Por um lado, Daniel Belo, Nuno Rodrigues e Sandy Gageiro acreditam que seria uma mais-valia. Os dois primeiros, ambos editores, acreditam que a cultura deveria ter o seu espaço próprio, “um espaço vocacionado para a cultura, que pudesse ser mais do que um cartaz de espetáculos e que pudesse ir um bocadinho mais longe, (...) ser mais proactivo em vez de reativo”<sup>32</sup>. Isto devido também ao facto dos noticiários não conseguirem “tratar essa área particular, a cultura, de uma forma satisfatória, de uma forma relevante”<sup>33</sup>. Outra questão mencionada é a de que, devido à quantidade de notícias de última hora e de grande peso e, apesar de a emissão ter 24 horas, “às vezes essas peças acabam por se perder o que é lamentável, porque fazem parte de qualquer bloco informativo e devem fazer parte sempre”<sup>34</sup>.

Mas outros entrevistados consideram que existir um magazine cultural, neste momento, não traria vantagens para a programação da Antena 1. Em primeiro lugar, devido à falta de jornalistas, problema que tem vindo a ser referido neste relatório; depois, e segundo a opinião do editor da Manhã 1, Miguel Soares, seria redundante existir um espaço dedicado apenas à cultura: “Porque é que havemos de ter um programa de cultura e não ter um programa de economia? Ou

---

<sup>29</sup>Ver em Anexo: Entrevista Alexandra Sofia Costa, repórter da editoria de Cultura

<sup>30</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Mário Rui Cardoso, coordenador da editoria de Cultura

<sup>31</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Maria de São José, subdiretora da direção de informação da Antena 1

<sup>32</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Daniel Belo, editor da Manhã 2

<sup>33</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Nuno Rodrigues, editor da Tarde

<sup>34</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Sandy Gageiro, jornalista

de política?”<sup>35</sup>. Na perspetiva da direção, não existe necessidade de um magazine cultural, ou um magazine que cubra as outras áreas, como a saúde ou a educação, desde que a informação cultural, seja devidamente tratada nos espaços do noticiário:

“Se a informação for devidamente tratada, cuidada, com interesse, que diga respeito e que desperte o interesse nas pessoas, no nosso espaço nobre da informação, que aqui na Antena 1 são os noticiários, eu particularmente não sinto uma falta desmedida de um programa que seja só dedicado à Cultura”<sup>36</sup>.

Por fim, na opinião de Alexandra Sofia Costa, a questão do magazine cultural é “um pau de dois bicos”<sup>37</sup>. Por um lado, se existisse, haveria “o risco de muitas das nossas peças não passarem nos noticiários, porque toda a gente pensava que há ali um espaço, uma gavetazinha na rádio em que eles podem meter cultura”<sup>37</sup>. Por outro lado, haveria também a possibilidade de dar “uma atenção maior para a cultura, havia um painel de pessoas que podiam dar a sua opinião e isso seria mais interessante”<sup>37</sup>.

#### **3.4.1. Análise do tempo dedicado às peças de cultura da Antena 1**

Durante as três semanas de acompanhamento da editoria de Cultura, conseguimos perceber os métodos de trabalho utilizado e como eram produzidas as peças de cultura. Antes de partir para a análise do conteúdo recolhido, é importante definir o que se entende como “peça” no meio radiofónico.

As “peças”, comumente assim denominadas na redação, são notícias radiofónicas. Emílio Prado, anteriormente referido neste relatório, definiu três tipos diferentes de notícias radiofónicas, “a notícia estrita, a notícia de citações «com voz» e notícia com entrevista” (Prado, 1985, p. 49). O primeiro tipo é aquele que é utilizado nos noticiários de hora a hora e construído com uma introdução que “deve ser breve e simples [para] atrair a atenção do ouvinte” (*Ibidem*, p. 50). A “notícia estrita” inclui unicamente a voz do editor, o que a diferencia da “notícia de citações” é o facto desta última incluir a voz de participantes. Os participantes dão à notícia “credibilidade e exatidão” e as citações utilizadas “devem ter a extensão mínima e devem concordar com o contexto” (*Ibidem*, p. 53).

No seu trabalho sobre A Informação Radiofónica, Luís Bonixe define as peças radiofónicas com recurso a elementos sonoros como “peças sonorizadas”. Ou seja, peças que não se limitam a ter apenas a voz do jornalista – nelas existe música, trechos de peças de teatro ou de um trailer de um filme. A palavra é um dos elementos mais importantes na informação radiofónica. No entanto,

---

<sup>35</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Miguel Soares, editor da Manhã 1

<sup>36</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Maria de São José, subdiretora da direção de informação da Antena 1

<sup>37</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Alexandra Sofia Costa, repórter da editoria de Cultura

a utilização de outros “elementos expressivos” permitem estimular “a produção imaginativa-visual de paisagens ou situações de tensão dramática, ou ainda cores claras ou escuras” (Balsebre, 2005, p. 329). Assim, com a música ou som ambiente, é dada a possibilidade, através de peças sonorizadas, de construir uma “impressão da realidade” (*Ibidem*, p. 330). Sem esquecer que esta inclusão de música, se adequa ao princípio básico do jornalismo de corresponder o discurso com a realidade relatada (Crisell *apud* Bonixe, 2012, p.146).

Na análise de conteúdo aqui apresentada, foram contabilizadas as peças sonorizadas que continham os elementos referidos anteriormente, tais como música ou trechos de peças de teatro e também, as peças que apenas continham a voz do jornalista. Não foram consideradas para este levantamento as notícias de curta duração. O objetivo é o de mostrar quanto tempo foi dedicado às peças de cultura durante os noticiários da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde. Foram eleitos estes três turnos por serem aqueles para os quais a equipa da editoria de Cultura trabalha maioritariamente; e também devido ao contraste que se verifica entre eles, no que se refere à emissão das peças.

A recolha dos dados foi efetuada durante as três semanas em que estagiei junto da editoria de Cultura (de 15 de fevereiro a 4 de março). Ao longo deste período, além do envolvimento no trabalho quotidiano, fiz um levantamento das peças que foram emitidas nos turnos. Esse levantamento<sup>38</sup> consistia em anotar qual o turno, o editor e a hora do noticiário em que foi transmitida a peça; o tempo total do noticiário; o tempo dedicado às peças de cultura; o nome da peça (que permite também saber o tema, ou seja, se é sobre literatura, música, cinema, etc.); e o autor da peça, distinguindo os jornalistas dos turnos e os da editoria de Cultura.

Nesta recolha de dados efetuada entre 15 de fevereiro a 4 de março, conseguimos obter os resultados apresentados seguidamente:

#### Noticiários da Antena 1

Semana	Manhã 1	Manhã 2	Tarde
15 de fev. – 21 de fev.	28	35	25
22 de fev. – 28 de fev.	28	35	22
29 de fev. – 4 de mar.	20	25	22
Total	76	95	69
	240Noticiários		

Fig. 1 – Tabela de contabilização de noticiários da Antena 1 dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde

#### Peças de cultura emitidas nos noticiários

Semana	Manhã 1	Manhã 2	Tarde
15 de fev. – 21 de fev.	15	3	0

<sup>38</sup>Ver em Anexo: Tabela de Contabilização

<b>22 de fev. – 28 de fev.</b>	11	9	2
<b>29 de fev. – 4 de mar.</b>	7	1	0
<b>Total</b>	33	13	2
	<b>48 Peças emitidas (mas 15 em repetições)</b>		

Fig. 2 – Tabela de contabilização de peças de cultura emitidas nos noticiários dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde da Antena 1

Conclui-se destas duas tabelas que nos 240 noticiários analisados foram emitidas 48 peças de cultura, produzidas pelos turnos e pela editoria de Cultura. No entanto, só foram 33 distintas, pois 9 delas foram repetidas 15 vezes. Segue abaixo uma lista dessas peças, indicando qual o turno e quantas vezes foram emitidas.

#### Número de vezes em que as peças de cultura foram repetidas em cada turno nos noticiários da Antena 1

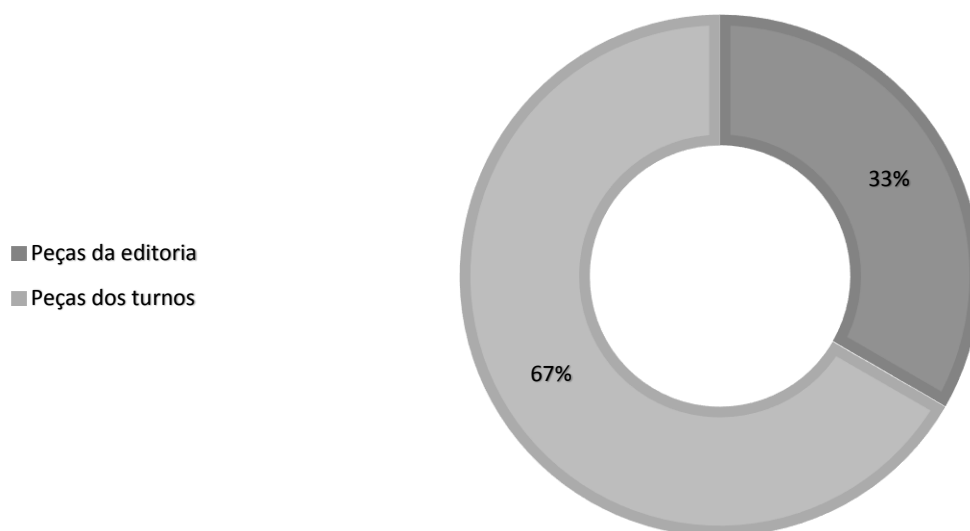
<b>Peças</b>	<b>Manhã 1</b>	<b>Manhã 2</b>	<b>Tarde</b>
Casa Agostinho da Silva no Porto	1		
Morte de Humberto Eco	3		
José Duarte – 5 Minutos de Jazz	1		
David Mourão Ferreira		1	
Prémio Escritores Ibéricos – Javier Cercas		1	
Encontro da literatura Infantojuvenil	1	1	
Justiça – Peça de Teatro			1
Portas Abertas Gulbenkian	1	2	1
Melhor Ator/Atriz nos Oscars	1		
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>2</b>

Fig. 3 – Tabela de peças de cultura repetidas nos noticiários da Antena 1 dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde

A análise da tabela identificada como fig. 2 permite verificar que as peças de cultura são emitidas mais vezes durante o período da Manhã 1 (das 7h às 10h). Na conjugação das fig. 2 e fig.3, é possível constatar que neste turno passaram 25 peças com 8 repetições. Na Manhã 2, foram emitidas 8 peças de cultura e existiram 5 repetições. Por fim, a Tarde emitiu apenas 2 peças de cultura, ambas repetições de peças emitidas na Manhã 1 e durante o fim-de-semana.

Dos dados recolhidos, consegue-se retirar que a percentagem de peças feitas pelos turnos é maior do que a feita pela editoria. Enquanto os turnos realizaram, durante estas três semanas de análise, 22 peças (67%), a editoria realizou 11 peças (33%).

## Peças realizadas pela editoria e pelos turnos



*Fig. 4 – Percentagem de peças realizadas pela editoria e pelos turnos*

São vários os fatores que explicam o menor número de peças da editoria especializada. Primeiro, temos de considerar o número reduzido de pessoas que nela trabalham. Sendo apenas duas, nunca conseguem produzir mais do que duas a três peças por dia; e a maior parte delas são destinadas à emissão no dia seguinte. É muito maior o número de pessoas que podem produzir peças de cultura em qualquer um dos turnos. Se a notícia for de última hora – por exemplo, a morte do Humberto Eco – o editor de turno pode optar por pedir a um dos jornalistas da respetiva equipa para escrever e montar essa peça, não sendo necessário recorrer à editoria de Cultura.

O fator da localização também influencia a produção das peças de cultura. Por exemplo, a Manhã 1, uma vez que a edição é assegurada pela redação do Porto, tem não só a oportunidade de colocar no alinhamento a peça que foi preparada no dia anterior pela editoria, como pode deslocar um dos jornalistas no turno até ao local de acontecimentos – exemplo disso são as peças sobre o Fantasporto ou a Casa de Agostinho da Silva.

### Temas nas peças de cultura

Temas	Número de peças
Música	7
Exposições	2
Literatura	7
Cinema	6
Teatro	5
Fotografia	1
Morte de Famosos	1
Tecnologia	1
Dança	1
Outros	2
<b>Total</b>	<b>33 Peças</b>

Fig. 5 – Tabela de temas abordados nas peças de cultura

No que se refere aos temas, verifica-se que as três áreas mais abordadas são a Música (7 peças); a Literatura (7 peças); e o Cinema (6 peças). Surgem a seguir, o Teatro (5 peças); Exposições (2 peças) e Outros (2 peças). A categoria Outros refere-se a peças do foro político como é o caso da que atualiza informações acerca dos quadros de Miró e a relativa ao leilão do carro de James Bond. Por último, temos com uma única peça, as temáticas relacionadas com a Morte de Famosos (neste caso Humberto Eco); a Dança; a Fotografia; e a Tecnologia.

Os noticiários analisados tiveram um total de 2273 minutos e 56 segundos, ou seja, 37 horas e 89 minutos. Neste universo temporal as peças de cultura ocuparam um total de 64 minutos e 43 segundos, o mesmo é dizer 1 hora e 4 minutos. Nestas contas foram considerados todas as peças de cultura que passaram nos noticiários, mesmo as que se repetiram.

## Tempo dedicado às peças de cultura

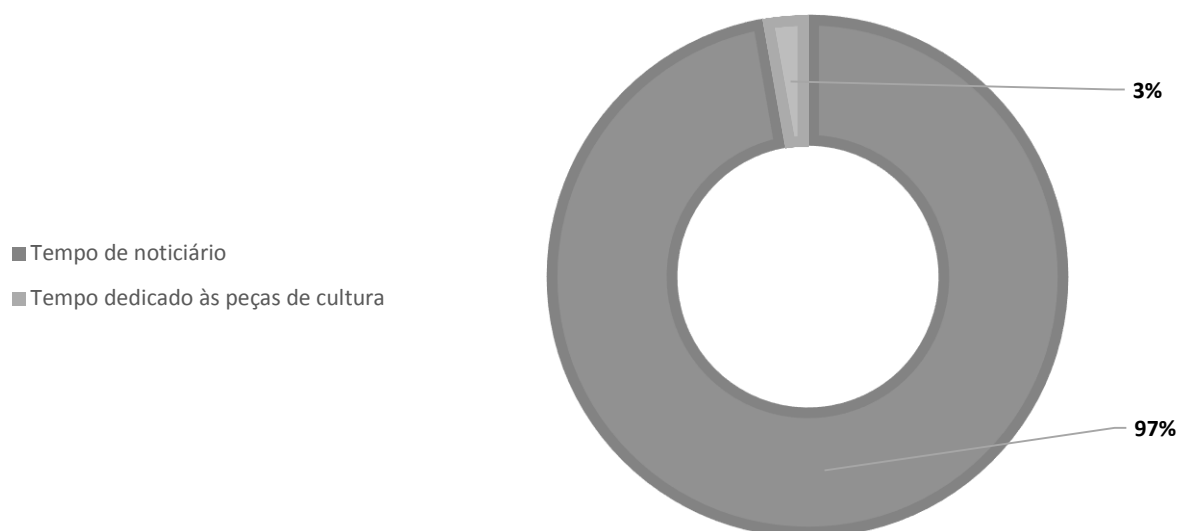


Fig. 6 – Percentagem do tempo dedicado às peças de cultura na Antena 1

Assim, conclui-se que a percentagem de tempo do noticiário dedicada à cultura é de apenas 3% do tempo total dos noticiários.

Não nos podemos esquecer que se trata da análise de uma representação muito pequena, sendo apenas de 3 semanas. Temos igualmente de considerar que a escolha de passar ou não uma peça de cultura depende das opções do editor responsável por um turno, face a qualidade e quantidade de informação acerca de outros temas da atualidade.

Com a observação participante e algumas das entrevistas realizadas é possível explicar melhor estes números. Os editores dos turnos analisados foram questionados acerca da importância que atribuem as peças de cultura e as respostas dos três editores foram muito semelhantes. Daniel Belo, editor da Manhã 2, considera a cultura “um dos assuntos mais importantes em termos de alinhamento”<sup>39</sup> e afirma que emitir peças de cultura contribui para a divulgação cultural. Por exemplo, noticiar pequenos eventos que não têm oportunidade de ser tão divulgados como os grandes eventos e/ou escapar aos limites geográficos de Lisboa ou no Porto:

“Enquanto rádio pública temos uma obrigação de serviço público para divulgação cultural e sobretudo para divulgação cultural fora dos grandes centros, por sermos a rádio que somos, devemos sempre que temos a oportunidade para isso destacar espetáculos, criações, criadores de outras zonas do país que não Lisboa e Porto que são aquelas zonas que têm sempre mais cobertura mediática e as pessoas conhecem as coisas mais frequentemente”<sup>39</sup>.

<sup>39</sup>Ver Anexo: Entrevista Daniel Belo, editor da Manhã 2

Esta “obrigação de serviço público” de que Daniel Belo nos fala está presente na Lei da Rádio da Constituição Portuguesa, onde é referido no Capítulo IV, Artigo 49.º, dedicado às obrigações, que o serviço público da rádio deve conter:

“uma programação de referência que promova a formação e a valorização cultural e cívica dos telespectadores, garantindo o acesso de todos à informação, à educação e ao entretenimento de qualidade”<sup>40</sup>

Assim, as leis preveem que o serviço público prestado pela rádio deve ser um serviço que garanta que os ouvintes tenham acesso à diversidade e divulgação cultural, como está presente no ponto 2 b) do mesmo artigo, competindo à rádio:

“Promover e divulgar a criação artística nacional e o conhecimento do património histórico e cultural português, garantindo o acesso do público às manifestações culturais nacionais e a sua cobertura informativa adequada”<sup>40</sup>.

Para Miguel Soares, editor da Manhã 1, as peças de cultura são importantes da mesma maneira que são as de outras temáticas. Um dos critérios que o leva a passar determinada peça de cultura é o facto de ser pertinente e interessar a um grande número de pessoas e a grupos mais pequenos de igual forma, valorizando ainda que nela exista notícia e não apenas uma sugestão:

“Os trabalhos de cultura podem ser entendidos de duas formas: por um lado, a cultura-notícia, ou seja, não é uma área que tenhas que ter em conta apenas sugestões e propostas para as pessoas saírem, para irem ver uma peça de teatro, para irem a um concerto, para assistirem a uma exposição. (...) Se há um filme português que foi destacado num festival internacional importante, isso é notícia.”<sup>41</sup>

No que se refere ao turno da Tarde, através das declarações do editor Nuno Rodrigues percebemos que a cultura é “um pouco mais desvalorizada tendo em conta outras áreas. (...) porque há mais coisas a acontecer durante a tarde e a tendência é para canalizar o trabalho da editoria de cultura para turnos com menos fluxo de informação (para a Manhã 1 e também Manhã 2)”<sup>42</sup>. Assim se justificaria o número diminuto de peças que foram emitidas nos noticiários da Antena 1 durante o turno da Tarde. Com apenas 2 peças emitidas, é aquele em que a cultura tem menos peso. Contudo, Nuno Rodrigues não desvaloriza a importância das peças de cultura, afirmando que um dos critérios de escolha (para além da importância que pode vir a ter para os ouvintes) é a possibilidade de fazer ligações com os temas da atualidade. Garante ainda que:

---

<sup>40</sup>Lei n.º 54/2010, de 24 de dezembro da Constituição Portuguesa

<sup>41</sup>Ver Anexo: Entrevista Miguel Soares, editor da Manhã 1.

<sup>42</sup>Ver Anexo: Entrevista Nuno Rodrigues, editor da Tarde.

“Sempre que é possível o trabalho cultural e da editoria de cultura é valorizado em antena também no turno da Tarde. Mas sim, há outras áreas que neste turno especificamente são mais valorizadas digamos assim, porque isso está relacionado com a linha editorial da própria rádio.”<sup>43</sup>

Conclui-se assim que por uma questão de linha editorial da própria Antena 1 as peças de cultura são emitidas com mais regularidade nos dois períodos da manhã, onde existe menos fluxo de notícias. O turno da Manhã 1 é o que emite mais peças de cultura, pois está menos sujeito à atualidade o que permite que haja mais planeamento sobre o que vai ser emitido. Porém, não nos podemos guiar apenas por estes resultados referentes aos noticiários, pois os trabalhos da editoria de Cultura também se destinam a programas da Antena 1 e de outras Antenas.

---

<sup>43</sup>Ver Anexo: Entrevista Nuno Rodrigues, editor da Tarde.

## **CAPÍTULO IV - Descrição do Estágio**

Neste último pretende-se mostrar o trabalho desenvolvido durante os três meses de estágio na Antena 1. Será feita uma descrição acerca do agendamento e da rotatividade dos turnos experimentados e a semana de adaptação, analisando os primeiros ensinamentos; e por último o trabalho desenvolvido na redação, quer nos turnos, quer na editoria de cultura.

### **4.1. Agendamento e rotatividade**

No dia 4 de janeiro, a colega Sara Gouveia e eu apresentámo-nos no centro de formação da RTP. O primeiro contacto feito foi com Carla Gracioso, dos Recursos Humanos, que depois de um curta reunião nos levou até à redação da Antena 1.

Fomos apresentadas aos elementos da direção: João Paulo Baltasar, o diretor da Informação da Rádio, e José Guerreiro e Maria de São José, subdiretores de informação. Como nossa orientadora, Maria de São José fez-nos uma pequena introdução ao trabalho que iríamos desempenhar naqueles três meses. Após perguntas mais formais, passámos ao agendamento do estágio. Todos os estagiários curriculares que passam pela Antena 1 têm a oportunidade de poder trabalhar em todos os turnos e, consoante a área de interesse para o desenvolvimento do relatório, podem também acompanhar uma das editorias – no meu caso, a área da Cultura.

O agendamento foi feito da seguinte forma: de 5 a 15 de janeiro, semana de adaptação, a cargo de Mário Galego; 18 a 29 de janeiro, turno da Manhã 2, com Augusta Henriques; 1 a 12 de fevereiro, no turno da Tarde, com Nuno Rodrigues; 14 fevereiro a 4 março, com Mário Rui Cardoso e Alexandra Sofia Costa (editoria de Cultura); 7 a 11 de março, na Manhã, 1 com Miguel Soares; e 14 de a 25 de março, no turno da Noite, com Luís Soares. Por fim, a última semana, de 28 março a 1 de abril, foi destinada à realização de entrevistas e avaliação da direção.

Assim, garantiu-se a rotatividade por todos os turnos, de forma a assegurar a experiência de trabalho em cada um deles.

### **4.2. A semana de adaptação**

Durante a primeira semana de estágio, ficámos a cargo do coordenador da Grande Reportagem, Mário Galego, que nos ensinou a trabalhar no programa de edição de som, Dalet<sup>®</sup>, e também no ENPS<sup>®</sup>, programa utilizado para a escrita de notícias, alinhamento dos noticiários, consulta de contactos e da agenda e igualmente para receber o *feed* das agências noticiosas.

Neste período, recordámos conhecimentos adquiridos no nosso curso quanto a princípios básicos de escrita para rádio, a importância do som ambiente e cuidados a ter na montagem. Nos primeiros dias, Mário Galego pedia-nos para produzir notícias curtas de 40 segundos. Estas

notícias eram escritas, corrigidas e depois gravadas em estúdio. Confirmando o que havíamos aprendido nas aulas, o mais importante a reter era que na produção das notícias para rádio as frases teriam de ser curtas; que o arranque da notícia, ou seja, as primeiras palavras, teriam de chamar a atenção do ouvinte; e que o modo de ler a notícia teria de ser fluente, claro, evitando a utilização de palavras que causassem cacofonias ou qualquer forma de ruído na comunicação.

Nesta semana, foram também elaboradas peças de um minuto com texto e sons, sempre sobre um tema que marcasse a atualidade<sup>44</sup>. No dia 10 de janeiro, o assunto em destaque foi o da morte de David Bowie. Quando uma personalidade como esta morre, existem tipicamente dois tipos de peças que podem ser produzidas pelos turnos ou pela editoria de Cultura: o perfil do artista ou as reações. Nesse dia, a minha tarefa foi fazer um perfil de David Bowie<sup>45</sup>. Os tópicos a abordar seriam: quem foi Bowie; os contributos para o mundo da música; as suas paixões e o seu último trabalho. Visto que se se trata de um artista ligado à música, não poderia faltar esse elemento na peça. A música e as informações teriam de estar em harmonia e as transições de sons deveriam evitar silêncios.

Foi também durante este período que aprendemos a realizar os *vox pops*, ou medleys, como eram chamados na redação. Mário Galego ensinou-nos a importância de saber exatamente o que diz cada som das pessoas entrevistadas, a escolher quais os que queremos utilizar e a saber “colá-los” uns com os outros, de modo a existir um fio condutor.

### **4.3. O trabalho desenvolvido na Antena 1**

Neste estágio de três meses, não só pude acompanhar os profissionais da rádio no desempenho quotidiano, como tive a oportunidade de realizar variadas tarefas durante os diferentes turnos e na editoria de Cultura.

Todos os turnos têm um ritmo de trabalho diferente e em todos respondemos a variadas solicitações. Começando pelo turno da Manhã 2, as minhas tarefas estiveram mais relacionadas com a recolha de sons da televisão, estar atenta ao que as outras rádios portuguesas estavam a noticiar, assim como verificar os jornais internacionais e recolher sons da agência internacional Reuters. Por sugestão da editora Augusta Henriques, todos os dias elaborava um noticiário de 3 a 4 minutos, que era ouvido por ela e discutido comigo no final do turno, ou no dia seguinte.

Numa ocasião, pude acompanhar a jornalista Sandy Gageiro à apresentação da peça de teatro em homenagem a Eusébio. Naquele momento, não havia muitas informações acerca da peça e os próprios atores ainda não sabiam quais os papéis que iriam desempenhar. Nesta apresentação, estavam presentes alguns ex-jogadores que foram colegas de equipa quando Eusébio jogava no

---

<sup>44</sup>Peças gravadas no CD, faixas 5, 6 e 16

<sup>45</sup>Peça gravada no CD, faixa 8

Sport Lisboa e Benfica. A minha tarefa era a de recolher os depoimentos destes ex-jogadores, em especial saber quais as memórias que tinham do Pantera Negra<sup>46</sup>.

O turno seguinte foi o da Tarde. O ritmo é completamente diferente da Manhã 2, com muito mais informação nacional e internacional a acontecer. As tarefas desempenhadas foram: telefonemas para a gravação da meteorologia; recolha de sons da Reuters; tradução de sons e dobragens.

Nas três semanas seguintes acompanhei a editoria de Cultura. A descrição desta parte do estágio é feita no ponto seguinte.

Trabalhei apenas uma semana na Manhã 1, em que a responsabilidade da edição cabe à redação do Porto, liderada por Miguel Soares. O trabalho desenvolvido assemelhou-se ao da Manhã 2, uma vez que o ritmo é bastante idêntico. Nas notícias ou peças que produzia por iniciativa própria, tentava escolher temas culturais. Por isso, além do acompanhamento da atualidade e gravação de sons, produzi uma peça sobre “O 5º Beatle”<sup>47</sup>. Neste trabalho, feito voluntariamente para ser avaliado no final do estágio, pretendi fazer uma peça perfil de George Martin, que faleceu a 8 de março. Para isso, coloquei informação sobre quem foi George Martin, e sobre a sua relação com os Beatles e com o mundo da música.

No turno da Noite, na reunião das 19 horas, o editor Luís Soares, distribuía as tarefas por todos os elementos. Cada um dos jornalistas assumia a responsabilidade de desenvolver um tema ou mais. Este foi o turno em que efetuei mais telefonemas para gravar opiniões e testemunhos. Em particular, no dia do ataque terrorista, em Bruxelas, a 22 de março, a minha tarefa era conseguir testemunhos de portugueses que a vissem na capital belga e pudessem contar onde estavam na altura do ataque, qual o ambiente que se vivia nas ruas e como iria ser o dia seguinte.

Os últimos dois dias de estágio serviram para entrevistar os profissionais e para a realização da avaliação efetuada pela subdiretora. Esta avaliação consistia em ouvir os trabalhos produzidos durante os três meses de estágio, tanto nos turnos como na editoria de Cultura, refletindo sobre a minha evolução.

#### **4.3.1. Acompanhamento na editoria de Cultura**

Neste capítulo, serão referidos alguns dos trabalhos produzidos durante o período em que acompanhei esta editoria.

No total realizei dez peças enquanto trabalhei na editoria de Cultura. A primeira foi acerca de um tenor português nomeado para os Grammy<sup>48</sup>. É um exemplo de uma peça que pode ser produzida sem sair da redação, pois foi realizada pelo telefone, uma vez que o entrevistado se

---

<sup>46</sup>Peça gravada no CD, faixa 7

<sup>47</sup>Peça gravada no CD, faixa 10

<sup>48</sup>Peça gravada no CD, faixa 3

encontrava nos Estados Unidos. Ao escrever, gravar e editar esta peça, confirmei que existem diferentes soluções de texto, consoante as Antenas. Há palavras ou pormenores que são mais facilmente compreendidos por ouvintes da Antena 2 do que da Antena 1. Por exemplo, se falarmos em técnicas específicas de ópera, há a probabilidade de que elas sejam mais familiares à audiência da Antena 2 do que à da Antena 1, que é mais generalista.

Nas primeiras peças produzidas, cometi alguns erros, sendo o principal a falta de contextualização ou de informação nos textos. Exemplos disso são os trabalhos sobre os quadros de Miró; a separação dos museus na Gulbenkian; a Festa da Francofonia; e sobre a exposição de Edgar Pêra, Lisboa Revisitada<sup>49</sup>. Nas duas primeiras, faltou informação acerca do passado e do presente, impedindo a boa compreensão pelos ouvintes. Nas outras duas, verificou-se o mesmo problema, desta vez não pela contextualização, mas apenas porque não estavam escritas de forma clara.

Com a prática, as peças seguintes já foram produzidas com mais qualidade. Além da preocupação com o texto, também os sons se tornaram uma prioridade na fase da edição. Tal como já foi referido neste relatório, os sons nas peças de cultura são um dos elementos mais importantes. Nas peças sobre a ópera e o festival Cortex<sup>50</sup>, tentei que as informações no texto correspondessem aos sons, e que estes estivessem bem colocados no que respeita à montagem, evitando que existisse espaços de silêncio entre o texto e o som.

A peça sobre a realizadora Leonor Teles<sup>51</sup> foi uma das que fiz por iniciativa própria. Consistia em ouvir a entrevista realizada por Mário Rui Cardoso, dias depois de ela ter ganho o Urso de Ouro, com o filme Balada de Um Batráquio, e depois de seleccionar extratos das respostas, construir uma notícia em que o texto se misturasse com as faixas escolhidas. Esta era uma peça um pouco diferente das outras, uma vez que apenas utilizei os sons da entrevista, sem outro som ambiente.

Um dos últimos trabalhos que produzi e que teve críticas positivas, tanto do coordenador da editoria de Cultura como da subdiretora, foi o trabalho sobre a peça de teatro Justiça<sup>52</sup>. Tentei que fosse o mais simples e clara possível, visto que o tema era complexo. Foram utilizados os sons dos ensaios da peça e declarações de uma entrevista à encenadora realizada por Alexandra Sofia Costa.

Estas três semanas do estágio foram provavelmente as mais proveitosas para aperfeiçoamento da escrita para rádio e edição. Nestas semanas também consegui sair mais em

---

<sup>49</sup>Peças gravadas no CD, faixas 15, 20, 19 e 17, respetivamente

<sup>50</sup>Peças gravadas no CD, faixas 14 e 11, respetivamente

<sup>51</sup>Peça gravada no CD, faixa 9

<sup>52</sup>Peça gravada no CD, faixa 18

reportagem, acompanhando a jornalista Alexandra Sofia Costa e aprendendo como se trabalha fora da redação.

#### **4.3.2. Madrugada dos Oscars**

Depois de duas semanas a trabalhar junto da editoria de Cultura, com a autorização da orientadora de estágio, Maria de São José, foi possível acompanhar a madrugada e saber como é tratada a informação de um evento cultural como a entrega dos Oscars.

Frederico Moreno seria o jornalista que estaria na redação do Porto a acompanhar a gala e, por isso, a comunicação concretizava-se através de telefone ou ENPS<sup>®</sup>. As tarefas a desempenhar na madrugada eram: fazer a gravação da entrega dos prémios; e ajudar a atualizar a informação para os noticiários do turno, editados por Jorge Baeta.

De hora a hora as notícias sobre os prémios foram sendo atualizadas. A entrega dos prémios era a notícia de abertura dos noticiários, normalmente dando a informação sobre o último entregue e os mais importantes como Melhor Ator Secundário, Melhor Atriz Secundária, Melhor Diretor, entre outros. Apenas às cinco da madrugada, quando terminou a cerimónia dos Oscars, foi possível ter todas as informações, incluindo o prémio mais esperado da noite, o Oscar de Melhor Filme, atribuído a *Spotlight*.

Para o turno da Manhã 1, o jornalista Frederico Moreno, produziu duas peças: uma que continha as informações sobre a entrega dos prémios para atores, bem como informações gerais acerca da cerimónia; e com a segunda peça, os ouvintes ficavam informados sobre a estatueta de Melhor Filme e Melhor Diretor, incluindo também os prémios de Melhor Documentário, Curta-metragem e Filmes Estrangeiro. De modo a serem avaliadas pelo editor de Cultura, elaborei igualmente duas peças com as mesmas informações<sup>53</sup>.

Desta experiência de acompanhamento de um grande acontecimento em direto retive especificidades sobre a produção de peças de cultura, já referidas neste relatório, e também a valorização da importância de ter as informações sempre atualizadas para serem transmitidas nos noticiários. Assim, em primeiro lugar, consolidei os ensinamentos de que quando se produz uma peça de um evento como os Oscars, o som é muito importante e tem de estar sempre presente, de modo a conseguir transmitir a sensação de que se esteve lá ou de transportar o ouvinte para aquele lugar, o que implica, por exemplo, utilizar como as palmas, os apresentadores a falar, os convidados a rir. Por outro lado, é preciso dar a ouvir aquilo que as pessoas já esperam: neste caso, as peças destinavam-se a ser emitidas no período da Manhã 1 e o importante era informar os ouvintes sobre quem ganhou os Oscars mais importantes (Melhor Filme e Melhor Ator e Atriz) e igualmente fazer um resumo da noite.

---

<sup>53</sup>Peças gravadas no CD, faixas 12 e 13

Em segundo lugar, durante a madrugada, como já foi dito, os noticiários têm de ser atualizados de hora a hora. Por isso, as informações acerca dos prêmios eram atualizadas, com os mais importantes em destaque. Era minha responsabilidade, se algum prêmio relevante fosse entregue, avisar o editor de noticiário, mesmo se ele já tivesse em estúdio. Por exemplo, às 5 da manhã, foi anunciado o Oscar de Melhor Filme, para *Spotlight*. O editor Jorge Baeta tinha como notícia de abertura o Oscar de Melhor Ator para Leonardo Dicaprio. No entanto, consegui chegar a tempo ao estúdio e avisar o editor, o que lhe permitiu ter a informação o mais atualizada possível. Esta experiência, da qual foi possível retirar ensinamentos práticos acerca do acompanhamento de eventos culturais, sem dúvida ajudou a produzir peças melhores.

## CONCLUSÕES

Após concluir este trabalho, consigo refletir sobre a experiência que tive durante os três meses em que estagiei na Antena 1, considerando relevante a importância que os dados aqui mostrados podem ter nos estudos do jornalismo cultural.

A verdade é que me deparei com várias dificuldades ao longo deste trabalho, constituindo cada capítulo um novo desafio. A maior dificuldade terá sido encontrar estudos acerca do jornalismo cultural na rádio. Há pouca investigação na área, ainda menos quando falamos deste meio de comunicação específico. Por isso, acredito que a minha experiência, os resultados apresentados da análise de conteúdos e os testemunhos dos profissionais que trabalham o jornalismo cultural, possam vir a ajudar a conhecer uma realidade e perceber a importância que é dada a este tipo de jornalismo especializado na rádio pública portuguesa.

Apenas com duas pessoas a trabalhar na editoria de Cultura, nem sempre é possível cobrir todos os assuntos da área que se passam de norte a sul do país, nem mesmo com jornalistas dos turnos a fazer trabalhos de cultura. Os elementos da editoria acabam assim por realizar trabalhos que estão na agenda cultural, não conseguindo abordar temas que requerem mais investigação, restringindo-se na maior parte das vezes, a peças de teatro, festivais ou lançamentos de livros. Assim colocou-se a questão: a editoria de Cultura da Antena 1 é uma editoria de Espetáculos ou uma editoria de Cultura? As respostas variaram. Alguns profissionais afirmam que existe uma editoria de Cultura mas que vive com muitas dificuldades, isto devido ao número reduzido de jornalistas o que faz com que nem sempre seja possível cobrir todos os assuntos que estão a acontecer. Tal como afirmou Sandy Gageiro, as duas pessoas responsáveis por esta área têm:

“conciliar cultura, política cultural e os espetáculos (...) e as coisas que estão a acontecer no país. Portanto realmente, para conseguir acompanhar tudo o ideal era ter alguém que pudesse estar a acompanhar, a fazer telefonemas, a criar fontes etc, para ter notícias de âmbito de política cultural e problemas com que as companhias se debatem de dinheiro e fazer os espetáculos, isto dá tudo muito trabalho”<sup>54</sup>.

Por sua vez, o coordenador da editoria considera que na Antena 1 existe uma editoria de Espetáculos, devido à falta de pessoas na equipa e das características que na sua perspetiva fazem parte de uma editoria de Cultura – a crítica e a reflexão. “Acho que nos falta o tratamento desta área para além daquilo que acontece no dia. Isso aí nós vamos tendo e eu acho que devemos ter, mas falta-nos mais o lado da reflexão”<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Sandy Gageiro, jornalista

<sup>55</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Mário Rui Cardoso, coordenador da editoria e Cultura

A investigação foi outros dos assuntos discutidos durante as entrevistas. Na opinião da repórter Alexandra Sofia Costa, na editoria para a qual trabalha não existe investigação, isto devido ao número reduzido de pessoas que trabalham na editoria. O trabalho produzido está assim focado no cartaz cultural: “Há um acontecimento (...) naquele dia que nós achamos que é importante, preparamos uma reportagem e passa nesse dia. Agora, na verdade, nós não andamos aí a escavar grandes histórias”<sup>56</sup>.

O serviço público praticado na Antena 1 obriga a que haja uma parcela na programação dedicada à cultura e à divulgação cultural. O Artigo 49.º da Lei da Rádio, dedicado às obrigações, prevê que o serviço público da rádio deva conter:

“uma programação de referência que promova a formação e a valorização cultural e cívica dos telespectadores, garantindo o acesso de todos à informação, à educação e ao entretenimento de qualidade”<sup>57</sup>.

No ponto 2 b) do mesmo artigo lê-se que compete à rádio:

“Promover e divulgar a criação artística nacional e o conhecimento do património histórico e cultural português, garantindo o acesso do público às manifestações culturais nacionais e a sua cobertura informativa adequada”<sup>57</sup>.

Contudo, como se pôde verificar, é a parcela dedicada ao jornalismo cultural é muito pequena. A escassez de recursos humanos, escolhas editoriais ou o fluxo de informações durante o dia, explicam o facto de as peças de cultura não terem um lugar mais significativo nos noticiários. A falta de recursos humanos é talvez que mais afeta a editoria, em particular, e a produção de peças de cultura, em geral.

Como vimos, não é apenas nos noticiários que se ouvem peças de cultura. Na programação da Antena 1, também existem momentos em que são emitidos trabalhos, não só produzidos pela equipa de Cultura de Lisboa, como por outros jornalistas nas redações do Porto, Coimbra ou Faro.

O modo de fazer jornalismo cultural não difere daquilo que se faz nas redações de outros meios de comunicação, segundo os autores consultados e a observação participante realizada durante o estágio. O que acontece é que se adapta a informação para ser transmitida pela rádio, ou seja, utilizando regras próprias de escrita, leitura e edição de sons. Na rádio, o jornalismo cultural tem uma diferença importante em relação a outras áreas de especialidades: pode utilizar uma paleta de sons muito mais diversificada e jogar com limites alargados de criatividade.

---

<sup>56</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Alexandra Sofia Costa, repórter da editoria de Cultura

<sup>57</sup>Lei n.º 54/2010, de 24 de dezembro da Constituição Portuguesa

Reunindo as opiniões dos profissionais da Antena 1, o futuro do jornalismo cultural é incerto, no fundo tal como é também o futuro do jornalismo no geral, isto devido ao número cada vez mais reduzido de pessoas a trabalhar nas redações e outros constrangimentos:

“nesta altura atravessamos uma profunda crise não só no jornalismo radiofónico ou televisivo, mas no jornalismo. Uma crise que advém da falta de pessoas, da precariedade laboral, da lógica das audiências, de haver cada vez menos tempo para pensar e cada vez mais a exigência de mostrar e satisfazer alguns apetites voyeuristas do público”.<sup>58</sup>

Com a falta de recursos humanos e a grande quantidade de informação para atualizar de hora a hora nos noticiários, a área da cultura acaba por não ser uma prioridade para os editores, especialmente se for um turno em que o fluxo de notícias é muito maior. No entanto, a direção da Antena 1, garante que não tenciona desistir da editoria de cultura: “a editoria de cultura, será para manter, sempre. Com uma pessoa, com duas, com três, com quatro, vai tudo depender da evolução da situação, da empresa, do país, mas o objetivo é sempre manter uma editoria de Cultura”<sup>59</sup>.

Dora Santos Silva acredita que existe muito espaço para o jornalismo cultural crescer, principalmente no meio digital. Já os profissionais da rádio acreditam que o futuro, apesar de preocupante, pode vir a melhorar, com um jornalismo cultural que permita mais investigação e mais crítica.

---

<sup>58</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Daniel Belo, editor da Manhã 2

<sup>59</sup>Ver em Anexo: Entrevista a Maria de São José, subdiretora da direção de informação da Antena 1

## BIBLIOGRAFIA

- Balsebre, A. (2005). A Linguagem Radiofónica. Em E. Meditsch, *Teorias do rádio - Textos e Contextos Vol. I* (pp. 327-336). Florianópolis: Insular.
- Belanciano, V. (22 de Julho de 2008). *Este artigo (não) é sobre Céline Dion*. Obtido de Público: <http://www.publico.pt/temas/jornal/este-artigo-nao-e-sobre--celine-dion-251391>
- Bogdan, R. C., & Bilken, S. K. (1984). Entrevistas. Em *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos* (pp. 134-139). Porto: Porto Editora.
- Bonixe, L. (2012). *A Informação Radiofónica: rotinas e valores-notícia da realidade da rádio portuguesa*. Braga: Livros Horizonte.
- Calado, S., & Ferreira, S. (2004). *Análise de documentos: método de recolha e análise de dados*. Obtido em 1 de Agosto de 2016, de Docplayer: <http://docplayer.com.br/12123665-Analise-de-documentos-metodo-de-recolha-e-analise-de-dados.html>
- Chantler, P., & Harris, S. (1998). *Radiojornalismo*. São Paulo: Summus.
- Cordeiro, P. (2003). *A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução*. Dissertação, Universidade do Algarve. Obtido em 8 de Agosto de 2016, de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>
- Cronologia - A história da rádio em datas*. (s.d.). Obtido em 18 de Agosto de 2016, de 80 Anos Rádio Pública: <http://media.rtp.pt/80anosradio/historia/cronologia/>
- Foddy, W. (1996). O debate entre as perguntas abertas e fechadas: codificar respostas a perguntas abertas e construir conjuntos de opções de resposta para perguntas fechadas. Em *Como Perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários* (pp. 140-169). Oeiras: Celta Editora.
- Gadini, S. L. (2004). *Tematização e Agendamento Cultural nas páginas dos diários portugueses*. Obtido em 24 de Maio de 2016, de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gadini-sergio-jornalismo-cultural-diarios-portugueses.pdf>
- Garção, G. (2014). *Se o jornalismo cultural falasse*. Obtido em 10 de Dezembro de 2015, de Triplov: [http://triplov.com/letras/Gaspar\\_Garcao/2014/jornalismo\\_cultural.htm](http://triplov.com/letras/Gaspar_Garcao/2014/jornalismo_cultural.htm)
- Janeira, A. L. (1971). A técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais: natureza e aplicações. *Análise Social*, 370-399.
- Lavoinnie, Y. (1986). *A Rádio*. Lisboa: Vega.

- Lopez, D. C. (2005). *Independência ou Morte: Silenciamento e Reiteraões no discurso de o Estado de São Paulo em 1972 e 2003 sobre a independência brasileira*.
- Lopez, D., & Freire, M. (2007). *O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raíz*. BOCC. Obtido em 26 de Outubro de 2015, de Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação: [http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/escola.php?codinst=88](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/escola.php?codinst=88)
- Meditsch, E. (1999). *A Rádio na Era da Informação*. Coimbra: Minerva.
- Melo, I. A. (2007). *Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do Jornalismo com a densidade e complexidade da cultura*. Biblioteca online de ciências da comunicação. Obtido em 24 de Outubro de 2015, de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>
- Pacheco, M. (2010). *A rádio na Internet: Do "on air" para o "online". Estudo de caso do Serviço Público e o caminho para o futuro*. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Prado, E. (1985). *Estrutura da Informação Radiofónica*. São Paulo: Summus Editorial.
- Proença, W. (Maio de 2008). Observação Participante. *Revista Antropos*, pp. 8-31.
- Programas Rádio. (s.d.). Obtido em 16 de Agosto de 2016, de Só neste país: <http://www.rtp.pt/programa/radio/p6282>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, N. (2005). *A Emissora Nacional nos Primeiros Anos do Estado Novo 1933-1945*. Quimera Editores.
- Rubi, M. P. (2009). Os princípios da política de indexação na análise de assunto para a catalogação: especificidade, exaustividade, revocação e precisão na perspectiva dos catalogadores e usuários. Em V. R. Boccato, M. P. Rubi, & M. C. Gonçalves, *A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais* (pp. 81-93). São Paulo: Editora UNESP.
- Santos, R. (21 de Fevereiro de 2005). *T.S. Eliot e a cultura*. Obtido em 8 de Dezembro de 2015, de Indústrias Culturais: <http://industrias-culturais.hypotheses.org/10871>

- Saraiva, R. (8 de abril de 2016). RDP Internacional - Perfil de Canal. *A RDP Internacional é o grande elo de ligação dos portugueses no Mundo*. Obtido em 2016 de agosto de 18, de [http://www.rtp.pt/rdpinternacional/servicos/rdp-internacional-perfil-de-canal\\_9131](http://www.rtp.pt/rdpinternacional/servicos/rdp-internacional-perfil-de-canal_9131)
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D., & Guindani, J. F. (Julho de 2009). *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*. Obtido em 29 de Julho de 2016, de Revista Brasileira de História & Ciências Sociais: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>
- Silva, D. S. (2012). *Cultura & Jornalismo Cultural*. Lisboa: Media XXI.
- Silva, M. D., Domingos, N., & Moreira, P. R. (2010). *A Nossa Telefonía: 75 anos de Rádio Pública em Portugal*. Lisboa: Tinta da China.
- Silva, M. T., & Silva, D. S. (2014). Trends and transformations within cultural journalism: a case study of newsmagazine Visão. *Observatorio*, 171-185.
- Silva, M. T., & Silva, D. S. (2014). Trends and Transformations within cultural journalism: a case study of newsmagazine Visão. *Observatório*, 171-185.
- Souza, J., Kantorski, L., & Luis, M. (Maio/Agosto de 2011). Análise Documental e Observação Participante. *Revista Baiana de Enfermagem*, pp. 221-228.
- Tylor, E. B. (1871). *Encyclopaedia Britannica*. Obtido em 8 de Dezembro de 2015, de Britannica: <http://www.britannica.com/biography/Edward-Burnett-Tylor>
- Williams, R. (1983). *Keywords. A vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press.
- Williams, R. (1992). Culture is ordinary. Em A. Gray, & J. McGuidan, *Studying Culture: An Introductory Reader* (pp. 11-15). Londres; Nova Iorque; Sydney;: Arnold.

# ANEXOS

## Anexo 1: Declaração de estágio



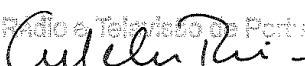
RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL SA

### DECLARAÇÃO

Por ter sido pedido e para os devidos efeitos, declara-se que **Sara Raquel Fechas dos Santos**, realizou um estágio/formação não remunerado nesta Empresa no período de 04 de janeiro de 2016 a 01 de abril de 2016 com o total de 400 horas de estágio.

Lisboa, 09 de maio de 2016

Rádio e Televisão de Portugal, S.A.

  
Maria Helena Pereira  
Diretora de Recursos Humanos

Capital Social € 1.422.373.340,00 - NIPC 500 226 680 / Mat. CRC Lisboa

www.rtp.pt

www.rtp.pt

Av. Marechal Gomes da Costa, nº 37  
1849-030 Lisboa  
Portugal

Tel.: (+351) 217 947 000  
Fax: (+351) 217 947 570

R. Conceição Fernandes, nº 755  
4434-510 Vila Nova de Gaia  
Portugal

Tel.: (+351) 227 156 000  
Fax: (+351) 227 156 072

R. Castelo Branco  
9500-761 Ponta Delgada  
Portugal

Tel.: (+351) 296 201 100  
Fax: (+351) 296 201 120

Caminho de S.º António, nº 145  
9024-500 Funchal  
Portugal

Tel.: (+351) 291 709 100  
Fax: (+351) 291 741 859

## Anexo 2: Exemplo de Ficha de Leitura

### Ficha de Leitura nº6

**Temáticas:** Jornalismo Cultural; Cultura; Tendências; Caso Português

Pág,	Capítulos e outras infos	Silva, D. S. (2012). <i>Cultura &amp; Jornalismo Cultural</i> . Lisboa: Media XXI.	Palavras-chave/Notas
	<b>Resumo</b>	Neste livro, Dora Santos Silva, faz uma conceptualização de cultura tendo em conta as transformações existentes ao longo dos tempos. É uma obra que ajuda à ampliação do conceito de jornalismo cultural em contexto português, em que a autora defende que cultura deve deixar de ser vista de forma elitista ou de forma massificada. O livro pretende dar resposta a perguntas como: “o que é o jornalismo cultural?”; “que importância tem na atualidade? Ou “que cultura mediatiza o jornalismo cultural português?”	
	<b>Autora</b>	Dora Santos Silva é licenciada em Ciências da Comunicação e mestre em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias pela FCSH-UNL e investigadora do CIMJ da mesma faculdade dos temas de cultura e digital.	
21-42	<b>Capítulo II - Conceções dominantes de Cultura</b>	<p>Dora Santos Silva aborda neste capítulo o conceito de cultura e como ele pode ser considerado um dos fenómenos mais interessantes de estudo devido à sua complexidade e ao facto de contribuírem significativamente para os meios de comunicação e o desenvolvimento tecnológico. A verdade é que este conceito vai mudando consoante as transformações da sociedade, sendo que a maior transformação ocorreu no século XX.</p> <p>“Hoje, cultura engloba Beethoven e Madonna, um quadro de Velásquez e um anúncio publicitário da Vodafone, os sonetos de Camões e a ciberpoesia de Bernstein.”</p> <p>Existem múltiplos conceitos de cultura que provêm de várias áreas de estudo. A autora considera que “cultura” pode ser multidiscursiva e o seu significado varia consoante o contexto em que se insere. Referindo as perspetivas de Hartley e António José Saraiva, vemos que o primeiro acredita que cultura é ainda pertencente às elites, o segundo vê a cultura em três sentidos: a variante extensa, etnológica e artística. Assim, ela coincide com a civilização e aquilo que lhe é acrescentado, como a religião ou o desporto. Pode também ser entendida como atividades que caracterizam um povo, ou ainda atividades artísticas que correspondem às belas-artes e às artes performativas.</p> <p>Seguindo a teoria de T.S. Elliot, podemos assim concluir que cultura segue uma ligação entre o indivíduo, o grupo e a sociedade em que se insere. A autora fundamenta ainda que só assim fará sentido estudar cultura, uma vez que não se pode dissociar o indivíduo do grupo e estudá-lo isoladamente.</p> <p><b>II.1 De uma cultura clássica a uma cultura de massas:</b></p>	<p>Complexidade do Conceito de Cultura;</p> <p>Cultura multidiscursiva;</p> <p>T.S. Elliot Ligação entre o indivíduo, o grupo e a sociedade</p>

		<p>“Ao longo da História, o termo cultura tem correspondido quase em exclusivo às artes, à literatura, à filosofia e à ciência; a partir do século XIX, o conceito foi ampliado, ganhando novas conotações e relacionando-se com os modos de vida e formas de pensamento de uma sociedade ou grupos sociais.”</p> <p>Apesar de primeiramente se centrar no indivíduo e na sua instrução, a partir do século XIX, o termo cultura foi ganhando outros significado, englobando não só o que se cria intelectualmente, como também todo o processo de produção. Abarcando também o conceito de civilização, uma perspectiva mais iluminista considera esta era suportada pela crença na religião e o desenvolvimento das sociedades. Tais ideias foram desviadas pelo pensamento capitalista, que focava o conceito de cultura com “a tradição nacional da civilização cosmopolita”, com valores subjetivos e relativos, ao contrário dos universais e racionais. Assim, a cultura passa a ser mais centra no indivíduo e no grupo.</p> <p>Dora Santos Silva, fala-nos da primeira rutura com o conceito elitista de cultura, citando Edward B. Taylor, que a definia como um “complexo unitário que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, as leis e o membro da sociedade.” Que ao contrário da definição clássica, coloca no meio da sociedade como um todo e não só pertencente às elites.</p> <p>Também é citado por esta autora o sociólogo J.B. Thompson que considera cultura como “um conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como dos artefactos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou de uma sociedade”, mostrando assim um lado mais simbólico.</p> <p>Trabalhando ainda o conceito de cultura, a autora refere autores como Lévi-Strauss, ou Saussurre que identificam cultura como um instrumento de comunicação com significados normas e valores que orientam a sociedade.</p> <p>Apesar de falar em autores clássicos, Silva cita ainda uma das definições mais utilizadas para cultura (citando Giddens), esta envolve não só a maneira como nos vestimos, como também o nosso modo de vida: como trabalhamos, como nos socializamos, e igualmente os bens que criamos e o seu significado.</p> <p><b>II.2 Fator determinante dos media na cultura:</b>  No século XVIII e ainda no século XIX, em que a população a muito menos letrada se considerava que existia uma cultura de elite, com o objetivo de encontrar a perfeição intelectual, e portanto produzir cultura. Contudo, o panorama muda com a segunda revolução industrial em que a passo dos desenvolvimentos tecnológicos se dá também um desenvolvimento a nível social e político. Aqui surge a mediatização da cultura, através do desenvolvimento significativo da imprensa, com a fotografia, da rádio e da televisão. Agora, os produtos culturais são também consumidos por indivíduos pertencentes às massas, criando-se assim: uma cultura de massas.</p>	<p>Perspetiva do indivíduo;</p> <p>Iluminismo;</p> <p>Capitalismo;</p> <p>Deixa de ser centrado no indivíduo para passar a ser centrada no grupo;</p> <p>E. B. Taylor - cultura deixa de pertencer só às elites;</p> <p>J.B. Thompson – cultura com significado;</p> <p>Lévi-Strauss e Saussurre – Cultura como instrumento de comunicação e de significado;</p> <p>Segunda revolução industrial causa impacto na cultura – passa a ser uma cultura de massas;</p>
--	--	---	--

		<p>O aparecimento da distribuição dos produtos culturais por um grande número de pessoas, é importante para compreender a cultura como a conhecemos hoje em dia, e igualmente, compreender o jornalismo cultural, em que os media são um fator importantíssimo e daqui nascem teorias como a do Estudos Culturais.</p> <p><b>II.7 Noções contemporâneas de cultura:</b> É importante reter neste subcapítulo que “a noção de cultura alterou-se fundamentalmente em função dos media, primeiro com a rádio e imprensa e depois com a televisão, os museus, as bibliotecas e outras indústrias culturais.” Os media, acabam também por transformar a identidade cultural, fragmentando-se a vários níveis. A autora termina este capítulo com uma dupla significação de cultura retirada de conclusões em conferências da Unesco:</p> <p>“o conjunto de traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e em que se englobam para além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de vida em comum, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.”.</p>	<p>Noção de cultura altera-se graças aos media;</p> <p>Dupla significação segundo a Unesco;</p>
43-58	<p><b>Capítulo III</b> <b>- Da indústria cultural às indústrias culturais</b></p>	<p><b>III.1 Indústrias culturais em vários autores:</b> Tal como o conceito de cultura, também o conceito de Indústrias Culturais é conhecido pela sua complexidade, e pelo facto de ter merecido algumas críticas em relação ao seu significado. Rogério Santos, autor do blog Indústrias Culturais, definiu as abordagens acerca deste conceito, assim como indica quais os sectores que delas fazem parte. Estes são: a edição de livros, jornais e revistas; a música; o cinema; a indústria fonográfica, relacionada com os discos; os videojogos; a internet e também o design, as artes visuais e performativas; o desporto, etc. De modo a compreender o que são afinal as indústrias culturais a autora cita David Hesmondhalgh, que nos diz que elas produzem um produto simbólico que comuniquem com a audiência. O seu principal negócio é por isso a circulação de texto, sejam eles de rádio ou televisão ou até mesmo do cinema e internet. As indústrias culturais são também consideradas como atividades que integram o trabalho cultural nos seus produtos. Há que considerar também que este tipo de indústrias, por vezes, cruzam os sectores, que podem trazer novidade ao mercado.</p> <p><b>III.5 Caracterização de algumas indústrias culturais em Portugal quanto à cadeia de valor:</b> Neste subcapítulo, com o auxílio do blog de Rogério Santos, a autora faz uma listagem e caracterização de algumas indústrias culturais existentes em Portugal. Elas são: Indústria editorial do livro; a Indústria discográfica; a Indústria cinematográfica; a Rádio; a Televisão; os Videojogos; a Imprensa diária e periódica.</p> <p><b>III.7 Formulação de hipóteses para o impacto das indústrias culturais no jornalismo cultural:</b></p>	<p>Indústrias culturais;</p> <p>Definição segundo David Hesmondhalgh;</p> <p>Lista de indústrias culturais em Portugal;</p>

		A autora considera neste capítulo que as indústrias culturais têm influência, de certa forma, no jornalismo cultural. E por isso, formula questões/hipóteses que irá desenvolver nos capítulos seguintes.	Influência das indústrias culturais no jornalismo cultural;
59-68	<b>Capítulo IV – Das indústrias culturais às indústrias criativas</b>	<b>IV.5 Formulação de hipóteses para o impacto das indústrias criativas no jornalismo cultural:</b> Tal como acontece no capítulo anterior a autora faz agora a formulação de hipóteses neste caso para as indústrias criativas, que “trouxeram para a agenda económica a criatividade e os sectores criativos, logo, também para a agenda mediática.”. Para além destes fatores, elas trouxeram para o jornalismo cultural, mudanças a nível do design e o online, por exemplo.	Influência das indústrias criativas no jornalismo cultural;
69-86	<b>Capítulo V – Jornalismo Cultural: tentativas de definição</b>	Tentar definir o que é o Jornalismo Cultural é tão complicado quanto definir cultura, devido à sua complexidade. A sua definição foi evoluindo com a evolução da cultura e da sociedade, e por isso, ainda hoje não é unânime; uns acreditam numa abordagem clássica, outros nas tendências dos produtos produzidos pelas indústrias culturais. Dora Santos Silva, entende por Jornalismo Cultural: “aquele que tem na sua essência práticas, bens ou perspetivas culturais” e “o jornalismo cultural tem um tipo específico de cobertura, lógicas diferenciadas, especificidades linguísticas e, naturalmente uma amplitude temática.” O que é importante reter neste capítulo é que o jornalismo cultural é igual ao jornalismo desportivo, foca-se num tema, mas também ele tem de se reger pelas regras éticas e deontológicas do jornalismo generalista, e é influenciado pela economia e política do país. Contudo, não nos podemos esquecer que, devido à sua natureza, este tipo de jornalismo torna-se muito mais opinativo.  <b>V.1 Algumas especificidades do jornalismo cultural:</b> Neste subcapítulo, Silva apresenta as especificidades do jornalismo cultural. A primeira relaciona-se com o fator mediador de decodificar a mensagem antes de chegar ao leitor; a segunda refere-se à sua dupla função cultural que reproduz e cria. No Jornalismo Cultural são utilizados alguns géneros que no jornalismo em geral não são, como é o caso do perfil, biografia, necrologia e a crítica. A noticiabilidade e os valores-notícia são também importantes nesta área, determinando o interesse informativo e a atualidade, igualmente são significantes a raridade, o conflito, emotividade e a dramatização. As fontes utilizadas devem partir das instituições e dos participantes, como os artistas. <b>V.2 Competências do jornalismo cultural (e dos jornalistas em geral):</b> Para além de todas as características referidas anteriormente, o jornalista cultural deve ter em atenção alguns fatores importantes. Dora Santos Silva, cita Rodriguez que nos diz que é necessário uma cultura geral de forma a conseguir relacionar fenómenos; deve-se conseguir observar e ter capacidade de sintetizar a complexidade das obras.	Definição de Jornalismo Cultural;  Caraterísticas específicas do jornalismo cultural;  Ideias cruzadas com as de Anchieta de Melo

		Para além deste carácter interpretativo, é necessário fazer com que a alta e baixa cultura seja ultrapassada	
87-106	<b>Capítulo VI – Antecedentes e tendências do jornalismo cultural em Portugal e no mundo</b>	<p><b>VI.3 A cultura que o jornalismo cultural mediatiza – algumas tendências:</b></p> <p>A autora preocupa-se aqui em mostrar que a internet pode ter uma dupla função: por lado prejudica por outro, ajuda o jornalismo cultural. Não se pode esquecer que com o seu aparecimento, surgem os blogues e sites que concorrem lado a lado com os sites de imprensa, daí que seja importante a distinção entre estes dois. A verdade é que com a internet surge uma redefinição editorial de modo a que o jornalismo cultural não caia na divulgação da agenda cultural ou na subordinação dos produtos das indústrias culturais.</p> <p>A crise identitário existente no jornalismo cultural no recai no facto de existir poucos trabalho críticos neste jornalismo, e que nos dias de hoje, têm sido substituídos pelos resumos e resenhas sem profundidade.</p>	<p>Internet e o Jornalismo Cultural;</p> <p>Crise no Jornalismo Cultural;</p>
133-138	<b>Capítulo VIII - Conclusões</b>	<p>A autora dá a conhecer o panorama do Jornalismo Cultural em Portugal, onde se dá grande visibilidade à música; ao cinema; á moda; ao design e ao lifestyle. Acredita que existe campo para a ampliação da definição de jornalismo cultural. Contudo, este ainda está muito subordinado à agenda e ainda é confundido com divulgação.</p> <p><b>VIII.1 Contributos para uma ampliação da definição de jornalismo cultural:</b></p> <p>“O jornalismo cultural impresso aposta num conceito de cultura limitado (..) há espaço para ter uma definição mais alargada.”</p> <p>Que se não foque só na cultura de elite e tendências da cultura urbana. Propõe que haja novas formas dar informação, que o jornalismo cultural tenha também um espaço para a criatividade.</p> <p>“As publicações portuguesas focalizam-se muito na obra do artista. Ora, a cultura tem de começar a ser utilizada num sentido mais lato – aquilo que somos, em constante mudança.”</p> <p>Numa outra perspetiva, é importante também não esquecer que cultura não passa só por cobrir o entretenimento, se cultura é indústria, então é preciso trabalhar o lado económico.</p>	<p>Conclusões finais;</p>

**Anexo 3: Tabela de contabilização do tempo dedicado às peças de cultura, nos noticiários da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde, durante os dias 15 de fevereiro a 4 de março:**

<b>Dia</b>	<b>Editor</b>	<b>Hora</b>	<b>Tempo de noticiário</b>	<b>Tempo dedicado à Cultura</b>	<b>Nome da Peça</b>	<b>Jornalista</b>
15 Fev.	Miguel Soares	7h	11'58''	-	-	-
		8h	08'13''	01'50''	Português nomeado para os Grammy	Alexandra Sofia Costa
		9h	13'08''	-	-	-
		10h	07'24''	-	-	-
	Daniel Belo	11h	03'33''	-	-	-
		12h	14'25''	-	-	-
		13h	12'58''	-	-	-
		14h	14'55''	-	-	-
	Nuno Rodrigues	15h	12'58''	-	-	-
		16h	13'47''	-	-	-
		17h	12'41''	-	-	-
		18h	13'47''	-	-	-
		19h	08'14''	-	-	-
		20h	11'55''	-	-	-
16 Fev.	Miguel Soares	7h	12'32''	01'24''	Filme do neto de Agostinho da Silva	Sandra Henriques
				01'35''	Casa Agostinho da Silva no Porto	Alexandra Madeira

**Legenda:**

- Peças Produzidas pela Editoria de Cultura
- Peças Produzidas pelos Turnos
- Interrupções nas Emissões

		8h	12'09"	01'48"	Rescaldo dos Grammys	Miguel Cordeiro
		9h	12'09"	01'35"	Casa Agostinho da Silva	Alexandra Madeira
		10h	07'00"	-	-	-
	Daniel Belo	11h	03'29"	-	-	-
		12h	13'10"	-	-	-
		13h	08'53"	-	-	-
		14h	12'03"	-	-	-
		15h	13'13"	-	-	-
	Nuno Rodrigues	16h	11'27"	-	-	-
		17h	12'38"	-	-	-
		18h	11'39"	-	-	-
		19h	13'08"	-	-	-
		20h	<b>Transmissão de Jogo de Futebol</b>			
	17 Fev.	Miguel Soares	7h	12'39"	-	-
8h			12'30"	-	-	-
9h			12'20"	01'52"	Lisboa Revisitada – Exposição de Edgar Pêra	Alexandra Sofia Costa
10h			08'25"	-	-	-
Daniel Belo		11h	03'14"	-	-	-
		12h	13'05"	-	-	-
		13h	08'10"	-	-	-
		14h	10'30"	-	-	-
		15h	12'57"	-	-	-
Nuno Rodrigues		16h	11'10"	-	-	-
		17h	12'53"	-	-	-
		18h	11'10"	-	-	-

		19h	13'08"	-	-	-	
		20h	11'39"	-	-	-	
18 Fev..	Miguel Soares	7h	13'12"	-	-	-	
		8h	12'51"	01'49"	Cortex	Mário Rui Cardoso	
		9h	13'28"	01'57"	Quadros Juan Miró	Alexandra Sofia Costa	
		10h	07'59"	01'08"	Leilão do carro do James Bond	Frederico Morendo	
		11h	03'15"	-	-	-	
	Sérgio Infante	12h	11'42"	-	-	-	
		13h	08'37"	-	-	-	
		14h	11'24"	01'42"	Fotos do World Press Photo	Daniel Belo	
		15h	08'37"	-	-	-	
	Nuno Rodrigues	16h	12'43"	-	-	-	
		17h	13'15	-	-	-	
		18h	<b>Transmissão de Jogo de Futebol</b>				
		19h					
20h							
19 Fev.	Miguel Soares	7h	13'24"	-	-	-	
		8h	12'04"	-	-	-	
		9h	12'09"	01'27"	Teatro Júlio de Matos	Sandy Gageiro	
		10h	08'17"	-	-	-	
	Daniel Belo	11h	03'22"	-	-	-	
		12h	13'17"	01'50"	Festival Rescaldo: Black Bombaim	Mário Rui Cardoso	

					com Peter Broztmann		
		13h	09'28"	-	-	-	
		14h	13'14"	-	-	-	
		15h	14'20"	-	-	-	
	Nuno Rodrigues	16h	12'58"	-	-	-	
		17h	12'28"	-	-	-	
		18h	13'40"	-	-	-	
		19h	12'42"	-	-	-	
		20h	11'26"	-	-	-	
20 Fev.	João Torgal	7h	08'04"	01'25"	Morte de Humberto Eco	Ana Jordão	
	Isabel Cunha	8h	08'06"				
		9h	06'42"				
		10h	08'15"				
			11h	07'36"	-	-	-
			12h	06'56"	-	-	-
			13h		01'21"	Portugal em Destaque na Eurosonic	Mário Antunes
	Cláudia Costa	14h	10'07"	-	-	-	-
		15h	10'20"	-	-	-	-
		16h	08'36"	-	-	-	-
		17h	10'39"	-	-	-	-
18h		08'52"	-	-	-	-	
		19h	Transmissão de Jogo de Futebol				
		20h					
21 Fev.	João Torgal	7h	02'21"	00'46"	Urso de Ouro – Leonor Telles	Alexandra Sofia Costa	
	Isabel Cunha	8h	01'48"	-	-	-	

		9h	07'24"	-	-	-
		10h	09'20"	-	-	-
		11h	06'58"	-	-	-
		12h	06'00"	-	-	-
		13h	05'40"	-	-	-
	Cláudia Costa	14h	07'45"	-	-	-
		15h	08'31"	-	-	-
		16h	<b>Transmissão de Jogo Futebol</b>			
		17h				
	18h					
	19h	04'16"	-	-	-	
	20h	<b>Transmissão de Jogo de Futebol</b>				
22 Fev.	Miguel Soares	7h	10'21"	-	-	-
		8h	12'32"	-	-	-
		9h	12'25"	-	-	-
		10h	08'30"	-	-	-
	Daniel Belo	11h	03'04"	-	-	-
		12h	12'03"	-	-	-
		13h	08'45"	-	-	-
		14h	12'32"	-	-	-
		15h	04'29"	-	-	-
	Alexandre David	16h	<b>Direto: Debate sobre o Orçamento de Estado</b>			
		17h	10'55"	-	-	-
		18h	12'36"	-	-	-
		19h	12'00"	-	-	-
20h		<b>Transmissão de Jogo de Futebol</b>				

23 Fev.	Miguel Soares	7h	12'14"	01'25"	Correntes de escrita: autores da Póvoa de Varzim	Alexandra Madeira	
		8h	11'48"	-	-	-	
		9h	12'28"	-	-	-	
		10h	08'32"	-	-	-	
	Daniel Belo	11h	02'30"	-	-	-	
		12h	12'04"	-	-	-	
		13h	08'10"	-	-	-	
		14h	13'52"	-	-	-	
		15h	11'10"	-	-	-	
	Alexandre David	16h	10'17"	-	-	-	
		17h	10'40"	-	-	-	
		18h	<b>Direto: Debate no Parlamento</b>				
		19h					
20h		12'43"	-	-	-		
24 Fev.	Miguel Soares	7h	12'03"	01'43"	José Duarte - 5 minutos de Jazz	Horácio Antunes	
		8h	12'40"	01'49"	David Mourão Ferreira	Alexandra Sofia Costa	
				01'43"	José Duarte - 5 minutos de Jazz	Horácio Antunes	
		9h	11'35"	-	-	-	
		10h	08'38"	-	-	-	

	Daniel Belo	11h	03'43"	01'43"	Prémio Escritores Ibéricos – Javier Cercas	Alexandra Madeira	
		12h	11'58"	01'49"	David Mourão Ferreira	Alexandra Sofia Costa	
		13h	08'45"	01'43"	Prémio Escritores Ibéricos – Javier Cercas	Alexandra Madeira	
		14h	12'20"				
		15h	12'58"	-	-	-	
	Nuno Rodrigues	16h	12'55"	-	-	-	
		17h	<b>Transmissão de Jogo Futebol</b>				
		18h					
		19h					
	20h	13'17"	-	-	-		
25 Fev.	Miguel Soares	7h	13'15"	01'39"	Adele nos Brit Awards	Frederico Moreno	
		8h	11'33"	01'36"	Encontro da literatura infantojuvenil	Sandy Gageiro	
		9h	13'06"	01'36"	Encontro da literatura infantojuvenil	Sandy Gageiro	
		10h	08'50"				
	Augusta Henriques	11h	04'20"				
		12h	11'40"	01'36"	Encontro da literatura infantojuvenil	Sandy Gageiro	
		13h	08'35"	-	-	-	

		14h	10'52"	-	-	-	
		15h	07'42"	-	-	-	
	Nuno Rodrigues	16h	11'23"	-	-	-	
		17h	13'25"	-	-	-	
		18h	<b>Transmissão de Jogo Futebol</b>				
		19h					
		20h					
-	Miguel Soares	7h	13'52"	-	-	-	
		8h	11'50"	-	-	-	
		9h	13'50"	01'35"	Fantasporto	Alexandra Madeira	
				01'23"	Rolling Stones em Cuba	Frederico Moreno	
		10h	07'34"	-	-	-	
	Augusta Henriques	11h	03'17"	-	-	-	
		12h	12'50"	-	-	-	
		13h	10'14"	-	-	-	
		14h	11'20"	01'42"	Universos Paralelos	Alexandra Sofia Costa	
		15h	11'40"	-	-	-	
	Nuno Rodrigues	16h	12'30"	-	-	-	
		17h	13'48"	-	-	-	
		18h	12'48"	-	-	-	
		19h	11'57"	-	-	-	
		20h	11'22"	-	-	-	

27 Fev.	Tiago Artilheiro	7h	07'28"	-	-	-
	Cristina Santos	8h	06'55"	-	-	-
		9h	07'46"	-	-	-
		10h	07'05"	-	-	-
		11h	07'08"	01'28"	Justiça – peça de teatro	Alexandra Sofia Costa
		12h	07'06"	-	-	-
		13h	07'18"	-	-	-
	Olívia Santos	14h	07'22"	-	-	-
		15h	08'23"	-	-	-
		16h	09'39"	-	-	-
		17h	08'56"	-	-	-
		18h	09'12"	-	-	-
	19h	09'39"	01'28"	Justiça – peça de teatro	Alexandra Sofia Costa	
	Mário Galego	20h	07'34"	-	-	-
28 Fev.	Alexandra Sofia Costa	7h	07'23"	01'39"	Portas abertas Gulbenkian	Mário Rui Cardoso
	Cristina Santos	8h	02'26"	-	-	-
		9h	07'20"	01'39"	Portas abertas Gulbenkian	Mário Rui Cardoso
		10h	07'12"	-	-	-
		11h	08'22"	01'39"	Portas abertas Gulbenkian	Mário Rui Cardoso
12h	07'25"	-	-	-		

		13h	08'02"	01'39"	Portas abertas Gulbenkian	Mário Rui Cardoso	
	Olívia Santos	14h	04'51"	-	-	-	
		15h	07'06"	-	-	-	
		16h	Transmissão de Jogo Futebol				
		17h					
	Mário Galego	18h	08'43"	01'39"	Portas abertas Gulbenkian	Mário Rui Cardoso	
		19h	02'23"	-	-	-	
		20h	Transmissão de Jogo Futebol				
	29 Fev.	Miguel Soares	7h	13'51"	01'56"	Melhor ator/atriz Oscars	Frederico Moreno
			8h	14'30"	01'49"	Melhor Realizador/filme Oscars	Frederico Moreno
9h			13'30"	01'49"	Melhor ator/atriz Oscars	Frederico Moreno	
10h			07'30"	-	-	-	
Augusta Henriques		11h	07'15"	-	-	-	
		12h	11'32"	-	-	-	
		13h	08'57"	-	-	-	
		14h	11'45"	-	-	-	
		15h	12'05"	-	-	-	
Nuno Rodrigues		16h	12'58"	-	-	-	
		17h	13'20"	-	-	-	
		18h	12'16"	-	-	-	
		19h	13'10"	-	-	-	

		20h	Transmissão de Jogo Futebol			
1 Mar.	Miguel Soares	7h	12'10"	-	-	-
		8h	14'17"	-	-	-
		9h	14'00"	-	-	-
		10h	08'14"	-	-	-
	Augusta Henriques	11h	04'50"	-	-	-
		12h	13'22"	-	-	-
		13h	08'07"	-	-	-
		14h	17'07"	-	-	-
		15h	10'40"	-	-	-
	Nuno Rodrigues	16h	11'26"	-	-	-
		17h	13'58"	-	-	-
		18h	13'26"	-	-	-
		19h	12'16"	-	-	-
		20h	10'23"	-	-	-
2 Mar.	Miguel Soares	7h	13'10"	-	-	-
		8h	13'57"	-	-	-
		9h	12'27"	-	-	-
		10h	08'15"	-	-	-
	Augusta Henriques	11h	03'57"	-	-	-
		12h	13'49"	01'16"	Imã não toca no Porto	Miguel Cordeiro
		13h	09'58"	-	-	-
		14h	12'10"	-	-	-
		15h	14'12"	-	-	-
	Nuno Rodrigues	16h	11'42"	-	-	-
		17h	14'45"	-	-	-
18h		12'29"	-	-	-	

		19h	Transmissão de Jogo Futebol			
		20h				
3 Mar.	Miguel Soares	7h	12'50''	01'57''	Teatro de Famalicão: Onde o frio se demora	Miguel Bastos
		8h	11'17''	-	-	-
		9h	13'32''	01'54''	Monstra	Sandy Gageiro
		10h	07'29''	-	-	-
	Augusta Henriques	11h	05'51''	-	-	-
		12h	11'04''	-	-	-
		13h	09'39''	-	-	-
		14h	13'44''	-	-	-
		15h	08'03''	-	-	-
	Nuno Rodrigues	16h	12'45''	-	-	-
		17h	13'42''	-	-	-
		18h	12'50''	-	-	-
		19h	12'20''	-	-	-
		20h	11'45''	-	-	-
4 Mar.	Miguel Soares	7h	12'53''			
		8h	13'25''	01'33''	Festival Cunplicidades	Sandy Gageiro
		9h	13'12''	-	-	-
		10h	07'49''	02'06''	40 anos da Barraca	Alexandra Sofia Costa
	Augusta Henriques	11h	04'55''	-	-	-
		12h	11'33''	-	-	-
		13h	10'04''	-	-	-
		14h	11'54''	-	-	-
		15h	09'47''	-	-	-

	Nuno Rodrigues	16h	10'43"	-	-	-
		17h	13'00"	-	-	-
		18h	12'45"	-	-	-
		19h	13'34"	-	-	-
		20h	13'37"	-	-	-

## **Anexo 4: Tabelas e gráficos de análise de conteúdo**

### **4.1. Tabela de contabilização de noticiários da Antena 1 dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde**

#### **Noticiários da Antena 1**

<b>Semana</b>	<b>Manhã 1</b>	<b>Manhã 2</b>	<b>Tarde</b>
<b>15 de fev. – 21 de fev.</b>	28	35	25
<b>22 de fev. – 28 de fev.</b>	28	35	22
<b>29 de fev. – 4 de mar.</b>	20	25	22
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>95</b>	<b>69</b>
	<b>240Noticiários</b>		

### **4.2. Tabela de contabilização de peças de cultura emitidas nos noticiários dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde da Antena 1**

#### **Peças de cultura emitidas nos noticiários**

<b>Semana</b>	<b>Manhã 1</b>	<b>Manhã 2</b>	<b>Tarde</b>
<b>15 de fev. – 21 de fev.</b>	15	3	0
<b>22 de fev. – 28 de fev.</b>	11	9	2
<b>29 de fev. – 4 de mar.</b>	7	1	0
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>13</b>	<b>2</b>
	<b>48 Peças emitidas (mas 15 em repetições)</b>		

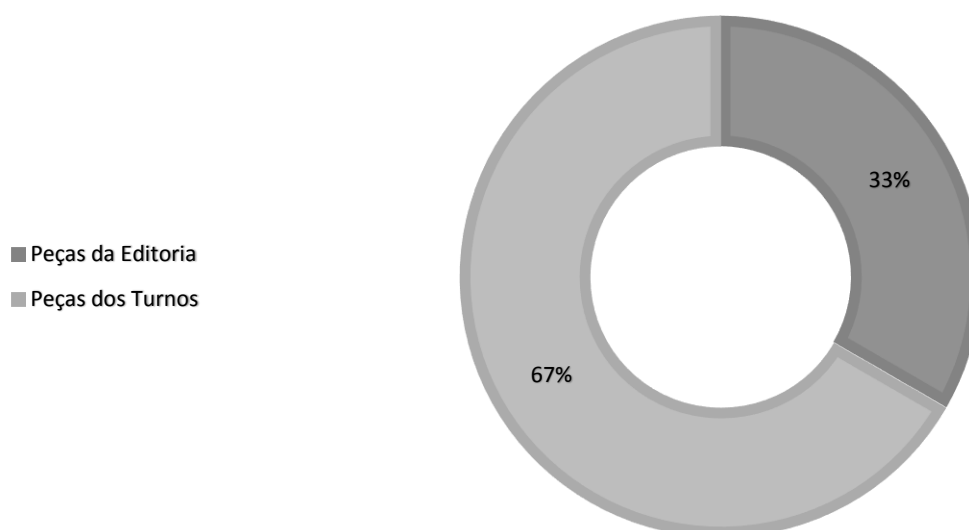
#### 4.3. Tabela de peças de cultura repetidas nos noticiários da Antena 1 dos turnos da Manhã 1, Manhã 2 e Tarde

Número de vezes em que as peças de cultura foram repetidas em cada turno nos noticiários da Antena 1

Peças	Manhã 1	Manhã 2	Tarde
Casa Agostinho da Silva no Porto	1		
Morte de Humberto Eco	3		
José Duarte – 5 Minutos de Jazz	1		
David Mourão Ferreira		1	
Prémio Escritores Ibéricos – Javier Cercas		1	
Encontro da literatura Infantojuvenil	1	1	
Justiça – Peça de Teatro			1
Portas Abertas Gulbenkian	1	2	1
Melhor Ator/Atriz nos Oscars	1		
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>2</b>

#### 4.4. Percentagem de peças realizadas pela Editoria e pelos Turnos

Peças realizadas pela Editoria e pelos turnos



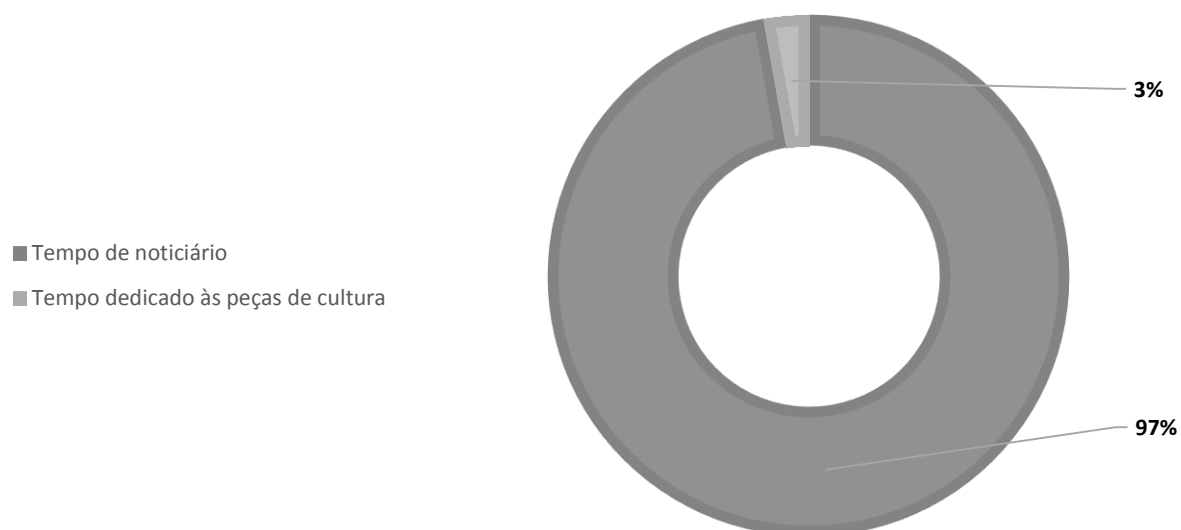
#### 4.5. Tabela de temas abordados nas peças de cultura

Temas nas peças de cultura

Temas	Número de peças
Música	7
Exposições	2
Literatura	7
Cinema	6
Teatro	5
Fotografia	1
Morte de Famosos	1
Tecnologia	1
Dança	1
Outros	2
<b>Total</b>	<b>33 Peças</b>

#### 4.6. Percentagem do tempo dedicado às peças de cultura na Antena 1

Tempo dedicado às peças de cultura



## **Anexo 5: Entrevistas**

### **5.1. Entrevista Mário Rui Cardoso – coordenador da editoria de Cultura**

#### **Como funciona a editoria de Cultura na Antena 1?**

A editoria formalmente tem dois elementos, sou eu e a Alexandra Sofia Costa, no entanto podemos aqui e ali, mobilizar outras pessoas da redação, quando há necessidade disso, pessoas de outros turnos, de outras equipas. Por vezes mobilizamos a Sandy Gageiro, por vezes a Inês Forjaz, outras vezes é mesmo necessário mobilizar outras pessoas, se queremos cobrir coisas que se passam em Coimbra ou no Porto ou no Algarve. Não vamos lá nós que somos aqui de Lisboa fazer não é? Mas fixas na editoria e a fazer um acompanhamento tão permanente quanto possível das coisas que se passam aqui em Lisboa, somos os dois.

Nós temos um plano semanal, eu à quarta-feira à noite tento fazer uma previsão do que vai acontecer na semana seguinte, porque na quinta-feira há reunião de planeamento aqui na Antena 1, reunião em que todos os editores se juntam para reunir com a direção para definir o que ser a semana seguinte. Então, à quarta-feira à noite tento elaborar um plano para ter propostas na minha área para essa reunião de planeamento. É claro que depois, à medida que a semana vai decorrendo, vão aparecendo coisas novas, e portanto esse plano nunca está fechado está sempre sujeito a alterações. De modo a que, tento planear o trabalho assim, há sempre muitas coisas a acontecer, mas porque somos poucos, não podemos fazer tudo, então temos de ser criteriosos, temos de escolher aquilo que vamos fazer.

#### **O trabalho que é desenvolvido na editoria, é feito só para os turnos?**

Nós quando fazemos um trabalho tentamos perceber onde é que aquele trabalho cabe. Fazemos para os turnos/noticiários da Antena 1, mas tentamos perceber onde é que aquilo poderá caber mais. Imagina, se formos a um ensaio numa ópera, se calhar aquilo cabe na Antena 2, então propomos à Antena 2. Se fazemos alguma coisa sobre música pop, se calhar aquilo cabe na Antena 3, para além dos noticiários, noutros programas que existem. Estava-te a falar na Antena 2, e para ser mais concreto, vamos tratar de alguma coisa que achamos que pode caber na Antena 2, então normalmente o que fazemos é ligar ao Paulo Alves Guerra, que é a pessoa que tem a responsabilidade pelo programa da manhã da Antena 2 e perguntar-lhe se ele tem interesse naquilo. Normalmente tem. Então produzimos uma coisa mais alargada para ele, porque ele tem um espaço de emissão de várias horas e portanto pode incluir

no programa dele, uma coisa mais alargada. Não nos preocupamos tanto em informar as pessoas que fazem os noticiários da Antena 2 sobre o que existe, porque essas pessoas trabalham próximo das pessoas que estão nos turnos da Antena 1, então sabem o que existe. Quando nós deixamos para as pessoas da Antena 1, as da Antena 2 já sabem que isso existe. Preocupamo-nos em informar o Paulo até para o caso de ele querendo, nós podemos fazer uma coisa mais alargada. O mesmo para a Antena 3, nós preocupamo-nos tanto em informar quem está a fazer os noticiários da Antena 3, sempre que temos alguma coisa que achamos que pode caber na lógica deles, porque eles estão a trabalhar próximos das pessoas do turno da Antena 1, que estão a trabalhar naquele momento e portanto já sabem o que é existe, porque eles têm o menu todo das coisas que existem. Informamos por exemplo, o Tiago Ribeiro que tem o programa de cartaz da Antena 3. Da mesma maneira por exemplo, temos um colega na RTP Africa que é o João Costa Dias, que acompanha muito o teatro, por vezes se nós não conseguimos com a nossa equipa tratar uma peça de teatro que achamos que é importante tratar, perguntamos ao João Costa Dias se ele vai tratar para a RTP Africa, e por vezes sim, e nós aproveitamos o trabalho dele na Antena 1. Tentamos sempre que estas relações acontecem entre os diversos canais da rádio.

Na reunião são definidas algumas coisas, mas não são definidas todas as coisas. São definidas as coisas mais importantes, aquelas que são mesmo preciso fazer. Mas há outras, quer aqueles que aparecem mais tarde, depois da reunião, quer outras coisas, menos importantes, mas que também interessa fazer.

**Os trabalhos são sugeridos pelos editores dos turnos ou são vocês que sugerem? (a editoria de cultura acaba por ser uma prestadora de serviços?)**

Nós fazemos propostas aos turnos e os turnos pedem-nos coisas especificamente. Há os dois lados. Quando nos pedem coisas especificamente nós tentamos fazê-las, dependendo das nossas possibilidades, outras vezes nós propomos e temos de justificar porque é que propomos, porque é que achamos que aquilo é interessante. É assim que funcionamos.

**Já alguma vez existiu um programa/magazine dedicado só a informação cultural?**

Desde que passei a assumir funções de cultura aqui na Antena 1, foi em 2003/2004, havia uma coisa chamada a Casa da Artes, começou por ter três edições diárias entre 4/5 minutos e era um programa de cartaz, de sugestões culturais. Era uma edição de manhã,

às 10, outra à tarde e outra à noite. Tentava-se fazer edições diferentes quando se conseguia, nem sempre se conseguia. Desde logo porque há dias em que há muito mais coisas a acontecer do que outros. À quinta e à sexta há muito mais coisas a acontecer do ponto de vista cultural, do que à segunda, à terça e à quarta. Então era muito mais complicado fazer edições nesses dias do que à quinta e à sexta. Exatamente por causa dessa diferença na oferta. De três edições diárias passou a ter só uma, julgo que houve uma fase que ainda teve duas, mas depois teve uma só. E foi um programa que durou, já com outro nome, durou até relativamente pouco tempo, até há um ano e meio ou dois. Num programa feito por outra pessoa, já não era eu a fazê-lo, mas esse programa esteve durante muito tempo no ar. Isto a nível de informação, porque se formos para a parte da programação, para toda a parte da Antena 1 que não está dependente da direção de informação, mas sim da direção de programas, há várias rubricas a acontecer de âmbito cultural. há rubricas de livros, de música, música ao vivo, música gravada. Há muita coisa que pode ser considerada de âmbito cultural também e não depende de nós direção de informação.

Neste momento não há um magazine cultural dependente da direção de informação com produção nossa, jornalistas.

### **Porque é que não existe agora?**

Não te sei responder porque deixou de existir. Ele estava a ser feito pela Eduarda Maio no Porto, e entretanto deixou de existir.

### **Há possibilidade de existir no futuro?**

Não. Neste momento não me parece que haja possibilidade de isso acontecer. Porque nós somos menos jornalistas do que já fomos na direção de informação da rádio e portanto, não me parece que haja recursos suficientes para ter um programa semelhante. Eu na altura, trabalhava com duas pessoas, que estavam diretamente dependentes de mim, e depois trabalhava também com pessoas de Coimbra, do Porto, de Faro, porque o programa trabalhava com um âmbito nacional. Aqui em Lisboa, trabalhava com duas pessoas. Não vejo possibilidades de, neste momento, ter os recursos humanos suficientes para ter um programa desse tipo, não me parece possível.

Eu próprio sou o editor de Cultura, trabalho esta área, mas muitas vezes estou a fazer outras coisas porque é preciso e me pedem. Situações pontuais, ou férias ou folgas, às quais são precisas resposta. Por exemplo, uma campanha eleitoral, obriga a mobilizar um

certo número de jornalistas para fazer um acompanhamento da campanha e qual é o resultado disso? É que se abre buracos nas necessidades diárias da redação e é nessas alturas que eu sou chamado para fazer isto e aquilo.

**Mas se atualmente houvesse os recursos necessários, acha que seria uma boa aposta para a Antena 1?**

Eu acho que o que a Antena 1 tem de ter, independentemente de ter um magazine cultural ou não, é informação cultural. Informação sobre as artes, espetáculos, a vida cultural do país, de forma muito permanente, independentemente de haver um magazine ou não. Essa informação, não tem obrigatoriamente de estar concentrada num magazine, ela tem é de estar de forma permanente. Com qualidade, sempre, não se pode prescindir disso, e de forma permanente. Não estar hoje e amanhã não está, não pode. Acho que da mesma maneira que informação sobre a atualidade política, económica, internacional, desportiva, está de forma permanente em Antena, a informação sobre a atualidade deve estar permanente em antena. Mas pode estar nos noticiários, até eventualmente em entrevistas fora dos espaços dos noticiários, até em rubricas da própria responsabilidade da direção de programas. A Antena tem é de ter, tem de lá estar, não obrigatoriamente concentrado num magazine, não me parece que seja fundamental. Até porque haver um magazine pode ter um efeito perverso que é: tu ao teres um magazine, isso pode dar origem a que os editores dos noticiários digam “eu não dou, mas também não problema, porque se não entrar aqui nos noticiários, entra no magazine”. Haver um magazine, pode ser desculpa para não coisas da cultura dentro dos noticiários.

**Considera o que é feito nesta editoria como Jornalismo Cultural. É uma editoria de espetáculos ou uma editoria de cultura?**

Acho que somos mais uma editoria de espetáculos do que uma editoria de cultura. Nós fazemos mais agenda de artes e espetáculos, do que outra coisa qualquer, porque não temos muita gente, porque há muita coisa a acontecer que achamos que devemos dar a nível de programação cultural, de agenda, de cartaz. Mas é claro que eu acho que devíamos de fazer outras coisas para além disso. Devíamos fazer mais Cultura, mas também é preciso saber o que se entende por uma coisa e outra. Por exemplo, o El País distingue as secções de cultura e de artes e espetáculos, nas artes e espetáculos dão os concertos, os filmes que estreiam, as exposições. Na cultura eles têm uma abordagem diferente, porque têm entrevistas com os autores. Digamos que a secção artes e

espetáculos do El País é mais o entretenimento, embora eles não tratem só nessa secção as artes e os espetáculos que entretêm. Porque por exemplo, tu tens cinema de entretenimento e tens cinema de autor, um cinema mais pensado e que convida mais à reflexão e não tanto ao lazer, mas o cinema está todo ali. A Cultura é esse lado mais de reflexão, mais sério. E eu acho que nos falta esse lado. Acho que nos falta o tratamento desta área para além daquilo que acontece no dia. Isso aí nós vamos tendo e eu acho que devemos ter, mas falta-nos mais o lado da reflexão. Forçosamente temos isso porque vai muito as notícias e aos noticiários, cabe muito nas escolhas dos editores, quando morre alguém nesta área, quando alguém recebe um prémio importante, aí temos que responder da forma habitual: fazer um perfil, ouvir reações sobre a pessoa que morreu ou o prémio que foi atribuído. Por exemplo, se vem a Portugal o maior especialista vivo, do cinema do Eisenstein, como aconteceu à pouco tempo para o ciclo de cinema russo, se um tipo dessa dimensão vem a Portugal, nós devemos dar. Mas isso é mais difícil tratar esse lado, porque não é evidente para toda a gente que este tipo merece ser ouvido e que é importante contar o que ele tem a dizer sobre o cinema do Eisenstein, que foi um pioneiro no cinema e é importantíssimo na história do cinema. É mais complicado fazer perceber às pessoas que decidem o que se põe no ar ou não, a importância disto. Não é tão evidente, e esse lado está deficitário.

### **Têm receio de cair na promoção dos espetáculos e não propriamente fazer Jornalismo Cultural?**

Não, isso claro que acabamos sempre por promover. Imagina, nós não fazemos crítica, nós falamos sobre os espetáculos, ao não fazer crítica nós não vamos dizer a partida nem bem nem mal, vamos dizer o que aquilo é. Depois a pessoa que está a ouvir faz a sua escolha. Se interessa ou não interessa ir ver. É claro que, se fizéssemos crítica, podíamos fazer o contrário. Em vez da promoção não, podíamos fazer não a apologia, mas o contrário, podíamos dizer mal daquilo. Mas como não fazemos crítica, não dizemos bem nem mal, dizemos o aquilo é. Também não acho que nós devamos dar a ideia de que é tudo espetacular, como eu vejo muitas vezes acontecer no Jornalismo Cultural que nós temos neste país. Não estou a falar só da rádio, estou a falar de uma maneira geral, Eu sinto que, lendo, ouvindo e vendo sobre o que vai acontecendo neste país a nível de cinema, música, artes plásticas, teatro... é tudo muito espetacular. E eu acho que isso é um exagero, claro que não é sempre assim, mas é muitas vezes assim. E mesmo nas conversas que tenho com a Alexandra e com outras pessoas que fazem cultura aqui, tenho

referido isso mesmo, acho que o nosso papel, não é dizer bem nem mal, é dizer o que aquilo é. Dizer o que as coisas são e depois as pessoas que nos estão a ouvir, fazem a sua escolha.

Podes perguntar: então e porque é que decidem falar de umas coisas e não falar de outras? Eu tenho alguns critérios. Por exemplo: eu tento sempre que nós na rádio pública, consigamos falar das coisas que as instituições públicas nos dão por todo o país. Porque são instituições pagas com o dinheiro dos contribuintes. Nesse sentido, as pessoas que nos estão a ouvir têm o direito de saber o que é estas instituições públicas no domínio da cultura andam a fazer com o nosso dinheiro. E não podemos passar ao lado da programação das instituições que por norma atraem muito visitantes, Museu coleção Berardo por exemplo, Gulbenkian, não é público, mas atraem muita gente. Há uma expectativa por parte das pessoas sobre o que estas instituições vão fazendo. Portanto se há uma expectativa por parte dos visitantes, cabe-nos a nós ir informando.

Outro critério é: há gente a trabalhar nas artes que tem uma carreira importante, um Jorge Silva Melo ou Luís Miguel Sintra no teatro, são nomes que arrastam muita gente para os seus espetáculos, então nós tentamos ir acompanhando do ponto de vista informativo o que é que estas pessoas vão fazendo. No cinema: se o João Botelho faz um filme, nós tentamos dar uma atenção especial também.

Agora, promoção: atenção. Há muito a ideia de que nós e sobretudo na TV, porque é um meio que é o mais importante e o mais visto, há muito a ideia de que o que se faz nesta área é vender bilhetes, não tanto um jornalismo sério de reflexão aprofundado, inteligente. São umas coisas que se fazem para promover e vender bilhetes. Eu percebo essa crítica quando ela existe, até porque há muitas vezes, quanto a mim erradamente, a tendência para dizer que tudo é espetacular. Mas eu acho que nós devemos estar sempre muito conscientes disto: o nosso trabalho não deve servir para promover nada, o nosso trabalho deve ser feito de uma forma séria e distanciada. Nós não somos relações públicas de ninguém. E se o fizermos dessa forma, vamos estar sempre muito conscientes de que não estamos ali a promover nada, estamos ali para dizer o que aquilo é. E acho que devíamos ter ainda outra componente, como já tivemos na Antena 1 há muitos anos, críticos de todas as áreas: de cinema, de artes plásticas, de teatro, música... Nós já tivemos isso e nós como rádio de serviço público devíamos ter isso. Devíamos ter por um lado a peça jornalística a contar o que é que determinada coisa e depois a crítica. Alguém especializado naquela área e que diga, isto é bom e isto não é. Nem a crítica deve necessariamente enveredar por esse caminho, de dizer que é bom ou não presta. Fazer

crítica não é só isso, eu acho que não é só isso. Crítica é um olhar especializado sobre as coisas e isso também falta. Porque nós na Antena 1 temos um crítico de cinema, o João Lopes, mas depois se quisermos fazer crítica das artes plásticas, onde é que temos? Não temos ninguém, não quer dizer que não possamos pedir a alguém de fora, mas não temos. Ou se quisermos fazer crítica de teatro, onde é que nós temos crítica de teatro? Nós não temos. Mas devíamos ter, da mesma maneira que temos comentadores de política nacional, internacional, de assuntos económicos, mas temos só um crítico de cinema. Antigamente para fazer crítica de artes plásticas tínhamos o Ernesto Sampaio, isto há muitos anos. Para fazer crítica de dança, tínhamos gente para todas as áreas.

**Ainda acerca deste tipo de jornalismo, nós falamos sobre isto nas aulas de Atelier de Rádio, em que o professor nos explicou que na TSF, antes não se exigia que houvesse uma secção específica para a cultura, porque se pretendia que todos soubessem e fossem interessados sobre o que é a Cultura, e portanto era transversal. E muitos autores também dizem que um jornalista cultural deve ser culto, interessado. Um pequeno comentário sobre esta ideia.**

Eu acho que todo o jornalista deve ser culto, ponto. E mais, só um jornalista culto, pode abordar qualquer coisa de forma culta, certo? Às vezes diz-se “a cultura”, as pessoas confundem um bocadinho, cultura com livros, exposições, dança, teatro, cinema... cultura é tudo! Tudo é cultura! Quando se diz que uma pessoa é muito culta, o que é que é uma pessoa muito culta? É uma pessoa que vai muito ao teatro, ou que vai muito ao cinema? Não. Uma pessoa muito culta é uma pessoa que tem muitos conhecimentos, sobre tudo! Até se fala de cultura geral. Cultura geral não é só saber que o tipo que ganhou o Oscar de melhor realizador este ano foi o Alejandro Iñárritu, e que o melhor filme foi o Caso Spotlight. Cultura geral é saber quem é o presidente dos Estados Unidos, é saber onde é que fica no mapa a Somália, é tudo! E um jornalista não é só um jornalista de cultura, qualquer jornalista deve ser culto, porque quanto mais culto for, melhor faz o seu trabalho, mais será capaz de abordar qualquer tema de forma culta. Porque quantos mais conhecimentos tiveres, mais relações também consegues estabelecer entre umas coisas e outras, melhores perguntas saberás fazer.

Na TSF decidiram não fazer uma editoria de cultura, porque entendiam que toda a gente deveria ser capaz de fazer uma peça de cultura, uma peça sobre cinema, uma peça sobre livros. Bom, mas então, isso serve para a política, serve para a economia. Eles não têm lá uma editoria de política? Então acabem com a editoria de política, porque eu acho

que qualquer jornalista, mesmo um jornalista de cultura, deve acompanhar os assuntos políticos. Se isso é argumento para não haver editoria de cultura, então que não haja editoria nenhuma, porque na minha opinião, sem prejuízo de haver jornalistas especializados, qualquer jornalista deve saber um bocadinho de tudo, qualquer jornalista deve ser curioso em relação a tudo: à política internacional, nacional, desporto. Acabem com a editoria de desporto! Eu acho que a razão de haver editorias, é ter jornalistas a acompanharem assuntos de forma especializada, estarem diariamente a acompanhar aqueles assuntos, porque se estiverem diariamente a acompanhar aqueles assuntos, teoricamente pelo menos, vão fazer um trabalho melhor, sobre aqueles assuntos. Até podem desenvolver contactos nas suas respetivas áreas, de forma mais eficaz, porque não estão a tratar hoje uma coisa e amanhã outra. Agora, isso não deve de maneira nenhuma impedir que um jornalista que se especializa numa área, esqueça as outras. Se o fizer, pode ser um jornalista excelente na sua área mas será sempre manco. Se rádio, ou um jornal, ou um canal de televisão para o qual ele trabalha, não esperar mais dele do que aquilo, então está tudo muito bem. É a tal história, o saber não ocupa lugar, quanto mais souberes melhor para ti, em todas as áreas, agora que isso seja argumento para deixar de haver uma editoria, então acabem com a editoria política, porque toda a gente tem de saber o que é que se está a passar com o orçamento, o que é o programa nacional de reformas, qualquer jornalista deve saber, qualquer um, de qualquer área. Eu acho que é uma vantagem, eu tento ter informação sobre todas as áreas, tento ler os jornais todos os dias, saber o que se passa á minha volta. Agora há uma coisa, há gente que simplesmente não tem vocação para esta área. Eu acho que é absurdo pensar que qualquer jornalista deve saber fazer uma peça na área cultural, eu posso não gostar de teatro. Nunca tive interesse nenhum em artes plásticas, nunca visitei uma exposição, nem quero visitar, não me interessa, e não quero saber se é do Picasso se não é do Picasso, se é Van Gogh. Podem ir milhões ver a exposição do Amadeu de Sousa Cardoso ou da Paula Rego, mas aquilo a mim não me interessa. Então, eu não vou saber fazer uma coisa sobre aquilo, porque não é a minha vocação, não é a minha inclinação, portanto, não vou. Acho que é demagógico, no fundo, na minha opinião, posso estar errado, mas na minha opinião é tentar justificar uma decisão que foi tomada, mas com algum peso na consciência por a terem tomado. “É chato não haver uma editoria de cultura, mas temos de justificar o facto de não haver uma editoria de cultura”. Desconfio dessa argumentação, acho que é disparatada, acho que é um absurdo completo, mas enfim.

## **O que é que difere o jornalismo cultural do jornalismo generalista? Quais são as características essenciais?**

Isso é uma pergunta que me leva a pensar em várias coisas. Imagina: se tu fazes jornalismo económico, para um jornal especializado, Para um Diário Económico, para um Jornal de Negócios, a tua abordagem se calhar deve ser diferente de se fizeres esse tipo de jornalismo para um órgão generalista, que é o caso da Antena 1. Começa logo por aí, porquê? Porque tu deves partir do princípio que quem vai comprar o Diário Económico ou o Jornal de Negócios é gente muito focada naquele tipo de informação e esse público é diferente do público da Antena 1, ou de um órgão generalista. Então quando tu fazes jornalismo especializado tu se calhar não tens de ter a mesma preocupação de descodificação daquela informação, que tens de ter quando fazes jornalismo na editoria de economia da Antena 1. Porquê? Porque quando tu fazes jornalismo de economia na editoria da Antena 1, tu sabes que estás a trabalhar para um órgão generalista que tem um público mais generalista, então a tua linguagem, a tua preocupação de descodificar as matérias económicas tem que ser diferente tens de chegar a mais gente, começa logo por aí e serve para o jornalismo cultural também.

Se eu sou jornalista no Jornal de Letras, provavelmente, a minha abordagem de qualquer assunto, literatura, cinema, teatro, artes plásticas, dança, terá de ser diferente da minha abordagem se eu for um jornalista da área de cultura da Antena 1, pela mesmíssima razão, porque eu sei que na Antena 1 estou a falar para um público mais generalista. Quem é que vai comprar o Jornal de Letras? É alguém que se interessa sobre estas coisas de uma forma muito especial. É um público mais especializado também. Até acho que o jornalismo nesta área da cultura, na rádio, Antena 1 neste caso, deve ser um pouquinho generalista, deves falar das coisas de uma forma um pouquinho mais generalista, para abranger mais pessoas. Não deve ser simplista. As coisas devem ser feitas sempre de forma séria, inteligente, não devemos achar que as pessoas são burras, parvas. As coisas devem sempre sempre ser tratadas com respeito que merecem, nunca simplista. Generalista, porque não? Mesmo aqui dentro da rádio, abocado estávamos a falar sobre fazer trabalhos para as diferentes Antenas. Eu se for fazer uma coisa para Antena 2, se for tratar do mesmo assunto para a Antena 1 e para a Antena 2, tenho de ter a consciência de quando estou a fazer o meu trabalho, de que a forma como vou abordar aquilo para a Antena 1 é uma e a forma como vou abordar para a Antena 2 é outra diferente. Porque a audiência é diferente, são públicos diferentes. Se eu vou tratar de uma opera para a Antena 2 e para a Antena 1, se calhar eu para a Antena 1 tenho de ser um pouquinho mais generalista e para

a Antena 2 já posso ser um bocadinho mais especializado, se eu souber ser especializado. Se calhar eu se for fazer um espetáculo de música erudita para Antena 2, já posso falar em andamentos.

**Nós falámos exatamente também dessa questão durante as três semanas que eu estive na Cultura. Umas das primeiras peças que fiz era acerca do tenor que estava nomeado para os Grammys, em que me disseste: “Esta parte aqui se calhar não vale a pena, se fosse para a Antena 2...”, que era sobre o registo vocal. Tem a ver um pouco com isto que estamos a falar, sobre a informação que vamos dar às pessoas, se elas vão perceber ou não.**

Sim, exato! Eu estar a falar de um andamento de uma peça sinfónica. Para o público da Antena 1, se estão dez a ouvir-me, provavelmente um saberá o que é, os outros nove não estão nem aí. Se calhar posso evitar falar disso. Mas se calhar, os dez que me estão a ouvir na Antena 2, sabem o que é que isso é. E sabem o que um tenor, um contratenor, um soprano, um barítono, na Antena 1 já não é assim. Quando me falas em generalista ou especializado: tem nuances.

**A forma de escrever e montar as peças será sempre de forma diferente, para cada uma das Antenas?**

Vou-te dar um exemplo: há tempos fui fazer uma entrevista com o Rufus Wainwright porque é tipo da pop, mas que escreveu uma ópera e ele veio a Portugal apresentar a ópera ali à Gulbenkian. E é engraçado, porque é tipo de coisa que eu pensei: vou entrevistar o Rufus Wainwright! É uma pop-star, dá para a Antena 1, dá para a Antena 2 porque é uma ópera, dá para a Antena 3 porque é uma pop-star apesar de ser uma ópera. Então eu tive de fazer esse exercício, tive de fazer esse raciocínio. Como é que eu vou apresentar isto na Antena 1, na Antena 2 e na Antena 3. Não pode ser tudo da mesma maneira. Então, na Antena 3 podes puxar por outros aspetos da entrevista, podes puxar mais pelo lado de “a escrita para ópera tem algum ponto de contacto com a escrita para pop”. Porque achei a dada altura que aquilo me parecia uma opera com uma escrita muito próxima da pop, então falei com ele sobre isso. Se calhar para a Antena 2, podes puxar mais para o lado da paixão dele por compositores clássicos e contemporâneos de música erudita. É isto, este exercício tens de fazer sempre, tendo em atenção o público para o qual vais falar.

A forma de escrever convém que seja ajustada à Antena para onde a história vai, se conseguires até ajustar a linguagem. Se conseguires ser móvel a esse ponto, melhor ainda.

**E quando estamos a montar uma peça de cultura não é a mesma coisa que montar uma peça de economia, podemos fazer muito mais numa peça de cultura, mexer muito mais com os sons.**

À partida sim, porque trabalhas com mais materiais. Se fores fazer uma peça de teatro, trabalhas com diálogos da peça que tu captas nos ensaios, trabalhas com música. Tens mais materiais à tua disposição para montar uma peça, se bem que eu acho que é um bocado a ideia feita de que: se tu fazes uma peça de cultura podes ser criativo e se fazes uma peça de economia não podes ser criativo, é um disparate. A tua criatividade é a tua criatividade, ponto. Independentemente daquilo que estejas a tratar. Se fores uma pessoa criativa tu podes tratar qualquer tema de forma criativa. E ser criativo não é só ser engraçado, não é só fazer um texto engraçado, cheio de comparações, imagens, metáforas, e olha que texto tão cheio de voltinhas. Não. A criatividade é tu encontrares formas tuas, personalizadas de dizeres as coisas sem o prejuízo do rigor da informação, da objetividade de informação. E isso tu tanto podes fazer numa peça de economia, de política. Agora, muitas vezes falta a criatividade, porque as pessoas também não são todas criativas de igual maneira, há umas mais criativas outras menos criativas. Às vezes falta o tempo, há pessoas que conseguem ser criativas de forma espontânea, quase como respiram, outras não, precisam de mais tempo para poderem ter essa criatividade. E como cada vez mais falta o tempo no jornalismo, nomeadamente no jornalismo de rádio, não há muito tempo para essa criatividade, não há às vezes sequer tempo para pensar naquilo que estamos a noticiar, quanto mais como vamos dar aquilo de forma mais personalizada, mais criativa, mais original.

Eu encaro a criatividade como, “deixa lá ver como é que eu vou dar isto, de forma a que não se pareça com tudo o que as pessoas ouvem a toda a hora” (que é quanto a mim aquilo que mais acontece). Imagina que estás no carro e vai ouvir as notícias nos três canais que normalmente são escolhidos para as notícias que são: a Antena 1, a Renascença e a TSF. Diz-me tu, tu notas muitas diferenças na linguagem, na maneira de dar as notícias? Não notas? Achas que as pessoas são muito diferentes umas das outras a darem as notícias? Não são. Eu acho que as pessoas, os jornalistas, agora estamos a falar da rádio, escrevem todos da mesma maneira, debitam todos da mesma maneira. Portanto, há criatividade? Alguns têm, mas a criatividade não é um recurso que abunde por aí quando

tu ouves ou vês os apresentadores de telejornal a dar as notícias, qual é a diferença? A diferença é que um é mais velho outro é mais novo, um é mais careca outro e menos careca. Ou então são elas, uma é loira outra é morena, uma tem cabelo curto outra tem cabelo comprido. Mas no texto, na forma de comunicarem, há assim tantas diferenças? Quando abres um jornal, há assim tantas diferenças assim tantas diferenças na forma como se escreve notícias para jornais hoje em dia? Há? Eu não acho que haja. Acho que há um padrão de escrita de notícias e portanto, não há criatividade ou há muito pouca criatividade na verdade. É uma pena quanto a mim, porque acho que é das melhores coisas que nós temos é a criatividade e volto a dizer, na minha opinião, pode existir em qualquer área, cultura, economia, política, desporto. Tudo! Em qualquer área. É a mesma coisa que pensar, é preciso ser culto só para fazer cultura? Então o tipo que faz economia não tem de ser culto também? O tipo que faz desporto não tem de ser culto também? Só porque faz desporto? Só porque só fala de bola? Um jornalista de desporto já não tem de ser culto? Isso é um disparate. Um jornalista tem de ser culto, ponto final.

**Alguns autores classificam Jornalismo cultural como um jornalismo que tem muito por onde crescer. Consideras que isto é verdade e que há oportunidade de ele vir a crescer aqui na Antena 1?**

Tem. Eu acho que se faz algum mau Jornalismo Cultural em Portugal, por acaso. O Público acho que faz um bom jornalismo cultural, é um exemplo quanto a mim até de bom jornalismo nesta área, o Expresso de alguma maneira também. Mas tem muito por onde crescer se pensares que existe muito mais publicações, para além do Público e do Expresso. Acho que as restantes publicações são deficitárias nesta área. Quando falo em publicações estou a pensar nos jornais e revistas, mas estou a pensar também na televisão e na rádio. Por exemplo, o Diário de Notícias tinha um ótimo suplemento cultural que era o QI, que fazia um Jornalismo cultural de folgo, desistiram daquilo. Provavelmente por acharem que aquilo não tinha leitores. O que me leva a dizer-te, se tem muito por onde crescer, tem, mas e há massa crítica para esse tipo de jornalismo? Não sei. Não sei se haverá muita gente no país interessada, não sei. Não digo que não haja, não sei se há assim tanta gente interessada num Jornalismo Cultural de fundo. Tu hoje em dia, escreves um artigo com mais de três ou quatro já toda a gente diz: “que chatice, agora vou ler quatro páginas?”. Mas há coisas que merecem quatro paginas, cinco, seis ou sete. O QI tinha esse tipo de artigos, bem aprofundados.

Claro que tem por onde crescer, ainda á pouco estávamos a falar sobre isso, quando te dizia que fazíamos muito cartaz e não fazemos outras coisas que se calhar deviam ser feitas. Se vem o especialista em Eisenstein eu acho que devemos ouvir esse senhor, apesar de em cem pessoas, haver uma que sabe quem ele é, não importa, é a nossa obrigação dizer aos outros 99 quem ele é explicar-lhes. Podem até não o conhecer, mas ser uma pessoa super interessante e dar uma belíssima entrevista. Depois pomos aquilo no ar, e uma pessoa fica: “quem é este tipo? Olha que ele não é nada parvo”, por exemplo. Portanto, o critério do desconhecimento não pode ser critério. Sim, claro que há por onde crescer.

### **A Alexandra Sofia Costa, disse-me em entrevista, que a Investigação Cultural também era uma boa aposta aqui para a Antena 1...**

Sobre o jornalismo de investigação cultural, o que é que eu te posso dizer sobre isso. Não é só em relação à Antena 1, é em relação ao jornalismo em geral, sempre que se abre a boca sai esta coisa, de que é preciso mais investigação, eu também acho que é preciso jornalismo de investigação, quanto mais houver melhor, só que o jornalismo de investigação não se faz porque sim. Tu não estalas os dedos e sai jornalismo de investigação. No Público quem é que faz jornalismo de investigação? O José António Cerejo que tem sempre histórias dele que ele investiga. O José António Cerejo, trabalha há trinta, quarenta anos e tem uma carteira de contactos que não nos passa pela cabeça e só faz aquilo. Ele não tem que estar a aviar notícias todos os dias para o jornal. Portanto, o jornalismo de investigação passa por: ter meios, que é coisa que vai faltando, não é só ao serviço público de rádio e televisão, é a toda a comunicação social no geral, porque tu tens de ter meios para pagar a um tipo para estar a fazer investigação e se calhar só tem põe uma peça de 15 em 15 dias ou de mês a mês. Precisas de contactos, precisas de ter um título de referência. Por exemplo o Expresso, achas que o Expresso precisa de se chatear muito para ter notícias? Quando se fala em investigação, fala-se em investigação para ter notícias próprias. Achas que o Expresso precisa de se chatear muito para ter notícias próprias? Não. Por uma razão, porque há muita gente neste país, sobretudo na área política, que quando quer revelar qualquer coisa, já liga para o Expresso para dar a notícia. São canais que estão abertos, porque já sabem que é ali que importa ter a notícia. O Público é a mesma história, é uma referência, há quem, nomeadamente na área da cultura, já meta ali as notícias. Ser a referência no mundo da comunicação, ser antigo na profissão, é importante para ter bom jornalismo de investigação e mais, tem que haver

dinheiro. Nós aqui na Antena 1, também podemos tentar ter notícias e tentar fazer investigação, mas para nós é muito mais complicado. Porque, não somos infelizmente uma referência como outros são, somos referência, mas não somos assim uma tão grande referência que nos permita um acesso mais fácil às notícias. E depois, concretamente sobre a área, como e que podemos aspirar a fazer investigação, fazer notícias e depois tê-las, quando por lado não somos assim uma tão grande referencia quanto isso, falo na paisagem mediática e depois quando temos uma editoria de cultura com dois gatos-pingados. O Público tem uma equipa de sete ou oito pessoas e são os mesmos há anos, e depois o que lhes permite? Permite fazer um acompanhamento a todos os níveis de cinema, música, teatro, dança, artes plásticas, sempre, diariamente, nada lhes escapa. Depois os agentes culturais, quando se trata de ter notícias, é diferente ligarem o Mário Rui Cardoso ou a Alexandra Sofia Costa de ligar á Vanessa Rato do Público. Depois há outra coisa que é: muitas vezes o Público leva à primeira página notícias nesta área, coisa que nós não fazemos. Fazer investigação para eles acaba por ser mais fácil, muito mais fácil, por causa destas circunstancias todas de que falei, do que aqui o Mário Rui Cardoso ou a Alexandra Sofia Costa. Mas devido a esse acompanhamento feito todos os dias, durante anos, sempre com as mesmas pessoas. E isto liga-se com aquilo que te diz á bocado, as vantagens de ter alguém especializado, ter alguém a acompanhar a mesma área sempre, anos a fio e em permanência, porque às tantas desenvolves uma carteira de contactos muito trabalhada e que funciona, designadamente neste sentido de ter as noticias. Às tantas já nem precisas de ligar para as pessoas, são elas que te ligam.

O jornalismo de investigação, não é: agora apetece-me ir fazer Jornalismo de Investigação, não. Prossupõe um conjunto de bases que facilitam. Não estou a dizer que devemos abdicar de ter notícias e fazer investigação, mas é muito complicado. Somos pouco e que tempo nos resta para a investigação, quando temos de estar a tratar de outras coisas? Por exemplo, a Alexandra agora está a tratar de ouvir o António Lamas a falar no parlamento, ela agora tem de estar ali três horas agarrada àquilo, enquanto está ali, não pode estar a pensar na investigação. E amanhã já vai ter de pensar em algo para os 20 anos da morte do Mário Viegas para sexta-feira. Somos poucos para investir nessa área.

### **Qual o futuro do Jornalismo Cultural na rádio?**

Eu acho que na rádio pública, haverá sempre, porque o serviço público de rádio e televisão está obrigado, até por contrato, a que se faça informação nesta área. Ele estará sempre salvaguardado no serviço público.

Quanto à qualidade do tratamento informativo nesta área, aí já tenho algumas reservas em relação a ser sempre possível garantir essa qualidade, porque isso dependerá de um conjunto de circunstâncias. Por exemplo, a Antena 1 informação, que é o que nos toca diretamente, nós somos dois, se estivermos os dois a trabalhar para o mesmo objetivo, fazer o jornalismo cultural, o tratamento da informação cultural, haverá em princípio, maior informação cultural. Mas se eu for desviado para fazer outra coisa qualquer na rádio porque há essa necessidade, já a coisa poderá descambar. É claro que podemos sempre recorrer a outras pessoas para compensar a minha falta naquela semana, só que depende sempre um bocado das circunstâncias do momento, como vivemos permanentemente desde os inícios da crise com recursos escassos, vivemos sempre na corda bamba quanto ao tratamento, nomeadamente nesta área, que é não é uma área tão acarinhada e a que se dê tanta atenção assim. Não se dá tanta atenção a esta área como se dá à política, ao desporto, aos assuntos económicos ou de justiça e educação. Essas são áreas que têm um acompanhamento sempre muito próximo e intensivo. Esta área há um bocadinho a ideia de que não se pode deixar de dar até porque estamos contratualmente obrigados a dá-la, mas podemos aliviar um bocadinho, ao contrário de outras áreas, e isso faz com que muitas vezes não tenhamos um acompanhamento tão próximo, com tanta qualidade, aconteça. Das duas, uma: ou passa a haver mais meios e esses problemas tendem a atenuar-se, ou então irão continuar. Há ainda outra coisa, que é: não estou a falar concretamente aqui da rádio, porque acho que estamos bem servidos de pessoas que tratam esta área, mas por vezes eu vejo que esta área, de um modo geral, é tratada de forma deficiente, no sentido em que qualquer coisa serve, qualquer jornalista que escreva qualquer coisa sobre artes plásticas, cinema, música, serve. E depois tu vez muitos textos na imprensa em que espremes e o sentido daquilo? Televisão, idem. Na rádio, aqui, acho que estamos bem servidos. Sobretudo eu acho que isto acontece muito na televisão e na imprensa. Ou há aquele tratamento em que tudo é espetacular, ou então essa coisa, é de usar a expressão, pseudointelectual, porque eu tenho tudo a favor dos intelectuais, quando eles são intelectuais, não é quando eles são pseudointelectuais que é o que mais acontece. Quando eles são intelectuais a sério, o que é que tu tens, tens às vezes textos complexos, não são textos fáceis, mas que são textos interessantes, tens coisas interessantes, longas, densas, mas interessantes, escritas ou ditas por pessoas que tu vês que sabem. Às vezes não apanhas á primeira o sentido, mas se perderes um bocadinho de tempo, é claro que é preciso dominar os códigos de linguagem, se tiveres alguns conhecimentos sobre o que estão a falar ou a escrever, percebes que aquilo é interessante. Agora, tu encontra muita

coisa que é só blá blá blá, que espremes e não tem ali nada. Às vezes poética, outras vezes pseudointelectual, o Jornalismo cultural acho que está um bocadinho cheio disso. Porque nesta área tu podes escrever qualquer coisa, porque os responsáveis nem sequer vão ler, nem sequer querem saber, é preciso é que lá esteja. Podem fazer o que lhes der na real gana, quem manda, nem se dá ao trabalho. É a nossa obrigação tratar, está tratado, não está? Não há o mesmo escrutínio nesta área que há noutras, que há na política, na economia. Tu não podes escrever um disparate qualquer quando estás a falar sobre o Banif. Começou ontem a comissão de inquérito ao Banif, a Comunicação Social toda a esse propósito, foi recordar o caso Banif, tu não podes errar numa peça. Se fores recuperar a história toda do Banif tens que contar a história toda sem erros: dizer que o Passos Coelho nacionalizou em 2012, e que depois houve oito ou nove propostas de reestruturação e Bruxelas não aceitou, tens de contar as coisas factualmente sem erros. Se as contas com erros vai se notar, alguém te vai dizer: “Sara, isto não está bem”, há um muito maior escrutínio. Tens de dizer que o estado injetou lá três mil milhões, se escreves que foram cinco mil milhões, tens alguém à perna a chatear-te. Agora se escreves uma patacoada qualquer sobre uma peça de teatro, ninguém te vai dizer nada, escreves uma coisa incompreensível, ninguém te vai dizer nada. E isso leva a quê? Que qualquer pessoa serve para esta área, metem qualquer pessoa a fazer aquilo, e isso depois reflete-se na qualidade que tens nesta área, ou que não tens.

## **5.2. Entrevista Maria de São José – subdiretora da direção de informação da Antena 1**

### **Como funciona a Antena 1? Como está organizada?**

A redação da Antena 1 está organizada obrigatoriamente por turnos, temos o da Manhã 1, da Manhã 2, da Tarde e o Turno da Noite. São equipas constituídas idealmente por 7 ou 8 pessoas. Nem sempre estão lá as 7/8 pessoas porque, as também têm de rodar pelos fins-de-semana e folgas, mas idealmente são equipas com esse número de pessoas e que estão no fundo, a garantir os noticiários de hora a hora. Em alguns casos, temos também edições à meia hora, como é o caso da Manhã 1 e o caso da Tarde. Na Manhã 2 e na Noite não fazemos edição à meia hora. Depois temos o caso das editorias, temos: a editoria de Desporto, a de Política, a de Economia e aquilo que nós chamamos editoria de Sociedade, porque no fundo estão lá várias pessoas a fazer áreas específicas, temos uma repórter que cobre a área da Saúde, uma repórter que cobre a área de Educação, é também na editoria de Sociedade que nós incluímos a chamada informação local, que trabalham para o programa Portugal em Direto (PD). Um dos programas pilares do serviço público que nós temos na Antena 1. E depois temos obviamente a editoria de Cultura e a Grande Reportagem (GR). A GR tem um coordenador, que é o Mário Galego, que não só realiza ele próprio grandes reportagens como coordena toda a redação, porque qualquer repórter ou de iniciativa dele ou por sugestão, quer do Mário Galego, quer de nós Direção, qualquer repórter pode ser chamado a esse desafio, de fazer uma grande reportagem. E portanto, isso no fundo também está aqui integrado, na chamada editoria de Sociedade.

### **A Editoria de Cultura faz só trabalhos para os turnos?**

Não, qualquer pessoa que trabalhe numa editoria é parte integrante de uma redação. Logo, á partida é chamado por exemplo para integrar as equipas de fim-de-semana, com variadíssimas funções, o caso do Mário Rui Cardoso, por exemplo, nos fins-de-semana edita os noticiários, já a Alexandra Sofia Costa, vai aos fins-de-semana ou para dar apoio ao editor ou para fazer reportagem. Além disso, eles estando fora das equipas de turno, seja a Cultura, Economia, sejam os outros tais elementos da editoria de Sociedade, sempre que os turnos têm alguma falha por algum motivo, por falta de bracinhos como costumamos dizer na brincadeira, mas a verdade é essa faltam mesmo braços, essas pessoas podem ser chamadas a integrar os turnos para ajudar. O caso do Mário Rui Cardoso sendo ele um sénior da casa, é chamado muitas vezes, por exemplo, a fazer a

Antena Aberta, a fazer alguns programas semanais de informação que a Antena 1 tem, que é o caso do Visão Global, que vai para o Ar aos domingos. Portanto o Mário Rui Cardoso é quase o nosso bombeiro, por ser sénior e nem todos os seniores têm estas aptidões do Mário, que é uma pessoa altamente flexível, faz reportagem, faz edição, faz o que for preciso.

**Neste momento, na Antena 1, não há um espaço dedicado à informação Cultural, já existiu algum espaço assim?**

Já, já existiu. Eu estou cá há 10 anos e já existiu em vários formatos até. Chamava-se a Casa das Artes. Teve vários formatos e até tempos diferentes, ia para o Ar eu julgo que diariamente, mas depois esse programa terminou eu julgo que terá sido pelo incontornável problema de recursos humanos. Da falta de pessoas, da necessidade de colmatar a falta de pessoas nos turnos. Os turnos acabam por ser aquilo que alimenta a Antena, e aquilo que não pode mesmo falhar, porque são as pessoas que estão a trabalhar hora a hora ou de meia em meia hora, para alimentar os noticiários, a informação na Antena 1. Portanto, nos turnos não pode haver falhas, se tiver que de repente na Economia em vez de estarem a trabalhar 3 pessoas, estiverem só 2, para que a terceira pessoa possa ir ao turno dar uma ajuda, ou na Cultura que estão lá 2 pessoas e há uma semana em que está lá só uma porque a segunda pessoa foi para o turno dar apoio. É incontornável, temos de tomar essa opção.

Agora, o que nunca deixou de ser feito, na Antena 1, independentemente de haver ou não um programa diário, é a Cultura na Antena. Nunca abdicámos na Antena 1 de ter uma editoria de Cultura, nem que fosse só com uma pessoa, mas tínhamos que ter, como temos na Saúde, e como temos na Educação. Que são tão essenciais como a Cultura, e por exemplo, para se perceber a importância que damos à Cultura, apesar de não termos um programa diário, a nossa editoria de Cultura, tem duas pessoas. Na Saúde só temos uma pessoa a trabalhar, na Educação só temos uma pessoa a trabalhar, portanto por aí acho que já dá para perceber que tentamos valorizar a Cultura, no sentido em que as pessoas tenham informação cultural. A informação cultura, é pelo menos na opinião da direção atual da Antena 1, não significa Agenda de Espetáculos, essa é uma das competências da editoria de Cultura, fornecer às pessoas informação sobre artes, espetáculos, concertos, cinema, teatros, exposições, o que for... que as pessoas possam ir ver, e isso é informação cultural, mas também é informação cultural em busca de notícias: ir perceber porque é que andam a fechar salas de teatro e salas de cinema pelo país fora, ir perceber que tipo de oferta cultural é que há no Alentejo profundo, que tipo de oferta é que temos lá em

cima no Minho em Caminha, nos Açores, Madeira. A degradação do nosso património, a abertura ou o encerramento de museus, se as pessoas estão a ir aos museus ou não estão, se não, não estão a ir porquê? Tudo isso é informação cultural. E é informação que também uma editoria de cultura deve ser capaz de tratar, ter essa apetência, essa capacidade, e nós direção de informação da Antena 1, temos de lhes dar condições para isso.

### **Seria ou não válido existir um magazine cultural?**

Eu sou muito sincera, se for para existir um magazine cultural, só para ser agenda, só para dizer às pessoas que vai estrear a peça X... para mim não. O magazine cultural tem de ter outro tipo de informação. É a minha opinião, vale o que vale. Quando é que as pessoas ouvem a informação da Antena 1? É à hora certa, ou à meia hora. Se a essas horas, principalmente à hora certa, tivermos informação cultural, quer agenda de espetáculos, quer a outra informação que eu estava a falar, não sinto absoluta necessidade de haver um magazine que trate só de temas de cultura, como também não sinto necessidade de haver uma magazine semanal ou diário, só para tratar assuntos de Saúde, outro só para tratar assuntos de Cultura, ou outro só para tratar assuntos de Política, ou de Economia, ou o que for. Se a informação for devidamente tratada, cuidada, com interesse, que diga respeito e que desperte o interesse nas pessoas, no nosso espaço nobre da informação, que aqui na Antena 1 são os noticiários, eu particularmente não sinto uma falta desmedida de um programa que seja só dedicado à Cultura. Não invalida que nos nossos espaços de informação semanais, não possa haver um outro, dando o exemplo do Só Neste País (SPN), um programa que eu e o José Guerreiro estamos agora a apresentar, mas que conta com os contributos da redação inteira, Antena 1 Lisboa, Porto Coimbra, Açores, Madeira, etc. Um dos temas do SPN, ainda muito recentemente a propósito do dia mundial do teatro, no dia 27 de Março, o nosso programa, foi só sobre cultura. Desde as reportagens ao convidado que tivemos, que nos teve a falar da formação de novos públicos, da democratização da cultura. Todo o programa, 48 minutos de programa, foi só sobre Cultura. Cultura na sua imensidão, não só aquilo que as pessoas entendem inicialmente por Cultura: o teatro, o cinema e a literatura. Não, tudo: a escultura, o artesanato, olaria, tudo isso é Cultura. Há que ter essa noção, há que encontrar os espaços, sim, que para mim não tem de ser obrigatoriamente um magazine diário.

### **Editoria de Cultura é uma editoria de cultura ou de espetáculos?**

Eu acho que nós temos sempre que ter critérios. Porque todas as semanas, todos os dias estreia qualquer coisa, abre uma exposição qualquer. Portanto, mesmo quando a informação cultural é mais centrada na questão da agenda, há sempre critérios editoriais que são seguidos. Nós se calhar vamos falar de uma estreia sobre teatro terapêutico, porque é teatro terapêutico, porque não é uma peça de teatro qualquer, ou seja, temos sempre critérios editoriais que nos fazem falar daquele filme, daquela peça de teatro, daquele livro, do que for. Há critérios editoriais, e portanto não será bem uma promoção, é uma promoção mas com base em critérios editoriais e acho que são discutidos, dentro da editoria de Cultura, pela editoria de Cultura com os editores, com a própria direção de informação, porque nós fazemos uma reunião semanal de planeamento, em que discutimos todos os temas que estamos a planear, acompanhar, cobrir. E às vezes levamos alguns temas àquela reunião, que no final de uma discussão se chega à conclusão: não vamos fazer este, vamos antes cobrir aquele ou vamos fazer este, mas não com aquele ângulo que estávamos a pensar, vamos virar a agulha antes para o outro ângulo. Há uma discussão em termos de critérios editoriais. E depois lá está, acho que a editoria de Cultura tem de fazer outro tipo de informação que não seja só agenda, que não sejam só os espetáculos.

### **Qual o futuro do Jornalismo Cultural na Antena 1? E na rádio em geral?**

Enquanto esta direção de informação aqui estiver, isto é tudo muito efémero claro, a editoria de cultura, será para manter, sempre. Com uma pessoa, com duas, com três, com quatro, vai tudo depender da evolução da situação, da empresa, do país, mas o objetivo é sempre manter uma editoria de Cultura, que como te disse, nunca deixou de existir. Deixou de existir o tal magazine, o tal programa diário, mas nunca deixou de existir editoria de cultura, nunca deixou de haver a preocupação de ter pelo menos um ou dois jornalistas focados só na questão da Cultura. Eles estão os dois focados, mas estão completamente abertos a receberem sugestões das próprias equipas, dos próprios editores e, atenção que as próprias equipas, independentemente de termos uma editoria de Cultura, também tratam, até porque também tem repórteres com muita apetência e com muito jeito para tratar este tipo de assuntos com fontes, com informação, todos os turnos têm normalmente uma pessoa com aquele apetência para tratar Jornalismo Cultural.

Portanto, no fundo, a editoria de Cultura acaba por estar disseminada também pelos turnos, Não é só o Mário Rui Cardoso ou a Alexandra Sofia Costa que fazem Cultura, temos o exemplo da Sandy Gageiro na manhã 1, na manhã 2 agora por acaso, não temos ninguém com essa apetência, mas temos por exemplo, o editor Daniel Belo muito sensível também aos assuntos de Cultura e muito disposto sempre nas reuniões de planeamento a propor temas, na equipa da Tarde temos por exemplo, a Inês Forjaz com uma forte apetência para fazer temas de cultura. Até fora dos turnos, no porto por exemplo, temos a Alexandra Madeira, o Frederico Moreno, em Coimbra a Carolina Ferreira trata muito bem os temas de Cultura. É o que eu digo, graças a deus, estão espalhados pelos turnos e pelas várias equipas.

O Nuno Amaral tem feito trabalhos em Vila Real por exemplo, e também para o PD, que também trata temas de cultura mais locais. Às vezes aquela preocupação de ir perceber o que se passa no Alentejo profundo, ou em Vila Real. E em Faro, Mário Antunes, em Faro faz muito bem peças de cultura, tem feito várias vezes, quer para os noticiários, quer para o PD. Há muito essa preocupação e temos, graças a Deus, bons pares de braços a tratar disso.

### **Como será o futuro do Jornalismo Cultural na Antena 1?**

É para não desaparecer. Esquece. É uma coisa que não está sequer no nosso horizonte. Só se nos encostassem uma pistolazinha à cabeça. Não faz sentido. Porque é um dos pilares do serviço público, para mim, na minha opinião, é este. O Jornalismo Cultural é dar às pessoas aquilo que, se calhar algumas delas nem sonham que precisam. Mas se nós lhes despertarmos o apetite e o interesse e elas forem ver uma exposição, espreitar a peça de teatro que nós falámos e que soubemos deixar a pulga atrás da orelha. Isso vê-se, no tal Alentejo profundo, vamos sempre ao mesmo exemplo, porque é incontornável, ou lá para cima para o norte, ou lá para baixo para Faro, onde nós pensamos que não há tanta oferta cultural e efetivamente, não há tanta como nas grandes cidades Lisboa e Porto principalmente, não há. Mas a que há, tem uma adesão impressionante por parte das pessoas. Naquele programa em que eu estava a referir à pouco em que o SNP fez um programa monotemático só sobre cultura, o repórter do Algarve, o Mário Antunes, fez uma reportagem sobre a Orquestra Clássica do Sul. E é impressionante, porque estamos a falar de música clássica e as pessoas pensam: “ah, música clássica é em Lisboa, no Porto, quanto muito em Coimbra” não, o Algarve tem uma orquestra clássica, só que é uma orquestra que vai tocar às igrejas, vai ter com as pessoas, não tem uma sede, não tem

um sítio para tocar, não, vai tocar onde for preciso. Vai tocar se for preciso num coreto para um público que está ali de uma aldeia qualquer, porque aquela orquestra funciona para o Sul (Alentejo e Algarve). Têm um intercambio fabuloso com o canto alentejano, por exemplo, já têm feito concertos, já têm organizado espetáculos com o canto alentejano, com ranchos folclóricos, têm um trabalho fabuloso que é pouco falado e que tem uma adesão incrível. Um dos músicos dessa Orquestra Clássica do Sul dizia-nos nessa reportagem que era encantador para ele estar a tocar, ao contrário do que acontece com a orquestra de Boston que eles estão lá a tocar e nem vêm o público, o público só os vê a eles, e ele diz: “não, aqui na Orquestra Clássica do Sul nós estamos no coreto, estamos na igreja, estamos numa feira se for preciso e estamos a olhar para as pessoas e é encantador quando vemos uma criança de boca aberta a olhar para nós, ou quando vemos uma senhora que quando nós acabamos de tocar está a limpar as lágrimas. Uma senhora que se calhar nunca tinha ouvido música clássica ao vivo na vida dela.”. E isto é cultura caramba, e isto é preciso que a Antena 1 fale nisto e que dê a conhecer também isto. E não apenas a peça de teatro, um filme que estreou, que damos nós e dão todos os outros. Nós temos que dar aquilo que os outros não dão, porque graças a Deus ainda temos repórteres em sítios onde os outros não estão, porque não podem estar, porque não têm recursos, nós ainda temos esses recursos e temos que ter, porque temos que ter a capacidade de contar isto às pessoas, e este exemplo da Orquestra Clássica do Sul é para mim um dos exemplos que merece ser referido.

### **5.3. Entrevista Miguel Soares – editor da Manhã 1**

#### **Qual a importância dada às peças da cultura pelo turno da Manhã 1?**

A importância é exatamente a mesma que é dada a peças de qualquer outro tipo de temática. Há dois critérios que eu estabeleço sempre na seleção dos trabalhos: um, a sua pertinência, seja ou não notícia, em segundo lugar, o facto de ter notícia. A pertinência pretende-se com questões subjetivas, o exercício do jornalismo é um exercício subjetivo num trabalho sempre o mais objetivo possível. Mas para mim, pertinente é aquilo que pode interessar a um vasto número de pessoas ou a um grupo pequeno de pessoas, nós não podemos pensar só nas massas, pensar apenas num denominador comum, mas temos que tentar chegar a um maior número de pessoas, temos também de ter essa preocupação. E os trabalhos de cultura podem ser entendidos de duas formas: por um lado, a cultura-notícia, ou seja, não é uma área que tenhas que ter em conta apenas sugestões e propostas para as pessoas saírem, para irem ver uma peça de teatro, para irem a um concerto, para assistirem a uma exposição. Pode ter notícia, não foge a outras temáticas. Há um responsável que é nomeado para uma determinada função com destaque, isso é notícia. Se há um filme português que foi destacado num festival internacional importante, isso é notícia. Ou seja, eu trato a cultura como trataria qualquer outra área, com um elemento a mais, é que é uma área que me diz muito, porque foi uma das áreas que mais me apaixonou sempre para trabalhar e que eu colaborei bastante ao longo da minha carreira. Por tanto, tenho sempre esse carinho especial por temas de cultura.

#### **Editoria de Cultura é uma prestadora de serviços ou o turno dá importância às sugestões dadas?**

Para mim não faz sentido sequer estarmos a isolar a Cultura das outras editorias. Para mim é uma editoria como outra qualquer. Se eu vejo que há ali um assunto que possa ser explorado e que pode ser notícia, alerto o Mário Rui Cardoso. Se por outro lado eles têm uma proposta nesse sentido, pois claro, é tratado como outro assunto qualquer desde que seja notícia e tenha importância. Em termos de sugestões, eu próprio às vezes sugiro.

Depois temos, além das duas pessoas dedicadas à cultura a tempo inteiro, temos outras pessoas com sensibilidade para esse trabalho, como é o caso da Sandy Gageiro, que ainda por cima está de alguma forma integrada na equipa da Manhã 1. E portanto, acho que damos toda a atenção que a cultura merece como merece outras áreas. Se calhar o desporto nem tanto, neste momento, porque apesar de tudo, é uma área que tem noticiários

próprios, e portanto não faz sentido estar a dar o mesmo relevo a não ser notícias realmente importante, mas para rotina semanal há jornais de desporto específicos para isso e faz mais sentido que tenho mais espaço nessas áreas. Tirando isso, todas as áreas são igualmente importantes, depende dos conteúdos.

### **Seria uma boa aposta para a Antena 1 ter um magazine cultural?**

A Antena 1 não vive apenas de conteúdos formatados em programas, e acho que se existir um programa especificamente de cultura, não é algo de demasiada importância, porque eu acho que a cultura tem o seu espaço nos próprios noticiários, nas entrevistas que podem ser feitas. Porque é que havemos de ter um programa de cultura e não ter um programa de economia? Ou de política? Acho até redutor. Agora, se o espaço de cultura for entendido como um roteiro cultural, um guia para as pessoas saírem, não vejo mal em existir um espaço para isso, como já houve antes, salvo erro era a Casa das Artes, e depois e Estado da Arte que era um programa do Eduardo Almeida que tinha só uma sugestão de cultura por dia. A Casa das Artes era um programa, uma espécie de magazine cultural. Se calhar faria sentido em ter um programa desses ao fim-de-semana, que é quando as pessoas têm mais disponibilidade para sair, ou à sexta-feira à tarde. Não vejo mal, mas não acho é essencial.

### **Alguns autores dizem que o que falta muito no Jornalismo Cultural é a crítica, e após a conversa com o Mário Rui Cardoso, ele disse que a editoria acaba por ser uma editoria de espetáculos e não tanto uma editoria Cultura em que existe crítica e existem críticos para falar sobre as várias artes. Tendo em conta isto qual é o futuro do Jornalismo Cultural na rádio?**

Eu acho que a crítica na rádio, é um bocadinho como o que acontece nos jornais. Os jornais misturam muitas vezes a crítica com reportagem. Alguns fazem bem a preparação, o caso do Público faz relativamente bem a preparação, se bem que mistura ainda muito o conceito de reportagem com o conceito de crítica. Eu acho que era importante haver espaço para isso, e se calhar fazia mais sentido haver um programa relacionado apenas para o âmbito cultural. Há uns tempos houve uma ideia de existir crónicas feitas por diferentes pessoas, não só da cultura. Mas por exemplo: eu vou ver um concerto esta noite, e aquele concerto disse-me muito achei-o apaixonante e quero partilhar isso com os ouvintes, se existir um espaço de crónica de um minuto assinado por várias pessoas da rádio, sobre concertos que viram, discos que ouviram ou livros que leram, acho que seria

uma ideia interessante, não tanto de crítica, mas mais de crónica, mais um olhar subjetivo e pessoal.

Sobre a cultura na rádio, para mim é redutor dizer que a cultura é um roteiro cultural, para mim terá sempre que estar presente. Falemos da cultura como a aquisição de conhecimentos, eu acho que faz parte da rádio que essa aquisição de conhecimentos tenha um maior espaço influente possível. E nesse sentido eu acho extremamente importante que a cultura entendida como tal seja não como é entendida e é usada por muitos em ultimo lugar como um brinquinho e uma gracinha que fica ali no fim, mas como algo de muito importante até em termos formativos. Agora a questão é: como é que nós pegamos na cultura? Pegamos como uma sugestão de uma peça de teatro ou ler um livro, se calhar aí tens um noticiário com notícias realmente importantes que digam respeito à vida de muitas pessoas, se calhar vai ficar inevitavelmente como a última peça, ali o brinquinho a fechar o noticiário. Mas também depende, com uma sugestão cultural podes fazer ali um trabalho fantástico de reportagem até e aí podes jogar também com o fator surpresa e abrir o noticiário com isso, não digo que não. Se é notícia pura e dura, deve ser tratada tal e qual como as outras áreas. Portanto, eu acho que a cultura é o passado, é o presente e é o futuro da rádio.

#### **5.4. Entrevista Daniel Belo – editor da Manhã 2**

##### **Qual a importância dada às peças de cultura pelo turno da manhã 2?**

Na manhã 2 sempre que podemos colocamos peças de cultura. Eu vejo uma necessidade muito grande de nos alinhamentos colocar cultura, não só porque para mim é um dos assuntos mais importantes em termos de alinhamento, para além das notícias puras e duras, do hard news.

Eu valorizo muito a cultura e valorizo muito a divulgação cultural. e por isso, sempre que tenho uma peça de cultura, às vezes tento fugir ao lugar comum de fechar o noticiário, porque há esse risco da cultura se tornar uma espécie de berloque no noticiário de “fechosinho” mais interessante, outras vezes não há como fugir a isso, mas sempre que posso, dou mais destaque possível às peças de cultura.

##### **Qual é para o vosso turno, a função da editoria de cultura, uma prestadora de serviços ou as sugestões dadas por eles acabam por ser tidas em conta?**

Aqui há um problema entre o que é e o que poderia ser. E o problema que tem só a ver com o número de pessoas que está a fazer cultura, que são muito poucas, como tu sabes. Eu acredito que se a editoria de cultura tivesse bem guarnecida de pessoas, pudesse ter um papel mais importante não só na forma como nós estabelecemos as nossas agendas de semana e como olhamos para as coisas, mas também, numa lógica de uma ajuda mais forte sempre e quando as notícias pedem reações culturais. Imagina, a morte de alguém da cultura, há um concerto, que quem está a editar, por não estar atento ou não ter sensibilidade sobre essas questões, não dá o devido destaque há importância que ele tem quando ele é importante. A cultura serve para nós sobretudo para isso, não tanto como prestadora de serviços, no sentido em que agora é, porque de facto eles estabelecem, sendo poucas pessoas podem ir a poucos sítios, estabelecem eles desde logo a sua própria agenda e nós acabamos por receber já o produto final sem termos grande hipótese de falar sobre o assunto. Acredito que se houvesse mais gente haveria um bocadinho mais de margem para fazermos as coisas um bocadinho de forma diferente.

Mas eu acho que a editoria de cultura é essencial, porque sobretudo nós enquanto rádio pública temos uma obrigação de serviço público para divulgação cultural e sobretudo para divulgação cultural fora dos grandes centros, por sermos a rádio que somos, devemos sempre que temos a oportunidade para isso destacar espetáculos, criações, criadores de

outras zonas do país que não Lisboa e Porto que são aquelas zonas que têm sempre mais cobertura mediática e as pessoas conhecem as coisas mais frequentemente.

### **Acerca da comunicação que existe entre os turnos e a editoria, existe regularmente?**

#### **Como é que é feita?**

Nós geralmente estabelecemos um pouco do que é a ementa da semana às quintas-feiras na reunião de planeamento, onde o editor da cultura traz algumas das coisas que vai já fazer e onde os outros editores vão vendo também outras agendas e outras coisas e colocam questões sobre acontecimentos, sobre reportagens que poderiam ser feitas, no sentido de tentarmos despistar com o editor de cultura, se deve ser feita essa aposta uma vez que há tão poucas pessoas a fazer cultura. Devemos apostar sempre no *filet mignon* e nunca na costeleta de porco. E por isso mesmo, esse diálogo é feito sobretudo nas quartas/quintas-feiras preparando a semana. O resto, é uma gestão daquilo que já tínhamos planeado, porque eles de facto não podem fugir muito ao plano, são poucas pessoas e há um contacto em si mais apurado. Quando temos óbitos ou acontecimentos ligados à cultura para os quais nós precisamos de contexto e/ou de contactos. Aí, logo diretamente ligando ao editor ou à outra pessoa que neste caso à Alexandra, cruzamos logo com eles imediatamente, dúvidas que tivermos, pedimos-lhes esses favores, pedimos-lhes contactos, tentamos com eles agilizar a coisa um bocadinho melhor porque eles de facto têm um conhecimento mais constante dessas coisas que às vezes nos ultrapassa a nós que estamos no generalista e temos de lidar com muita coisa. Nesse sentido há comunicação, agora o resto por eles serem muitos, e eu estou sempre a reforçar este ponto porque é muito importante, não só na forma como eles trabalham mas na forma como nós acabamos por lidar com eles, não há um diálogo tão forte como poderia haver, no simples facto de eles serem pouco e estarem sempre a trabalhar. Portanto, tentamos apontar na quinta-feira, o que é que vai ser feito na próxima semana e preencher os espaços em vazio que surjam entretanto.

### **Quais os critérios importantes e a ter em conta para passar uma peça de cultura em antena?**

Há uma série de critérios que eu coloco. O primeiro é absolutamente a necessidade de divulgação cultural, ou seja, se tu tiveres um festival como o Rock In Rio ou o Alive, que tem ferramentas poderosíssimas de divulgação e publicidade, há outros eventos, festivais, artistas, que com grande validade em termos de obra e cartaz que apresentam, não têm

essas mesmas hipóteses de divulgação. Eu começo por aí, começo por a valia cultural daquele momento, daquela peça, ou seja, se aquilo é relevante ou não. Se a peça de teatro é uma boa peça de teatro, se o filme de facto vale a pena ver, se este é um concerto imperdível, se este é um músico que é preciso conhecer, se este é um escritor que é preciso ler. Esse é o meu primeiro nível de análise. Segundo nível de análise, há ou não há uma máquina de divulgação, porque havendo um máquina de divulgação, o nosso trabalho deve ser menor, porque basta-nos talvez um som para pintarmos aquilo, porque já há muitos outros estímulos para as pessoas irem ver aquele espetáculo. Se não houver, imagina se for uma peça de teatro em Viseu, que não tem divulgação nem sequer regional, quanto mais nacional, eu gosto de apostar nessas divulgações, não só por uma lógica descentralizadora e por nós servimos o país inteiro, e não sermos Lisbocêntricos ou Portocêntricos, mas também, sobretudo, porque aquelas pessoas se vão sentir representadas e vão agradecer essa chamada de atenção na rádio. Já tive muitos feedbacks nesse sentido, de algumas peças que coloquei, chamando a atenção para esses espetáculos nessas noites e nesses dias, que as pessoas não faziam a mínima ideia e ouviram na antena 1 e depois enviavam *mails* a dizer “olhe muito obrigado. Aqui na Guarda, nunca vieram cá e vieram...”, esse é o meu segundo molde de avaliação. Portanto, o primeiro, a valia cultural da peça em si, a importância que ela tem e o segundo, a tentativa de descentralizar um pouco o âmbito de divulgação cultural e tentar cobrir o país todo, para darmos às pessoas, para que elas também tenham noção de que há muita coisa a ser feita fora dos grandes centros.

**Há cerca de um ano e meio que acabou o magazine cultural que existia na Antena 1. Neste momento, achavas relevante que voltasse a existir esse magazine cultural?**

Sim, começando por perceber também que quando ele acabou, o que estava a ser feito na altura havia e precisamente no mesmo horário em que ele passava, havia um formato em que também entrava muita coisa de cultura. As tardes na Antena 1 que eu estava a fazer na altura, tinham vários espaços abertos, muitos deles preenchidos com a cultura e portanto, acabava por ser quase um pouco redundante ter um magazine cultural. Até porque, na última fase, o magazine cultural, já não era o que chegou a ser, dava apenas uma notícia, tratava um acontecimento, uma peça, um concerto, já não era uma espécie de mini jornal de cultura como chegou a ser. E na altura ele acabou porque naquele slot horário havia uma série de outras hipóteses de nós colocarmos cultura em antena. Entretanto isso mudou, deixámos de ter esses espaços mais dedicados onde podíamos de

facto fazer essas apostas e agora voltamos a ter um pouco de déficit de divulgação cultural em antena. Não sei se se resolve com um espaço dedicado porque muitas vezes isso perde-se para quem não houve aquela hora, e geralmente na concorrência os espaços têm repetições exatamente por causa disso. Mas devíamos ter um espaço vocacionado para a cultura, que pudesse ser mais do que um cartaz de espetáculos e que pudesse ir um bocadinho mais longe, também na crítica, e não só isso, ser mais proactivo em vez de reativo. Porque a cultura que temos vindo a fazer é muito uma cultura seguindo a programação cultural que nós temos, nós não apresentamos muitas vezes inéditos de artistas que ninguém conhece, nós vamos muito jogando pelo seguro, porque temos de o fazer também, o auditório da Antena 1 quer saber sobre o concerto do Camané e nós temos de lá ir e temos de servir as pessoas que nos ouvem que legitimamente gostam daquilo. Mas se tivéssemos um bocadinho mais de tempo, de mais espaço, mais pessoas atentas ao que se passa à nova criação a todos os níveis de cultura: da escrita às artes plásticas, música e cinema, poderíamos mais vezes apostar em trazer novos intérpretes, criadores, músicos, mostrá-los pela primeira vez, estreá-los salvo seja, em termos de rádio e darmos também aqui um contributo para essa nova geração que está agora a surgir e que muitas vezes não tem voz, ou seja, não têm onde falar. E voltamos sempre ao mesmo, por falta de pessoas acabamos por estar um pouco reduzidos a uma espécie de cartaz de espetáculos alargado, onde apenas damos conta daquilo que já está previamente agendado. E isso aí é um risco de perdermos o comboio da cultura mais moderna que está a acontecer, mas nós não temos gente.

### **Qual o futuro do Jornalismo Cultural na rádio e na Antena 1?**

O futuro é incerto, não só para o jornalismo cultural mas para todo o jornalismo. Nós nesta altura atravessamos uma profunda crise não só no jornalismo radiofónico ou televisivo, mas no jornalismo. Uma crise que advém da falta de pessoas, da precariedade laboral, da lógica das audiências, de haver cada vez menos tempo para pensar e cada vez mais a exigência de mostrar e satisfazer alguns apetites voyeuristas do público, é para aí que caminha uma se não muita da informação televisiva. Nós aqui temos um problema que já se vem arrastando há alguns anos, temos vindo a ficar com cada vez menos pessoas, a todos os níveis, não só na cultura mas também nas editorias e foi mesmo necessário reformular a redação porque nos últimos anos perdemos umas boas dezenas de pessoas e estamos com meios limitados, não só humanos mas técnicos também. Por isso, o futuro tem de ser um futuro de resistência e guerrilha, no sentido de resistir para continuar a

manter um determinado padrão que nós achamos que é um padrão mais interessante em termos de notícias, falo isto de critérios editoriais, seleção de notícias, de abordagem para escapar a populismos e facilismos, continuar a olhar para as notícias como elas são e tentarmos dar as notícias da forma que damos não opinando, não exagerando, que infelizmente hoje em dia já não acontece em todos os lados. Mas mais especificamente na cultura, deveríamos poder apostar mais na cultura para fazer aquilo que temos vindo a falar até agora, para podermos tratar a cultura como ela deve ser tratada e não só apenas como um enlatado que vem de uma lista previamente concebida. Mas isso, nesta altura, com o panorama atual de menos dinheiro, menos pessoas e menos perspetivas também não é um futuro risonho aquele que eu consigo descrever, é antes disso sim, um futuro onde nós vamos ter de fazer tudo aquilo que nós pudermos para pelo menos não piorarmos o estado em que isto está agora e a partir daí tentarmos fazer uma pequena evolução, porque eu não acredito que haja possibilidades para a curto e médio prazo conseguirmos pôr as coisas onde achamos que elas deviam estar.

## **5.5. Entrevista Nuno Rodrigues – editor da Tarde**

### **Qual a importância dada às peças de cultura pelo turno da tarde?**

É significativa e muito válida, sendo que por tradição, o turno da tarde é um turno mais virado para a atualidade informativa e para a atualidade de outras áreas, mais virada para outras áreas: política, economia, sociedade. E portanto, por tradição, as peças de cultura são mais dirigidas ao turno da manhã 1. Isto significa o quê? Que em termos de planeamento do turno da tarde, a área cultura é um pouco mais desvalorizada tendo em conta outras áreas. Por opção e porque a informação também nos leva para aí, porque há mais coisas a acontecer durante a tarde e a tendência é para canalizar o trabalho da editoria de cultura para turnos com menos fluxo de informação (para a manhã 1 e também manhã 2).

Sempre que é possível o trabalho cultural e da editoria de cultura é valorizado em antena também no turno da tarde. Mas sim, há outras áreas que neste turno especificamente são mais valorizadas digamos assim, porque isso está relacionado com a linha editorial da própria rádio.

### **Qual é para o vosso turno, a função da editoria de cultura, uma prestadora de serviços ou as sugestões dadas por eles acabam por ser tidas em conta?**

A ligação entre editorias é exatamente igual entre todas. As coisas funcionam com a editoria de cultura da mesma forma que funciona com a editoria de economia, de política, ou seja, cada uma das editorias tem um coordenador, que tem a autonomia de marcar a agenda da área que coordena e para fazer sugestões que normalmente são cruzadas e são conversadas com a respetiva editoria de turno, portanto, pela equipa responsável por meter esse trabalho no ar. E funciona em dois sentidos: as sugestões e as propostas de trabalho partem muitas vezes neste caso da editoria de cultura, mas também, há momentos em que partem da própria editoria de turno que acham que há determinado tema cultural, ou não, interessante, e desafia a editoria responsável por essa área, para concretizar esse trabalho.

Portanto, não há esse regime de prestação de serviços, não funciona assim. Todas as editorias têm a sua autonomia, traçam a sua agenda da área específica, sempre com a coordenação com as restantes editorias e em particular com as editorias de turno, que são responsáveis por meter esse trabalho no ar.

## **Acerca da comunicação que existe entre os turnos e a editoria, existe regularmente?**

### **Como é que é feita?**

É fundamental. Há várias reuniões que acontecem entre equipas, na rádio e na antena 1 em particular. Há uma reunião específica que acontece todas as semanas, em que cada uma das editorias traça o plano, a agenda para a semana seguinte. E isso é feito em coordenação e com base no entendimento que é alcançado e que é conversado durante esse encontro. Depois há as situações mais específicas, situações que fogem um pouco da agenda e que vão surgindo, de um dia para o outro, ou de uma diferença de dois dias por exemplo e há sempre uma conversa feita, entre os coordenadores de uma determinada área neste caso da cultura e os editores de turno. Há sempre um diálogo e há sempre uma conversa prévia, na preparação do trabalho. E há um terceiro ponto, que é uma confiança, digamos assim, um respeito pelo trabalho de cada uma das editorias e pelo que é sugerido pelo coordenador de uma determinada área. Se ele é responsável por aquela área e entende que há um determinado tema que deve ser tratado, essa vontade normalmente é respeitada, é discutida, é debatida, nomeadamente com os editores de turno. Mas essa autonomia, digamos assim, é respeitada, e isso é válido para a cultura e para todas as áreas.

### **Quais os critérios importantes e a ter em conta para passar uma peça de cultura em antena?**

É um pouco desse fatores que referiste e outros. O tempo não é, obviamente, o principal critério, mas é um dos critérios, e é fundamental por uma razão simples, é quase matemática, o tempo do noticiário está definido e nós temos de distribuir esse tempo por todos os assuntos que queremos tratar e abordar num determinado noticiário. Ou se quiseres, ao contrário, temos de distribuir os temas pelo noticiário, pelo tempo de noticiário disponível.

Depois sim, a importância, o que eventualmente pode dizer às pessoas. Eventuais ligações entre aquele trabalho relacionado com a cultura neste caso e a atualidade, o que está a acontecer naquele momento: uma peça de teatro sobre crise económica, por exemplo, é um trabalho que encaixará mais facilmente, por estes dias no noticiário. Não há um único critério específico, são variadíssimos critérios e entre eles a relevância do acontecimento e o que diz às pessoas.

### **É importante existe Jornalismo Cultural na rádio?**

É fundamental, pra já porque caminhamos cada vez mais para a especialização e isso é válido para a cultura e para todas as áreas. É sempre melhor ter alguém de uma determinada área que acompanha a agenda daquela área, que acompanhe os temas relevantes daquela área e que com essa especialização e esse acompanhamento permanente adquirir um conhecimento que depois lhe permite definir e agendar o trabalho daquela editoria do que ter uma pessoa, com responsabilidade de várias áreas e que acaba por tentar tocar todos os canarinhos ao mesmo tempo, e algo vai ficar sempre para trás.

### **Há cerca de um ano e meio que acabou o magazine cultural que existia na Antena 1. Neste momento, achavas relevante que voltasse a existir esse magazine cultural?**

Era muito válido. Neste momento não existe, já existiu. E passa tudo por aposta que são feitas em determinados momentos. É obvio que seria ideal e seria bom que cada área e que cada editoria tivesse um espaço próprio. A grande reportagem tem um espaço próprio, nós temos a reportagem não só nos noticiários, há um espaço próprio para a grande reportagem. Há um espaço próprio para o desporto, há espaço próprio e direcionados apenas para a área de economia, e faz todo o sentido que exista um espaço próprio também para a cultura. Porque só com os noticiários, só com o tempo disponível para os noticiários, não é possível tratar essa área particular, a cultura, de uma forma satisfatória, de uma forma relevante. E por isso, tudo depende da linha editorial que é traçada, que é traçada pela rádio, pelos coordenadores, e em primeiro lugar também pela direção de informação. Mas eu defendo que, ter espaços específicos para cada área e em particular para a cultura, é de enorme relevância.

### **Qual o futuro do Jornalismo Cultural na rádio e na Antena 1?**

Bom, tudo vai depender do que acontecer a este meio em particular, o meio radiofónico nos próximos anos. Para responder a essa pergunta é preciso saber que meios vamos ter, meios nomeadamente, humanos, pessoas. E isso é válido para a cultura e para todas as áreas. A área cultural é tão ou mais fundamental do que outras áreas, precisa de ter pessoas disponíveis e com missões específicas para trabalhar cada uma das áreas e para trabalhar as áreas específicas. Agora também sabemos que a situação é muito complicada. Basta vermos o que está a acontecer na imprensa, nas televisões e também na rádio. E portanto, a tendência pelo menos nesta fase, e acredito que há períodos melhores e períodos piores, nesta fase, todas as áreas são tratadas um bocadinho de forma mais superficial, é uma

questão de esperarmos até haver condições de termos mais meios e mais pessoas e podermos dar um futuro, digamos assim, em termos de tratamento, não só à cultura, como todas as áreas, um futuro risonho e trata-las da forma mais conveniente possível.

## **5.6. Entrevista Alexandra Sofia Costa - repórter na equipa de Cultura**

### **Qual é o trabalho desenvolvido na editoria de Cultura?**

Basicamente nós fazemos tudo aquilo que nos pedem. Algumas coisas somos nós que sugerimos, nas reuniões de planeamento, eu e o Mário, fazemos uma lista de coisas para a semana seguinte e na reunião de planeamento à quinta-feira analisam dia a dia o que vamos fazer. E depois fica lá no planeamento o que vamos fazer todos os dias, isso são as coisas que nós sugerimos. Depois entretanto há outras coisas que aparecem que nós também temos de fazer. Faço sobretudo pequenas reportagens de cartaz, antecipação de acontecimentos dia a dia, faço às vezes entrevistas mais longas, como fiz agora com o António Cartaxo para pôr hoje, no dia em que ele ia receber o prémio, fiz uma entrevista mais longa. Mas também podemos fazer outras coisas, mas sobretudo na equipa de cultura fazemos reportagens de antecipação de peças de teatro, coisas de cinema, que vão acontecer nesse dia. Não fazemos muita investigação, mas a nossa ideia é apostar mais na investigação na cultura, o que não é fácil.

### **A editoria de Cultura é prestadora de serviços ou vocês sugerem trabalhos aos editores dos turnos?**

Sim, maior parte das vezes somos nós que sugerimos, porque como é por antecipação, geralmente as coisas vão para a manhã do dia em que nós estamos a sugerir fazê-las.

Imagina: hoje estreia um filme xpto do Malik, então nós sugerimos para o dia, e geralmente essa reportagem passa na manhã 1 desse dia, depois os outros turnos podem ir buscar outras reportagens. Mas essencialmente, um dos turnos que nos pede mais reportagens é a manhã. Porque como eles têm que preparar o dia e como as coisas não estão a acontecer na hora em que eles estão a trabalhar, nós preparamos por antecipação. Geralmente as peças de cultura são feitas para a manhã 1.

### **Consideras que o que é feito na Editoria de Cultura é Jornalismo Cultural ou cartaz de espetáculos?**

Isso aí tem muito pano para mangas. Jornalismo Cultural no sentido de, não é investigação, nós não fazemos grande investigação cultural, porque na verdade a investigação cultural em Portugal está entregue aos jornais. Os jornais é que têm equipas vastas de cultura que podem fazer o jornalismo propriamente dito de investigação cultural, nós fazemos essencialmente cartaz. Há um acontecimento que vai acontecer

naquele dia que nós achamos que é importante, preparamos uma reportagem e passa nesse dia. Agora, na verdade, nós não andamos aí a escavar grandes histórias, também não temos pessoas nem tempo para isso, somos só dois. Mas a ideia futura da nossa direção é realmente apostarmos na própria investigação cultural, no que podemos apurar tendo em conta certos acontecimentos. Por exemplo, no caso dos Mirós, o caso dos Mirós é engraçado, porque não é um tema cultural porque mete política, aí nós já não temos muito campo de manobra, porque nós já não temos muitas fontes junto dos políticos, mas temos formas às vezes de saber coisas, que sendo de cultura também ultrapassam um bocadinho esta barreira da cultura, passam para a questão mais política. Mas de facto, nós fazemos um pouco de tudo, temos é poucas pessoas para fazer essas coisas todas que precisávamos de fazer mais.

### **O que difere o jornalismo generalista do Jornalismo Cultural?**

Em rádio acho que difere muito, nomeadamente a abordagem que nós damos às peças, porque Quando tu tens uma peça de cultura, em rádio, tu podes pôr sons, podes pôr uma peça mais dinâmica do ponto de vista do ouvinte e apelar um bocadinho mais àquela questão que na rádio é tão importante, que é a imaginação a partir do som. E na cultura, tu tens uma paleta de sons muito maiores do que tens por exemplo nas reportagens de política, em que está ali um senhor a falar e tu fazes uma peça simples, em que é a tua voz a voz dele, a tua voz a voz dele. Em cultura tu podes inovar um bocadinho, a cultura dá-te autorização, às vezes, permissão até para poderes ser diferente de outras peças, e é aí que eu acho que o jornalismo cultural difere do resto da atualidade. Mas nem sempre precisa de ser assim, há peças de cultura que também podem ser chatas, depende dos temas.

### **A Linguagem utilizada é diferente?**

Bem, eu antes de vir para a cultura estava nos turnos. A linguagem é diferente porque a linguagem tem de ser diferente dependendo do assunto. Tu não falas de futebol da mesma forma que falas de uma peça de teatro. Ok, se tu quiseres, numa análise mais à essência, sim há. Na cultura tu podes ter uma linguagem mais até brincalhona, podes jogar mais com as palavras, que noutros temas não te permite. Um jogo de futebol é um jogo de futebol, 90 minutos, aqueles jogadores, não podes andar ali a jogar muito. Na cultura podes jogar um bocadinho mais, a linguagem pode ser mais suave, mais fluída, mas isso também depende muito das pessoas. Há pessoas que fazem peças de cultura como fazem

peças de futebol ou de política, não difere muito, mas sim, dá-te essa “autorização” para brincaremos mais com as palavras, por exemplo, tornar o texto mais apelativo, mas isso também depende da criatividade de cada um.

### **Quais os cuidados a ter quando se faz uma peça de cultura?**

No fundo, o que eu faço quando faço uma peça de cultura e falo pela minha experiência, é: quando eu vou a um sítio, tendo a tentar perceber aquilo que pode ser mais apelativo naquela história toda. Acho que a peça de cultura, tem de começar tem de começar por aquilo que tu achas mais apelativo ou então é notícia. Quando tu vais a coisas de cultura, como não tem propriamente uma notícia, podes começar por outro lado qualquer que tu aches mais interessante, depois se vai ou não agradar aos ouvintes isso depende, porque os ouvintes são muito vastos e eu acho que eu não trabalho a pensar nos ouvintes, trabalho a pensar no ouvinte que eu sou e que eu gostaria de ouvir. E como tal, acho que esse processo é todo mais fácil se tu pensares assim, se tu pensares que estás a fazer uma coisa com cabeça tronco e membros, tens de esclarecer bem daquilo que se trata, não fazeres um texto super difuso que ninguém entenda, porque na cultura às vezes há esta tendência.

No próprio local podes ter a noção do que queres ou não, onde queres começar o que é que queres contar, às vezes não tens no local essa noção, do que é que queres, então quando chegas aqui, vai ouvir o material todo, vais ler um bocadinho sobre o assunto, se não leste antes, devias ler antes, mas às vezes não dá tempo. Se tiveres sons interessantes podes arrancar com coisas mais interessantes, sem ser pela notícia. Se tiveres notícia convém arrancares pela notícia. Depois há um cuidado que eu tenho e que a maior parte das pessoas que trabalham na rádio tem que é a questão dos sons, onde pôr os sons para que os sons façam sentido, se tens ruídos ambientes, se tens sons de peças de teatro, ou sons de pessoas, aquilo tem que entrar na peça de forma a que não seja por acaso, tem de fazer um sentido, as coisas numa peça têm de contar uma história. Basicamente uma peça conta uma história, se tu tiveres sons para corroborar essa tua ideia de história, é fantástico, porque a rádio tem de criar esse ambiente e se conseguires esse ambiente... nem sempre é fácil, porque os sons também às vezes não acontecem quando tu queres. Mas vais fazer uma reportagem sobre uma viagem de comboio cultural, por exemplo, se não tiveres o ruído do comboio, o som do apito, de que é que adianta falares de uma viagem de comboio cultural? Tens de ter uma forma de chamar a atenção e que tenha de

facto um fio condutor, entre os sons o texto, o que as pessoas dizem, ter um arranque interessante e ter um final que deixe água na boca.

### **O que deve ter um jornalista cultural?**

Eu podia dizer que é a bagagem cultural, é verdade, mas o que é que é bagagem cultural? Ler muito, é importante saber o que é que se está a passar, é importante saber de agendas culturais, é importante saber que peças de teatro interessam. Há tantas coisas a acontecer a nível cultural, se tu não tiveres uma escolha e isso começa logo no início, tu escolhes as coisas que vais cobrir, tens de ter a noção do que é que interessa e do que é que não interessa e isso também se faz com o teu próprio conhecimento. Se tiveres um conhecimento do que se está a passar naquela área já se sabe o que é melhor, depois não vais fazer sobre uma peça de teatro que se sabe que não vai ninguém e não é sequer respeitada, só porque tu queres, tem de haver ali um princípio de sobriedade, porque é que escolheste fazer esta reportagem e não a outra, tem de haver um critério e isso parte de nós.

O jornalista cultural tem de ter alguma bagagem cultural, tem de ter um conhecimento do que se está a passar, tem de conhecer algumas pessoas no meio cultural que te permitam também avaliar isto, e tem de ler e saber e ver o mundo e conhecer uma série de coisas. Tem de estar atento, Mas isso serve para um jornalista cultural, como serve para outros jornalistas, Na verdade, o jornalismo cultural não tem nada de grande específico em relação ao resto do jornalismo, tem é aquele interesse, que tu podes ter ou não, por certas coisas. No meu caso, eu tenho um grande interesse por literatura, mas também não estou sempre só a falar de literatura. Mas já se sabe que quando há um livro do Herberto Helder, por exemplo, eu acho que nós temos de fazer, mas isso nem sempre é consensual.

### **Existem oportunidades para o jornalismo cultural crescer?**

Tem de ser por aí. Porque tu hoje vais ao Google e tens agenda por todo o lado, no fundo é o que nós fazemos, nós temos agenda. E eu questiono-me na verdade se as pessoas ouviram rádio antes de ir a uma peça, ou ler um livro, mediante de toda a informação que existe hoje em dia, a agenda cai um bocado, eu acho. Também por causa do acesso à internet, noutros tempos tu não sabias, podias ter uma ideia do que é que se passa num cartaz de um teatro ou do cinema mas hoje tu tens acesso a tudo, hoje a informação é super rápida, mais rápida do que nós até na rádio.

Portanto, e acho que o Jornalismo de investigação cultural tem que ser a nossa aposta porque, agenda toda a gente faz. Mas também sei que é difícil, sei que não é fácil nesta área. O que é que o jornalismo de investigação cultural pode trazer de novo, podemos desenterrar casos, como por exemplo aquele quadro que o Público até trouxe vários dias reportagens sobre um quadro que foi vendido e não podia ser. Mas para isso, tínhamos de ir aos arquivos, passar semanas lá a consultar coisas, e nós não temos na verdade tempo para isso e a equipa teria de ser maior, para haver uma aposta no jornalismo de investigação com mais entrevistas, com mais intervenientes a dar opinião. Ou seja, debater verdadeiramente uma questão. Nós tínhamos de ter uma equipa muito maior porque não dá. Nós fazemos um bocado tudo pela rama, é verdade, nós não temos por exemplo, um jornal de cultura, que seria importante para refletir. Imagina, hoje há um tema qualquer a nível cultural e temos de refletir sobre ele, e ter várias pessoas que nos ajudassem a refletir sobre ele, nós não temos isso na rádio, infelizmente.

**O facto de não haver um magazine é um obstáculo ao jornalismo cultural na radio?  
Quais são os maiores obstáculos que encontram?**

Acho que há duas vertentes nesse problema. Se nós tivéssemos um magazine cultural, como eu acho que devíamos ter, corríamos o risco de muitas das nossas peças não passarem nos noticiários, porque toda a gente pensava que há ali um espaço, uma gavetazinha na rádio em que eles podem meter cultura portanto, nós não vamos passar. Porque é muito difícil, às vezes, as nossas peças passarem, se são da nossa iniciativa as pessoas tendem em desvalorizar muito a cultura se houver temas marcantes. Eu acredito, que sim, se cair um avião não vais passar uma peça de cultura só por passar. Às vezes é tratada assim como um berloque no final do noticiário, a cultura às vezes tem este tratamento. E portanto, se houvesse um jornal de cultura, este tratamento deixaria de existir, mas também deixariam de passar peças de cultura nos noticiários. Isso é um lado.

O outro lado, é que se houvesse um jornal de cultura havia uma atenção maior para a cultura, havia um painel de pessoas que podiam dar a sua opinião e isso seria mais interessante. Há que canalizar, mas é um pau de dois bicos, sempre. Mas na verdade, nós temos várias Antenas, e a Antena 3 faz esse papel, tem programas de cultura com coisas mais pensadas, com livros, com editores a dar opinião sobre os livros. Na Antena 1 nós temos uma abordagem assim um bocado suave com a cultura.

### **Qual é o futuro do Jornalismo Cultural na Rádio?**

Pois, isso é uma dúvida que todos temos, eu gostava que houvesse uma reflexão sobre este tema. Onde é que nós podemos deixar marcas, em qualquer sítio? É se apostarmos fortemente numa área que seja diferenciada e a cultura é essa área que tem tudo para ser diferenciada. A cultura pode fazer essa diferença, pode pôr as pessoas a pensar em certos temas e a cultura não tem de ficar entrincheirada no tema cultura pura e dura, porque a cultura é quase tudo. Tu podes analisar um tema qualquer de outra área de um ponto de vista cultural e essa reflexão falta-nos. E acho que é por aí que temos de ir, abrir o horizonte e perceber que há ali sempre qualquer questão cultural em todos os temas e a partir daí, avaliar, escolher, dizer, vamos por ali, temos de desenvolver aquela área. E também pela internet na verdade, nós não temos página de cultura, se formos à página da RTP, temos misturada peças de rádio, pelas de televisão, takes da lusa, não há ali nenhum interesse em preparar uma agenda. A nossa página da internet precisava de dar uma volta, e isso também nos ajudaria depois no trabalho do dia-a-dia.

## **5.7. Entrevista Sandy Gageiro – jornalista**

### **Já fizeste Jornalismo Cultural aqui na rádio?**

Quando vim para a Antena 1 foi com essa intenção de trabalhar para a cultura, trabalhei durante muitos anos e até há praticamente dois anos era a área primordial, era a que eu fazia mais.

### **O que difere este jornalismo do jornalismo generalista?**

Qualquer assunto dá reportagem. No sentido em que, quando vamos fazer uma peça de cultura há sempre qualquer coisa que está a acontecer, ou é uma peça de teatro ou um ensaio ou um concerto, uma exposição, uma conferência. Há sempre qualquer coisa que paralelamente ao objetivo que nos levou lá, há sempre mais qualquer coisa a acontecer. Dá para recolher no momento, pessoas que estão a montar uma exposição, conversas paralelas. Em relação àquilo que difere, eu acho que não difere muito das restantes temáticas, temos de ser isentos, objetivos, temos de tentar explicar da melhor forma aquilo que vamos dar a ouvir ao público, sendo que a riqueza no Jornalismo Cultural, é que dentro do âmbito da cultura podemos falar de tudo, porque há sempre política, geografia, literatura, há artistas que abordam todos os assuntos que existem. Portanto eu acho que a grande riqueza é essa, porque muitas vezes damos por nós a ir a uma peça de teatro que é sobre um evento qualquer da história, sobre um conflito, sobre o que está a acontecer hoje. E eu acho que a grande é essa porque todos os dias dá de caras com um assunto diferente.

### **Quais são os cuidados a ter a montar as peças de cultura?**

Normalmente começo por ouvir de novo a informação que recolhi, sendo que quando vou recolher, por exemplo, uma entrevista, já estou a tirar notas sobre aquilo que eu acho que é mais interessante, portanto faço essa primeira triagem. Depois quando volto à redação já tenho essa primeira triagem feita e vou fazer uma outra triagem. Porque como as peças têm um minuto e meio, normalmente para os noticiários, a não ser que depois tenhamos liberdade para fazer uma coisa maior, aí já posso estender um bocadinho mais a informação que trouxe. Mas essa segunda triagem serve para conseguir ter aqueles sons de 15/20 segundos que eu preciso para a peça e quando isso acontece, tirar expressões ou um suspiro ou um riso que essa pessoa terá emitido durante a entrevista. Algo que eu gosto às vezes de usar nas peças de cultura, tal como os outros colegas que também fazem

cultura, também gostam de aproveitar essas pequenas peculiaridades de cada entrevistado. Ou se aconteceu alguma coisa durante a entrevista, ou sons da peça que fomos ver, normalmente temos de jogar com isso tudo para tentar dar da melhor forma o ambiente que vivemos, enquanto estivemos a fazer aquela reportagem.

### **Quais as características que um jornalista cultura deve ter?**

Vou falar da experiência que adquiri enquanto jornalista na Antena 1. Ter sempre presente que as pessoas para quem eu estou a falar, são pessoas de diversas origens. E eu gosto de manter essa ideia presente, porque quando se faz durante muito tempo cultura, tal como as outras pessoas que fazem as outras áreas durante muito tempo, ficamos muito familiarizados com os termos e ficamos muito familiarizados com os atores da área da cultura.

Com curadores, atores, encenadores, músicos, etc. E muitas vezes pode haver essa tentação, não é tentação, mas não se faz por mal, é de repente, falar desta pessoa ou desta peça sem a apresentar e sem a contextualizar. Isso pode soar depois a presunção, porque nos esquecemos que se calhar há pessoas que nunca ouviram falar disto. Aprendi durante a faculdade, no estágio e pelos sítios por onde passei antes de chegar à Antena 1, as pessoas sempre me disseram: “não te esqueças de contextualizar sempre!”, recordar de onde veio esta informação. Ou seja, se eu falar de um encenador como o Alberto Albreste, recordar que foi o encenador que trabalhou em altura X sob estas condições neste período da história e isso aí já faz mais sentido depois para as pessoas. Nós na rádio pública temos de pensar em toda a gente, norte a sul ilhas e internacional. E acho que isso é fundamental, para quem faz cultura ou outra área qualquer.

### **Há um ano e meio que não existe um espaço dedicado só à cultura, um magazine, se existisse neste momento, era uma mais-valia para a Antena 1?**

Eu acho que, é uma mais-valia e explico porquê. Porque no dia-a-dia, atualmente, temos duas pessoas dedicadas a tempo inteiro à cultura, que é o Mário Rui Cardoso e a Alexandra Sofia Costa, que fazem diariamente muitas peças, agora deparo-me com essa problemática porque estou a fazer os noticiários e noto que a atualidade está tão assoberbada com assuntos de última hora e grande peso, que infelizmente e apesar de nós termos 24 horas de emissão, às vezes essas peças acabam por se perder o que é lamentável, porque fazem parte de qualquer bloco informativo e devem fazer parte sempre. E eu acho que se houvesse um espaço para onde se canaliza-se essas peças, não se sentia depois tanta falta nos noticiários. Se tivémos um dia, como o dia em que houve os atentados na

bélgica, já sabemos que o dia vai ser todo dedicado a isso. E se calhar, os jornalistas estiveram a esforçar-se para fazer peças super importantes para aquele dia, de estreias, de inaugurações que se perderam no espaço informativo, que teve de ser mais dedicado a essa questão urgente de ultima hora e essas peças muitas vezes acabam por se diluir. Apesar de a Antena 2 e 3 arranjam sempre um espaço para ter sempre essa informação.

Ainda assim, o canal principal, a Antena 1 acabou por não ter essas peças que eram importantes. E é engraçado, enquanto trabalhei na cultura eu percebi, há tanta matéria para fazer um programa, seja semanal, seja diário, há sempre coisas a acontecer de norte a sul do país, aliás a dificuldade às vezes é conseguir dar conta de tudo.

### **Editoria é de cultura ou de espetáculos?**

É de cultura mas vive com grandes dificuldades obviamente porque só duas pessoas são de facto poucas para conseguir fazer tudo. Porque lá está, essas duas pessoas tem de conciliar cultura, política cultural e os espetáculos que estão a estrear e as coisas que estão a acontecer no país. Portanto realmente, para conseguir acompanhar tudo o ideal era ter alguém que pudesse estar a acompanhar, a fazer telefonemas, a criar fontes etc, para ter notícias de âmbito de política cultural e problemas com que as companhias se debatem de dinheiro e fazer os espetáculos, isto dá tudo muito trabalho. Porque lá está, cada peça de cultura demora mais tempo do que uma peça feita na redação ou por telefone, e tem mais investimento por parte do jornalista. Para quem acha que a cultura não precisa de muita gente, eu não concordo nada com isso, acho que precisava até de mais.

### **Na Antena 1 e no geral, quais são os maiores obstáculos?**

O espaço que têm nos noticiários, que facilmente é arrastado para último plano e depois cai e como também não há muita hipótese de abrir aqueles espaços da informação especial que temos diariamente, também não é muito fácil esse espaço ser dedicado à cultura, porque vai para a saúde para o ambiente para defesa. Normalmente para as questões que são consideradas mais importantes e infelizmente esse acaba por ser o obstáculo. O espaço e o tempo da informação, porque se houvesse esse tal magazine, seria muito mais fácil, podia ser explorado de todas as maneiras, até no âmbito da política cultural.

## **Qual o futuro do Jornalismo Cultural na Antena 1?**

Espero que seja bom. Espero que seja um futuro com muito espaço. Porque o que eu noto é que em 16 anos que trabalho na área, é que cresceu para todos os lados. Temos pessoas cada vez mais transversais, esta geração dos 25/40 em Portugal, deu-nos coisas incríveis. As coisas estavam muito mais espartilhadas antes, ou era cinema, ou era música e não havia como há com tanta intensidade que há agora. Não sei se foi por causa do fim do grande poder das editoras e das grandes produtoras, vimos nascer projetos que se autossustentam e que são criado por si só em casa ou por um grupo de amigos e deram coisas fantásticas, desde bandas até realizadores, bailarinos que também são atores porque vive-se muito esta transversalidade agora, festivais que existem agora e que não existiam antes mais de norte a sul do país, cruzamento de música tradicional com música pop, floresceram imensas coisas que não existiam antes. Eu acho que o espaço que a cultura precisa é ainda maior porque de facto não existia tanta coisa como existe agora, em diferentes formatos, em grande, em pequeno, em festival, em micro apresentação. O futuro que vier espero que seja bom e que seja grande porque há imensa coisa para dar conta e para informar o público.